

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
CURSO DE MESTRADO

O CARÁTER DISCURSIVO E POLIFÔNICO DA HOMILIA CATÓLICA: UMA ANÁLISE
DENTRO DO CAMPO RELIGIOSO

RITA DE KÁSSIA PONTES SILVA

Rita de Kássia Pontes Silva

O CARÁTER DISCURSIVO E POLIFÔNICO DA HOMILIA CATÓLICA:
UMA ANÁLISE DENTRO DO CAMPO RELIGIOSO

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. José Afonso Chaves

RECIFE

2022



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
COORDENAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – MESTRADO

RITA DE KÁSSIA PONTES SILVA

O CARÁTER DISCURSIVO E POLIFÔNICO DA HOMILIA CATÓLICA:
UMA ANÁLISE DENTRO DO CAMPO RELIGIOSO

Dissertação aprovada em 09 de março de 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Afonso Chaves (Orientador e Presidente da Banca)

Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos (Titular Interno)

Prof. Dr. André Luiz de Holanda Oliveira (Titular Externo)

RECIFE, 2022

S586c

Silva, Rita de Kássia Pontes

O caráter discursivo e polifônico da homilia católica:
uma análise dentro do campo religioso / Rita de Kássia
Pontes Silva, 2022.

85 f. : il.

Orientador: José Afonso Chaves

Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências da
Religião. Mestrado em Ciências da Religião, 2022.

1. Sermões – Igreja Católica. 2. Análise do discurso.
3. Bíblia- Uso homilético. I. Título.

CDU 252.8

Luciana Vidal - CRB 4/1338

Agradecimentos

A Deus, pelo dom da vida e por me dar sabedoria e saúde. À Nossa Senhora, minha Mãe e Rainha por me conduzir pela mão e me guardar em seu regaço acolhedor. A São José, que providenciou tudo! Aos meus santos intercessores (populares e particulares), muito obrigada!

A meu esposo Madiel e meu filho Pedro por todo amor, apoio, carinho, colo, orações, compreensão e motivação. Sem eles, não teria chegado até aqui. Eles sabem de todos os mínimos detalhes desde a inscrição para a seleção até o dia da defesa, sabem e acompanharam muito de perto todos os risos e lágrimas, ânimos e desânimos. É por eles! E a toda família, cada um a seu modo e do seu jeito, gratidão por sempre acreditarem em mim.

À Universidade Católica de Pernambuco, especificamente ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e a todos os professores que, além de conhecimento e aprendizado, se fazem presentes em amizade na caminhada da vida, dando uma atenção a meu orientador, Afonso Chaves, que teve muita paciência e soube me conduzir na construção dessa dissertação com resiliência e profissionalismo.

À Capes/ CNPQ pelo financiamento do estudo.

Aos colegas de classe (tanto do mestrado quanto do doutorado) que em cada disciplina e em cada momento extraclasse deixaram um pouco de si e levaram um pouco de mim, com um carinho mais que especial a Valmir Assis, companheiro na fé, de estudos e de risadas, de força e de escuta, de impulso e de silêncios, uma amizade para além das palavras.

A meu local de trabalho, a Gerência de Políticas Educacionais de Jovens, Adultos e Idosos – GEJAI e a todos os meus colegas de profissão, por todo suporte em me permitir fazer o mestrado, organizando meus horários de frequência e contribuindo para que tudo fosse caminhando da melhor forma possível e uma coisa não atrapalhasse a outra, bem como todo o carinho e torcida por cada vitória alcançada e por partilharem comigo das alegrias durante esses anos de mestrado.

Aos sacerdotes, seminaristas e diáconos que contribuíram com esse estudo numa área que lhes é tão peculiar e importante. Deus os favoreça de ricas bênçãos.

Por fim, a todos os amigos de perto e de longe que sempre deram força, seguraram minhas mãos e me ajudaram a levantar quando o peso não era suportável e por torcer, mas acima de tudo, rezar para que a vontade de Deus se cumprisse em cada linha escrita. A vocês, minha enorme gratidão!

Resumo

Um dos primeiros objetivos da homilia é colaborar para que a palavra cristã seja melhor compreendida pelos fiéis reunidos. Para Buyst (2001) a homilia serve para encorajar, animar, exortar, consolar e falar dos mistérios da fé, levando os que a ouvem a uma participação ativa e consciente, e isso é função do sacerdote, que também depende da participação do fiel durante a homilia para que esta tenha resultados eficazes para “produzir frutos”. É a mensagem enviada que exige uma resposta, e que nos faz, pautado em Bakhtin (2000), defini-la como um gênero discursivo, pois constitui, de fato, um enunciado estável do ponto de vista litúrgico, pois sua finalidade é a compreensão da mensagem transmitida ao fiel pelo celebrante e porque se constitui a partir das relações estabelecidas com outros enunciados, entre os quais os textos da Bíblia. O intuito da homilia é, então, a aplicação da mensagem bíblica ao aqui e agora da vida humana. Encarada aqui como um importante bem simbólico, como afirma Bourdieu, a homilia pode contribuir para compreender o trânsito religioso apontado em diversas pesquisas pautadas em dados censitários. Atualmente o que se percebe é uma variedade de situações: muitos padres que conseguem expressar-se bem e as pessoas compreendem a mensagem emitida, outros que não conseguem emitir de forma compreensível a mensagem, não despertando as pessoas para uma compreensão responsiva eficaz. No caso da linguagem, em especial a dos padres, percebe-se que os anos de estudo para a formação teológica, filosófica, os documentos da Igreja os levam a usar uma linguagem erudita. Como então o sacerdote pode tornar comum a linguagem usada nas homilias? É preciso que o emissor se coloque no lugar do ouvinte para perguntar-se o que ele vai entender. Por fazer parte de um culto religioso, não é um discurso qualquer, mas está legitimada pela força coerciva da religião e da fé. Esperamos, com este trabalho, apresentar os aspectos constitutivos que caracterizam a homilia como um gênero discursivo e polifônico, bem como os aspectos comunicativos e à capacidade desse discurso em influenciar e modificar comportamentos e atitudes de pessoas, destacando a homilia como um importante bem simbólico nesse jogo de poder apresentado dentro do campo religioso no país.

Palavras-chave: Homilia. Análise do discurso. Bem simbólico. Polifonia.

Abstract

One of the first objectives of the homily is to collaborate so that the Christian word is better understood by the assembled faithful. For Buyst (2001) the homily serves to encourage, animate, exhort, console and speak of the mysteries of the faith, leading those who hear it to an active and conscious participation, and this is the function of the priest, who also depends on the participation of the faithful during the homily so that it has effective results to “bear fruit”. It is the message sent that demands a response, and that makes us, based on Bakhtin (2000), define it as a discursive genre, as it constitutes, in fact, a stable utterance from the liturgical point of view, since its purpose is to understand of the message transmitted to the faithful by the celebrant and because it is constituted from the relationships established with other statements, including the texts of the Bible. The purpose of the homily is, then, the application of the biblical message to the here and now of human life. Viewed here as an important symbolic asset, as Bourdieu claims, the homily can contribute to understanding the religious transit pointed out in several studies based on census data. Currently, what is perceived is a variety of situations: many priests who manage to express themselves well and people understand the message sent, others who cannot convey the message in an understandable way, not awakening people to an effective responsive understanding. In the case of language, especially that of the priests, it is clear that the years of study for theological and philosophical formation, the documents of the Church, lead them to use an erudite language. How then can the priest make common the language used in homilies? It is necessary for the sender to put himself in the place of the listener to ask himself what he will understand. As part of a religious cult, it is not just any discourse, but it is legitimized by the coercive force of religion and faith. We hope, with this work, to present the constitutive aspects that characterize the homily as a discursive and polyphonic genre, as well as the communicative aspects and the ability of this discourse to influence and modify people's behaviors and attitudes, highlighting the homily as an important symbolic asset in this power game presented within the religious field in the country.

Keywords: Homily. Speech analysis. Very symbolic. Polyphony.

Sumário

1. Introdução.....	9
2. Capítulo 1.....	12
2.1. Catolicismo e cultura no Brasil	12
2.2. Crise do catolicismo e sociedade contemporânea	23
3. Capítulo 2.....	36
3.1. Definição e caracterização da homilia	36
3.2. Homilia como gênero discursivo e polifônico	39
3.3. Panorama histórico da homilia	46
3.4. A homilia no pós Vaticano II	52
3.5. O homiliasta: aquele que profere a homilia	58
4. Capítulo 3.....	62
4.1. Análises	62
4.2. Conteúdo temático:	64
4.3. Elementos composicionais:	66
4.4. Função sociocomunicativa.....	69
4.5. Superfície linguística	71
4.6. Condições de produção	73
Considerações finais	80
Referências.....	82

1. Introdução

Durante toda a minha vida, desde muito cedo, a vivência dentro da Igreja Católica despertou-me muita curiosidade, principalmente no aspecto da preparação dos sacerdotes para a celebração da Missa e, em particular, a homilia proferida naquela ocasião. Já tive contato com muitos padres que apresentam maneiras de pregar muito diferentes uns dos outros, desde a linguagem, a intertextualidade, a duração, até a reação das pessoas ao meu redor durante a realização da pregação. Dependendo do jeito como a homilia é conduzida, as reações das pessoas variam desde apenas ouvir até a expressar emoções com risos ou lágrimas, entre outras.

Como participante assídua, comecei a querer compreender como seria o processo de estudo dos seminaristas deste gênero em particular para fazer as homilias, bem como entender as estratégias que os padres usam para realizá-las na sua vida pastoral e o que as pessoas entendem sobre o gênero homilia a partir de suas opiniões.

Conversando com alguns sacerdotes, seminaristas e leigos participantes das missas nas paróquias que frequento, pude perceber que há ainda um certo grau de desconhecimento sobre a estrutura do gênero homilia e sobre o seu caráter comunicativo e formativo, como também ficou evidente por parte de quem ouve que muitas vezes ela se apresenta como uma fala retrógrada, cansativa ou até mesmo ineficaz, pobre em elementos comunicativos. Também ficou evidente que cada pregador segue uma linha particular de homilia, partindo de um ponto comum – que é a proclamação da mensagem da Palavra de Deus - mas colocando suas próprias vozes a serviço do gênero, que recebe ainda a influência de quem ouve a homilia, incorporando à sua realidade de vida e comportamento.

Daí surgiu a ideia desta pesquisa, elegendo o gênero homilia como objeto de nosso estudo, através de análises de homilias transcritas nos primeiros domingos do advento no ano de 2019 e de um corpo teórico pautado em Bakhtin com o conceito de polifonia discursiva, Bourdieu com o conceito de campo, agente e bem simbólico, Travaglia com análise estrutural dos gêneros textuais comunicativos, Steil com suas análises comparatórias de dados de pesquisas sobre o catolicismo no Brasil, Carvalho e Trudel com suas definições de homilia como parte integrante da liturgia católica, entre outros autores da temática religiosa e linguística.

A problemática até então citada aqui como uma inquietação pessoal tem parte de sua justificativa nos dados apresentados no Censo 2010, com a queda do percentual de católicos no país (cerca de 9% desde o último Censo, e com variações maiores nas regiões Norte, Nordeste

e Sul). Muitos dos entrevistados na citada pesquisa e em outros estudos consultados alegaram que o culto católico não se fazia mais atrativo, não cativando o suficiente para permanência na religião. De acordo com Aquino, as homilias e catequeses se voltaram para o social. O frei Raniero Cantalamessa, pregador oficial do Papa Francisco, chegou a dizer, na homilia de abertura do advento de 2018 que “a Igreja na América fez uma opção pelos pobres, mas estes fizeram uma opção pelas igrejas evangélicas, porque nelas se fala de Deus e de tudo que foi excluído da catequese católica”. Em 1996, falando aos bispos do Brasil (Regionais Nordeste I e IV), sobre a “ameaça das seitas”, São João Paulo II falou desse grave “esvaziamento espiritual”. Disse aos bispos, entre outras coisas,

O ministério da Palavra, que está intimamente ligado à Liturgia Eucarística (cf. SC, 56), contenha sempre, do início ao fim, uma mensagem espiritual. É certo que há tanta gente que não possui o suficiente para acalmar a própria fome, mas, ordinariamente, o povo tem mais fome de Deus que do pão material, pois entende que “não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4, 4) ” (JOÃO PAULO II, CNBB, 1996¹)

Como objetivos de nosso trabalho, buscamos:

- Compreender os aspectos constitutivos que caracterizam a homilia primeiramente como um gênero discursivo constituído de caráter polifônico, quanto aos aspectos comunicativos, especificamente por uma apresentação histórica dos elementos constitutivos do gênero homilia católica;

- Em seguida, por meio de uma análise, partindo dos elementos constitutivos, entender como a homilia se apresenta como um bem simbólico e como um dos artifícios de reação e reposicionamento da Igreja Católica perante o declínio do catolicismo brasileiro, decorrente de transformações sociais, culturais e políticas.

No primeiro capítulo, abordamos o catolicismo e a cultura no Brasil, fazendo uma leitura da atual situação do catolicismo dentro da sociedade atual, com seus processos de realização e reorganização e os traços de diversidade e pluralidade dentro do campo religioso apresentado por diversas pesquisas, tendo como ponto de partida os dados do Censo de 2011 e de relatórios da CERIS e do Datafolha, bem como dos estudos comparatórios desses dados realizados por Steil, Sanchis e Sofiati, entre outros. No ponto seguinte, vamos compreender, por meio de conceitos apresentados por Bourdieu, que a religião é entendida de forma geral como um sistema simbólico e de pensamento que organiza a sociedade e que com sua força estruturante confere um caráter de poder entre os sujeitos envolvidos, que se manifesta na formação social de um povo, com suas normas de imposição e legitimação de uma dominação, ameaçada por

¹http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1996/january/documents/hf_jp-ii_spe_19960129_brazil-ad-limina.html

um quadro de pluralidade de manifestações dentro do catolicismo e, tendo na homilia um artifício de oferta de satisfação da vida de fé de uma comunidade dentro de um campo.

No capítulo seguinte, traçamos uma caracterização e definimos a homilia enquanto gênero discursivo, partindo de documentos oficiais da igreja, como a *Sacrosanctum Concilium*, a *Dei Verbum*, a *Verbum Domini*, a *Evangelii Gaudium*, entre outros, com a apresentação dos elementos destacados por Gelineau que devem ser explorados no processo comunicativo entre emissor e receptor, conjuntamente com os pontos elencados por Beckhäuser sobre os caracteres da homilia. Fazemos uma breve conceituação da homilia enquanto gênero textual oral polifônico, com a base conceitual de Bakhtin, Travaglia e outros autores importantes para compreensão do processo dialógico e comunicativo.

O último capítulo traz as análises de homilias coletadas no período de advento de 2019, nas quais observamos a realização do gênero e buscamos compreender como a homilia funciona como um bem simbólico importante nesse contexto de tantas disputas dentro do campo religioso.

2. Capítulo 1

2.1. Catolicismo e cultura no Brasil

O catolicismo é considerado uma das maiores manifestações religiosas do mundo. Revela-se detentor de uma grande complexidade. No caso do Brasil, especificamente, ganha uma característica de grande amplitude: a diversidade, que ressalta um traço de pluralidade em sua constituição. Antes de tratarmos com mais afinco sobre um aspecto tão particular do meio católico que é a homilia, precisamos compreender e analisar como o catolicismo, e, por que não, como a Igreja Católica vem caminhando em nosso país, fazendo um apanhado histórico desde a época do descobrimento (de forma elucidativa apenas, sem aprofundamentos), mas tomando como um ponto de partida para as análises o final do Concílio Vaticano II, com base principalmente nos dados oferecidos através dos Censos realizados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)², com contribuições dos relatórios apresentados pela CERIS (Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais)³ e pesquisas do Datafolha⁴ referente às religiões no Brasil. Compreender e analisar também como se configura o campo religioso católico em nosso país, tendo em vista essa diversidade, essa pluralidade, ambas já destacadas.

Diversos estudos já foram feitos a respeito dos resultados que são apresentados a cada censo. Discorrer sobre estes dados, que mostram o número de católicos no Brasil diminuindo a cada década, tem se tornado quase que um “lugar comum” nas ciências sociais da religião. O ponto que mais chama nossa atenção aqui é o decréscimo constante no número de fiéis na igreja católica e a isso se devem muitos fatores. Existe uma transição religiosa que ocorre na medida em que o monopólio católico (até 1889 o catolicismo era religião oficial do país) está sendo progressivamente substituído por um cenário religioso mais plural e diverso, onde existe uma razoável liberdade de culto e as pessoas podem escolher aquelas denominações que mais lhes agrade. Questionamentos sobre a perda de espaço do catolicismo na sociedade devido a oferta

² O censo ou recenseamento demográfico é um estudo estatístico referente a uma população que possibilita o recolhimento de várias informações, tais como o número de homens, mulheres, crianças e idosos, onde e como vivem as pessoas. Esse estudo é realizado, normalmente, de dez em dez anos, na maioria dos países. No Brasil, é realizado pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, um instituto público da administração federal brasileira criado em 1934 e instalado em 1936 com o nome de Instituto Nacional de Estatística; seu fundador e grande incentivador foi o estatístico Mário Augusto Teixeira de Freitas. O nome atual data de 1938.

³ CERIS - Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais (CERIS) é uma fundação de fins sociais vinculada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB). Criada em 1962, a instituição tem por missão contribuir para uma presença mais significativa da Igreja Católica na sociedade, com estudos, pesquisas e também ações que propiciem o desenvolvimento de sua ação pastoral e social. Dentre os projetos de maior importância estão o Censo Anual da Igreja Católica no Brasil e o Anuário Católico.

⁴ O Datafolha é um instituto de pesquisas do Grupo Folha, conjunto de empresas coligadas do qual o jornal Folha de São Paulo faz parte. Fundado em 1983, como departamento de pesquisas da Folha da Manhã, estabeleceu-se com estrutura independente para atender a clientes externos em 1990.

de outras religiões, ou até de uma imagem desgastada da estrutura institucional da igreja são constantes nos estudos. O que tem sido menos recorrente, no entanto, é o cruzamento dos dados coletados pelo censo com outras pesquisas quantitativas.

Não há de se negar o importante e histórico papel que a Igreja Católica Apostólica Romana tem na história da formação dos povos em diversos lugares do planeta, com destaque para todo o processo de colonização de formação da sociedade brasileira desde o descobrimento da nação. Pierre Sanchis cita um trecho de um discurso do padre Júlio Maria, proferido em 1900 no qual o sacerdote afirmava que “o catolicismo formou a nossa nacionalidade, de modo que o ideal de pátria brasileira sem a fé católica é um absurdo histórico, tanto como uma impossibilidade política” (SANCHIS, 1994, p. 147). A hegemonia do catolicismo durante os primeiros 350 anos de nossa colonização influenciou profundamente o processo de formação da cultura brasileira, com a inserção de seus valores religiosos e morais, posturas e visão de mundo, além de influir na constituição dos grupos sociais que dão sentido ao nosso modelo de nação (AZZI, 2008, p.46).

A Igreja Católica esteve presente no território brasileiro desde o início do projeto colonial português. Quatro dias após aqui desembarcar, Pedro Álvares Cabral, católico, solicitou que fosse celebrada uma missa. Em todo seu projeto de colonização, a igreja participou ativamente e teve um crescimento fortalecido principalmente junto às populações rurais, as quais apresentavam uma baixa mobilidade social e pouco dinamismo (VIEIRA, 2016, p. 207). Porém, com o processo acelerado de desenvolvimento e de urbanização, houve um tipo de desenraizamento da população rural que optou por migrar para as periferias dos centros urbanos e já não encontrava tanta atenção e suporte por parte da Igreja, visto que a falta de padres e o clericalismo a afastou das áreas de expansão demográfica. Após a Independência do Brasil, em 1822, chegaram ao Brasil imigrantes ingleses anglicanos e imigrantes europeus luteranos, especialmente no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul e na região serrana capixaba, de grande importância para a formação de alguns municípios que já nasceram com a maioria de sua população de profissão de fé protestante. Segundo dados do Censo demográfico realizado em 1890, os católicos representavam 99% da população brasileira (VIEIRA, 2017, p.134).

O conservadorismo, o aparente anti-modernismo, a centralização do poder e a rigidez da hierarquia católica dificultaram a expansão da igreja nas áreas mais dinâmicas do país, acelerando um processo de desafeição ao catolicismo.

Mesmo depois de 350 anos, o Brasil ainda é o maior país católico do mundo e possui mais de 100 milhões de habitantes que se autodeclaram católicos (praticantes ou não praticantes). Em termos percentuais, de acordo com uma pesquisa feita pelo Instituto Datafolha em 2020, os católicos representavam mais de 90% da população em meados do século XX. Mas este quadro rapidamente nas últimas décadas e há 4 tendências claras: a primeira é a queda de filiações católicas durante todas as décadas do século XX, com um acentuado declínio entre 1991 e 2010; em segundo, o consistente crescimento das filiações evangélicas e com aceleração nas últimas décadas, principalmente com base na diversificação das denominações e aumento dos evangélicos não institucionalizados, mas abaixo do percentual de perda católica; em terceiro, um crescimento do percentual das religiões não-cristãs e, por fim, um aumento do número de pessoas que se autodeclaram sem religião (incluindo ateus e agnósticos).

Sobre a primeira e a segunda tendência, podemos evidenciar os seguintes dados: a expressividade crescente das filiações das pessoas ao protestantismo é evidenciada pelas diversas ondas de crescimento das denominações pentecostais que começaram a ganhar espaço em meados dos primeiros anos do século XX, com os “evangélicos em missão” atuantes na fundação da Congregação Cristã no Brasil e da Assembleia de Deus (primeira onda), seguidas pela fundação da Igreja do Evangelho Quadrangular (segunda onda), culminando com o neopentecostalismo caracterizado pela fundação das Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus e Igreja Renascer em Cristo, entre outras menores. Como nos afirma Alves,

[...] os cristãos (católicos apostólicos romanos + evangélicos tradicionais e pentecostais) são o grupo religioso amplamente majoritário. Mas o aumento da pluralidade religiosa fez o percentual de cristãos cair de 97% em 1970, para 89,3% em 2000 e para 86,8% em 2010. Além disso, dentro desse grupo há um movimento acelerado de queda dos católicos e de crescimento dos evangélicos. (ALVES, 2017, p.216)

Uma das explicações mais coerentes a respeito do evidente decréscimo católico, como continua a pesquisa do Datafolha, é a dificuldade em acompanhar os processos migratórios internos dentro do país. Onde a presença do catolicismo mais diminuiu e onde os protestantes de cunho pentecostal e de forte agilidade - juntamente com aqueles que se denominam sem religião - mais cresceram, são nas regiões periféricas das grandes metrópoles, muitas vezes de difícil acesso para as estruturas eclesiais da Igreja Católica. No campo evangélico, as denominações ganharam muito espaço não somente por meio da migração interna, mas em grande parte pelo trabalho missionário de tradição estrangeira, encontrando um terreno bastante fértil entre os segmentos mais pobres da população – não que a pobreza em si explique todo

esse processo -, mas com uma forte tendência de expansão para as demais camadas sociodemográficas da sociedade brasileira.

Faz-se necessário destacar aqui que as diversas expressões do protestantismo europeu já haviam ressignificado muito dos elementos da Reforma do século XVI, criados por Lutero, Calvino e outros reformadores. Cunha (2004, p.64) nos mostra que a diversidade de significações encontradas aqui, deu forma a um todo coerente, que revestiu de motivação o empreendimento missionário que levou norte-americanos protestantes, financiados por suas igrejas e por sociedades missionárias autônomas, para a América Latina a partir do século XIX. Num primeiro momento, chegaram ao Brasil anglicanos ingleses e luteranos alemães. Mais tarde, chegaram congregacionais, presbiterianos, metodistas, batistas e episcopais. Visavam, entre outras coisas, a criação de uma instituição válida em busca de restaurar os princípios básicos do cristianismo, assim como a reforma da Igreja que estava “corrompida” na visão deles. O grande carro-chefe era o ministério da pregação, incitando um rigor no estudo da Bíblia, traduzindo os textos para uma linguagem mais inteligível pelo povo e fazendo com que a Sagrada Escritura passasse a ser a maior autoridade eclesiástica (*Sola Scriptura*). A pregação apresentava o protestantismo como única e verdadeira religião e a postura de negação das manifestações culturais nativas apresentava as práticas e costumes anglo-saxões como os verdadeiros valores culturais. Os missionários protestantes iam ganhando espaço nas periferias e nas áreas rurais. Vestiam-se como o povo (sem as vestes litúrgicas tradicionais do catolicismo) e realizavam os cultos e pregações em qualquer lugar que se pudesse fazer-se ouvir. O anticatolicismo, segundo Cunha (2004, p.68) passa a ser uma das grandes características da pregação missionária protestante.

O fato que merece uma observação aqui tem relação com esse processo de expansão. Culturalmente falando, mesmo que o protestantismo cresça e ultrapasse o número de católicos, será um dado de pessoas convertidas numa sociedade que foi fundada pela denominação praticada pelos colonizadores e que trouxe seus elementos culturais para a formação desse povo.

Dentro ainda da segunda tendência, é necessário observar que a porcentagem de mais de 20% de evangélicos apresentada pelo Censo 2010 é fragmentada em diversas denominações e estruturas internas diferenciadas, fato que ocorre muito mais nos últimos anos dentro do cenário nacional, não com a chegada de novas ideologias, mas com separações que ocorrem entre os membros no interior de uma estrutura e que dá origem a outra estrutura menor, as dissidências que “geram” outras “igrejas” e que afetam, também, nos processos de identidade evangélica pentecostal, trazendo para dentro de sua organização até mesmo elementos híbridos

com referências a outras manifestações religiosas, incluindo o catolicismo. Tal diversificação interna, como nos diz Sofiati (2018, p.287), “multiplica o número de seguidores e de instituições, dificulta crescentemente a questão da representatividade e da identidade comum num campo religioso em constante disputa”.

A maior delas, a Assembleia de Deus (em segundo lugar em números de fiéis pelo Censo 2010 e que se configura mais como uma marca do que como uma única entidade, com centenas de ministérios distintos), na qual segundo alguns pesquisadores é encontrado um pentecostalismo que eles classificam como “puro” (Sofiati, 2018, p.285), apresenta em seu gênese identitário um anticatolicismo bem funcional, mas com traços enraizados de uma cultura brasileira que recebe o toque de uma neopentecostalização nacional encabeçada principalmente de Igreja Universal do Reino de Deus, com a adoção em seus cultos da teologia da prosperidade nas pregações, sorteios de brindes, adoção de ritos e símbolos, incentivo de shows gospel visando a atração do público jovem e uma maior flexibilização da postura feminina dentro de seus espaços (desde a indumentária até a participação como liderança).

Em relação à terceira e quarta tendências elencadas anteriormente, no nosso país, podemos perceber em outras denominações religiosas, como nos cerca de 2% de declarados espíritas, nos menos de 1% que se declaram adeptos das religiões de matriz africana, e na categoria genérica apresentada pelo Censo 2010 de “outras religiões” com 3% de adeptos, o que Sofiati (2018, p.287) chama de um cristianismo/catolicismo presente ou sincretizado:

Ao considerar que o espiritismo brasileiro é profundamente cristão/católico (Aubrée & Laplantine 1990), que as religiões de matriz africana fizeram trocas duradouras com o catolicismo (Bastide 2001), que os sem religião também são, em sua grande maioria, influenciados culturalmente pelo catolicismo (Ribeiro 2009) e boa parcela das outras religiões, para se inserirem no contexto brasileiro, fizeram trocas com a nossa cultura, como no caso da Seicho-No-Ie, em referência às novas religiões orientais (Silveira 2012), é lícito afirmar, então, que a presença e influência do catolicismo no Brasil vai muito além do espaço nominalmente ocupado pela Igreja Católica no campo religioso (Sofiati, 2018, p.287).

Podemos resumir essas quatro tendências em dois grandes pontos de observação: o primeiro, que mostra mudança de hegemonia entre católicos e evangélicos com uma pluralidade evidente nessas duas vertentes comparadas, sinalizando um aumento da pluralidade religiosa, com queda no percentual de filiações cristãs (católicas + evangélicas), bem como um aumento das outras religiões e dos sem religião. O segundo, identifica que o contexto cultural e religioso nacional apresenta uma abertura para as trocas e negociações simbólicas, trânsitos, o que contribui para as estruturas profundas de um catolicismo popular de destaque dentro do

panorama cultural, ao mesmo tempo evidenciamos a crescente fragmentação e diferenciação dentro do cenário do pentecostalismo brasileiro, com suas fortes disputas internas.

Como uma explicação válida neste ponto, buscamos esclarecer que o foco desta pesquisa é justamente observar toda uma reorganização dentro do campo religioso brasileiro, com todos os agentes transformadores e seus bens simbólicos. A pregação é um forte bem simbólico do protestantismo tradicional (ou clássico, como alguns estudiosos nomeiam), sua principal característica. O surgimento das igrejas neopentecostais, causou um processo de rearrumação no campo religioso, em boa medida decorrente das suas variadas instituições, nas quais a pregação não se apresenta como a parte central e principal, mas aliada a outras práticas, como o louvor, a música e as orações carismáticas. De forma geral, podemos dizer que o neopentecostalismo é o agente fundamental da nova concorrência no campo religioso brasileiro, que provocou uma desestabilização dos outros agentes em busca de bens que possam servir para a disputa de poder continuar. Nosso olhar se volta para um desses bens, a homilia, como um artifício de luta do catolicismo. A homilia é um bem simbólico, assim como o milagre e a cura são bens simbólicos utilizados pelo agente Renovação Carismática Católica, um outro artifício do catolicismo em busca de reação no campo religioso e um dos cenários presentes nas análises expostas adiante.

Com base em todos os relatórios já citados aqui, não é possível prever se o crescimento dos fiéis de tradição protestante atingirá um teto e se a diminuição do número dos católicos terá um piso mínimo. Mas podemos constatar que a mudança do quantitativos das filiações católicas e protestantes vem acontecendo de forma acelerada, independentemente de qual será o majoritário, com a diferença evidenciada no espaço geográfico. As periferias das grandes regiões metropolitanas ainda são destacadas como terreno de expansão evidente dos evangélicos. Se as tendências apresentadas nas pesquisas censitárias das últimas três décadas se repetirem, é provável que nas três próximas décadas uma mudança de hegemonia entre o público evangélico e o católico possa ocorrer e que na primeira metade do século XXI os evangélicos ultrapassem os católicos de maneira mais geral, não necessariamente como maioria absoluta da população, visto que paralelamente a esse quadro de troca hegemônica no cenário cristão, a pluralidade religiosa continue em crescimento nas demais religiões não cristãs e do aumento do grupo de pessoas que se denominem sem religião. Como afirma Alves:

[...] as causas e as consequências desse fenômeno são complexas e o acompanhamento desse processo é fundamental para o entendimento da nova configuração da sociedade brasileira. Considerando o fortalecimento do Estado de Direito, a laicidade do Estado e a secularização da sociedade, a livre competição entre as organizações religiosas –

evitando o sectarismo, os preconceitos e ampliando a oferta de serviços – pode contribuir para que o Brasil se torne um país mais dinâmico culturalmente. Essa é uma das possibilidades da transição religiosa no Brasil. (ALVES, 2017, p. 238)

Dentro desse panorama histórico, o aspecto da pluralidade dentro da igreja católica já começa a ser evidenciado. Há vários catolicismos dentro do catolicismo, como nos diz Sanchis (1992, p. 92), afirmando haver “muitas religiões dentro de uma religião” ao lembrar o que Candido Procópio Camargo afirmava sobre a devoção aos santos, uma prática tão tradicional e marcante desde o processo de colonização, quando o acesso e a quantidade de sacerdotes e religiosos era escassa e a prática era de “muita reza e pouca missa”. Esse catolicismo mais popular tinha mais autonomia que o catolicismo propriamente institucional e os dois andavam em paralelo, coexistindo na sociedade. Produziu-se assim uma relação de complementaridade entre o catolicismo como tradição e a igreja católica como instituição. Foi esse o que mais sofreu no processo de romanização da igreja que ocorreu no país, predominando este regime na história do país até meados do século XIX com a separação entre igreja e estado devido a Proclamação da República, visando organizar os espaços do clero e do povo, cada um com seu papel constituinte dentro da mesma sociedade católica.

Na verdade, esses catolicismos ainda existem atualmente, evidenciados em popular e oficial, ou como nos traz Steil (2013, p.229) em sua fala, em catolicismo como tradição e como instituição. Ambas as classificações mostram, com base nos resultados dos censos desde os anos finais da década de 60 até os dados de 2010, um declínio evidente em seus números de adeptos. O enfraquecimento da relação entre a instituição católica e o catolicismo popular tradicional pode ser destacado como um aspecto fundamental desta diminuição numérica.

O catolicismo popular se reproduziu no Brasil como um movimento com certa autonomia em relação à Igreja Católica enquanto instituição eclesial. O problema a ser enfrentado era pastoral e exigia uma renovação da Igreja para reunir os fiéis em estruturas paroquiais criadas sobre a tutela clerical a quem cabia a missão de ensinar a verdadeira doutrina do catecismo romano e o código moral e social da igreja. O problema estava, portanto, na instituição e se traduzia especialmente na falta de uma organização forte da instituição e de agentes com uma formação intelectual capazes de instruir a massa naturalmente católica. Porém, o que detectamos hoje na sociedade brasileira ao observar os dados comparativos entre dados dos censos e dos relatórios da CERIS é uma profunda mudança cultural que decorre da perda das condições objetivas de reprodução e transmissão do catolicismo por via da tradição. A crise do catolicismo acompanha a destruição de um consenso no nível da crença e das

relações sociais que, até a década de 1970, estava assegurado pela maioria absoluta de católicos no meio popular. Steil nos questiona:

Assim, ainda que se constate a diminuição da população católica, não se pode afirmar que o catolicismo deixou de figurar como uma das referências religiosas estruturantes da nacionalidade e da cultura nacionais. Contudo, será que este lugar do catolicismo na sociedade brasileira se manterá indefinidamente? Ou devemos aprofundar a questão numa tentativa de compreender qual a incidência que a diminuição dos católicos, que se iniciou em 1872, de uma forma muito sutil, e se acelerou a partir de 1970, está produzindo sobre o papel do catolicismo na conformação da cultura brasileira? (Steil, 2013, p.224)

Há uma diminuição crescente de pessoas que se declaram católicas, o que aponta para crise de transmissão do catolicismo no nível da cultura especialmente no seio das famílias e associações que foram sustentáculos de difusão dos valores católicos.

Observando as séries históricas dos censos do IBGE podemos confirmar a queda progressiva do número de católicos no Brasil. Se tomarmos como referência principalmente os censos realizados em 1990, 2000 e 2010 perceberemos um contínuo decréscimo de quase 10% a cada censo, com alguns aspectos a serem observados. Nesse sentido, um primeiro aspecto a destacar é que embora a diminuição dos católicos seja constante desde o primeiro realizado no Brasil, em 1872, somente em 2010, o número absoluto de católicos diminuiu, passando de 125,5 milhões de pessoas no ano 2000 para 123,3 milhões em 2010, ou seja, uma perda de 2,2 milhões de católicos. (STEIL, 2013, p. 232). Pesquisas parciais realizadas pelo Datafolha em 2016 indicam que a proporção de católicos já estaria abaixo dos 55% da população. (Datafolha 2016).

O segundo aspecto que sobressai nas pesquisas sobre o cruzamento de dados é que justamente quando há decréscimo no quantitativo de católicos, há um aumento significativo no número de paróquias. Tomando como referência a década de 90, quando tínhamos 7789 paróquias, houve o aumento de 40%, passando para 10720 em 2010. Diminuem os católicos, aumentam as paróquias, e aumentam também o número de sacerdotes, de forma mais intensa e expressiva, o terceiro aspecto observado, pois levando em consideração termos 12.688 sacerdotes em 1980, em 2010 tivemos um aumento de 60%, passando para 22.119 ordenados.

Há ainda outro aspecto levantado pelas análises: além das evidências numéricas, os censos têm estimulado a produção de reflexões que situam a queda do catolicismo num quadro mais amplo de mudanças culturais e sociais da sociedade brasileira asseveradas ao longo da segunda metade do século XX (SANCHIS, 1994; TEIXEIRA, 2005, p.288). Evidencia que sua matriz romana se encontra em situação de desgaste diante da pluralidade de ofertas de bens de

salvação no campo religioso global. Conforme retrata Camurça (2011, p.289), a Igreja Católica na contemporaneidade tem sofrido os efeitos da secularização e da laicização. Ultrapassando uma leitura sem aprofundamento dos dados estatísticos levantados, por meio de uma visão sócio-histórica evidencia-se que o catolicismo deixou de ser a “religião dos brasileiros” para ser a “religião da maioria dos brasileiros” (Teixeira 2013, p.279). Konings & Mori (2012, p.1209) enfatizam ainda que a queda histórica dos católicos nos dados do Censo significa acima de tudo a passagem de um “regime de religiosidade ‘herdada’ ou ‘ambiental’ para o cristianismo de opção ou de convicção” Além disso, afirmam que as pessoas não se sentem mais obrigadas a pertencerem a uma organização religiosa.

Os grupos sociais vivem um paradoxo: quando se percebe um enfraquecimento do poder de enquadrar os fiéis, esfacelando visões de mundo e levando ao desinteresse por qualquer instituição religiosa, abre-se espaço para que novas construções religiosas se sucedam. Surge uma liberdade jamais vista: os indivíduos constroem agora a sua fé, longe do resguardo de qualquer instituição, afirmam uma “crença” ou espiritualidade a partir de uma bricolagem feita por eles mesmos. “A crença não desaparece, ela se desdobra, se diversifica”, de acordo com a fala de Hervieu-Léger (2015, p.63). O sentido moderno de religião, que tem seu fundamento sobre a escolha livre e a adesão dos indivíduos a uma comunidade de fé, vem difundindo-se, nestas últimas décadas, de uma forma progressiva entre as classes populares, substituindo o sentido da religião como uma tradição que se impõe a partir da cultura. Como afirma Steil (2013, 232) o fato de cada vez menos brasileiros se reconhecerem como católicos nos censos está fundamentalmente associado ao sentido e ao lugar que a religião passou a ocupar na sociedade atual e os novos sentidos do campo religioso brasileiro contemporâneo apresentam-se como uma espécie de modernidade religiosa.

Atualmente há uma movimentação constante de debates a respeito dessas novas situações religiosas no mundo contemporâneo. Vivemos em um mundo em que o secular e o religioso existem lado a lado, podem e devem dialogar, e, de fato, em que as pessoas que possuem uma visão de mundo religiosa carregam responsabilidades seculares na sociedade. Então, o que isso significa para o futuro do catolicismo? O Brasil é um país rico de manifestações religiosas e ao mesmo tempo uma nação na qual a recriação das práticas e das adesões são surpreendentes e frequentes. Obviamente que o cristianismo brasileiro ladeia todas essas movimentações, e conseqüentemente, a identidade religiosa é questionada a partir do

momento em que o fiel se torna um agente⁵ (BOURDIEU, 1998) que transita livremente e por vontade própria por vários templos, várias cerimônias, por vezes ferindo um comportamento de fidelidade à sua religião original. Hoje, a questão é de como o fiel vive sua religiosidade e não apenas qual é a religião que ele está praticando ou se está pertencendo, e inclui uma nova abertura às vozes religiosas em geral e ao catolicismo em particular, entrando em diálogo com o mundo secular.

O catolicismo continua um processo de reinventar-se com finalidades diversas, ou seja, como uma denominação que estrategicamente objetiva recuperar antigos fiéis, inserir-se nos tempos modernos, reescrever suas práticas mantendo a sua base doutrinária, e fazer parte de um mundo contemporâneo tecnológico econômico e conectado. Possivelmente, o campo⁶ religioso brasileiro, sobretudo no hegemônico segmento cristão, seja o mais plural, instável, criativo e o que apresenta inusitadamente novas práticas e formas de crenças no mundo. Muitas práticas no interior do catolicismo dialogam ou interagem com a lógica secular. O marco pós-secular castiga a postura automática da sociedade modernista (o mundo do paradigma tecnocrático, ideológico), e pode concomitantemente convocar a Igreja a refletir mais profundamente sobre a contribuição da secularidade para a comunidade de fé.

A experiência religiosa individual e emancipada, pautada em diversos elementos ainda destacados nas análises dos dados dos censos além do trânsito religioso, como os que eram atuantes e passaram a integrar o grupo dos sem-religião ou migraram de uma denominação para outra ou ainda os jovens que nunca se engajaram numa prática religiosa, começa a ser uma prática na qual o fiel sente-se condutor de sua espiritualidade, independente da instituição, exercendo uma circularidade entre altares, entre templos, entre desejos individuais e experimentações do novo, de explorar mesmo secundariamente o que não conhecia, da transgressão de regras que estabeleciam comportamentos vinculados à determinadas instituições, muitas vezes encarando este processo transitório com aspectos mercadológicos (em busca de elementos de cada prática que podem satisfazer seus desejos atuais). Muitos dos católicos contemporâneos vivem no mundo secular, e sua experiência de mundo modifica o que forma sua identidade católica. Sua fé religiosa “não controla nem influencia suas vidas diárias. Tomam muitas decisões que podem não refletir o magistério católico, podem ser pessoas de fé

⁵ Conceito de Bourdieu para o sujeito que interage com outros dentro de uma dinâmica social que se dá no interior de um determinado campo de atuação, um segmento social, cujos indivíduos – agentes – tem disposições específicas denominadas *habitus*. Esse conceito será abordado em outro momento da pesquisa.

⁶ O conceito de campo é um dos conceitos centrais na obra de Pierre Bourdieu e é definido como um espaço estruturado de posições onde dominantes e dominados lutam pela manutenção e pela obtenção de determinados postos.

que não frequentam a igreja e não veem nenhum conflito em nada disso. No entanto, nesta era de uma saudável autonomia interpretativa, os católicos só terão futuro se estiverem dispostos a integrar suas ideias e realidades.

O que se torna evidente nesse quadro, é um campo religioso contemporâneo onde percebe-se a disputa por fiéis entre as várias denominações, destacando-se a denominação católica e a evangélica. O que se configura em crenças e pertencimentos e/ou não-pertencimentos marcados pela escolha pessoal e de distância ou não da noção de obrigação, movimento de dispersão das crenças, mobilidade das pertenças, da fluidez das identificações e da instabilidade dos reagrupamentos (HERVIEU-LÉGER, 2015, p.141).

O sentido mais moderno de religião, fundamentado sobre a escolha livre e a adesão dos indivíduos a uma comunidade de fé, vem difundindo-se, nestas últimas décadas de acordo com Steil (2013, p.238), de uma forma progressiva entre as classes populares, substituindo o sentido da religião como uma tradição que se impõe a partir da cultura. Desse modo, ser católico se desvincula cada vez mais da tradição e de um modelo de religião que vem perdendo a sua plausibilidade.

Nossa sociedade, em sua composição cultural, como afirmam Sofiati e Moreira (2018, p.294), é profundamente influenciada pela lógica cristã impressa pelo catolicismo popular, que soube aproveitar as trocas com as religiões de matriz africana e indígena, destacando-se no contexto histórico de construção da nação. Todavia, não é mais possível identificar automaticamente o “ser” católico com o “ser” brasileiro. Já nos anos 1990, Pierre Sanchis (1994, p. 294) destacava que a Igreja Católica não tinha mais a hegemonia da verdade no campo religioso brasileiro. As disputas dentro desse campo estão cada vez mais acirradas, exigindo novos capitais culturais e dinamicidade dos bens simbólicos ofertados e das práticas religiosas. Enxergamos, pois, que um dos bens simbólicos que pode ser utilizado nessa disputa é a homilia, construída com dinamicidade, de forma discursiva e polifônica.

A destradicionalização religiosa gerou um impacto no campo religioso brasileiro:

O catolicismo em declínio indisfarçável é o traço mais forte e terminante a marcar o panorama atual do campo religioso brasileiro, imprimindo nele as linhas nervosas de uma destradicionalização cultural inédita em suas dimensões, marchas, ritmos e teores de reflexividade (PIERUCCI, 2013, p. 50).

O campo religioso católico brasileiro, portanto, minado pela perda ou migração de fiéis para outras religiões, e/ou denominações cristãs, busca novas maneiras para reconquistar a

fidelização dos antigos fiéis, de conquistar e acolher novos. A homilia apresenta-se aqui, retomando a *Evangelii Gaudium*⁷, como uma dessas maneiras, um caminho de rupturas e permanências, devendo oferecer esperança, orientar seus fiéis para o futuro e, sobretudo, não os deixar prisioneiros da negatividade.

2.2. Crise do catolicismo e sociedade contemporânea

Dois conceitos-chave serão abordados nesta pesquisa e trarão à tona outros conceitos que servirão de base para as análises dos materiais coletados: campo e *habitus*⁸, pela ótica de Pierre Bourdieu. Campo, primeiramente, para uma leitura do espaço religioso nacional, que aparece sendo espaço de embates e disputas de inúmeras denominações religiosas. *Habitus*, em seguida, como uma referência teórica para compreender o estilo seguido pelos celebrantes / sacerdotes e todo um aparato de elementos gestuais e extra gestuais que pertencem a um capital simbólico⁹ – simbólico aqui como outro conceito a ser utilizado, juntamente com o conceito de agente.

À princípio, segundo Thomson (2018, p. 54) para compreender as interações entre pessoas, Bourdieu afirmou que não era suficiente explicar um evento ou fenômeno de interação apenas olhando o que era dito ou o que acontecia. Era necessário examinar o espaço social onde tudo isso acontecia, e esse exame, além de situar o evento / fenômeno em seu contexto devido, levando em conta aspectos históricos e relacionais, “interrogar os modos que geraram o conhecimento anterior do objeto sob investigação, quem fez isso e quais interesses foram servidos por essas práticas geradoras de conhecimento” (BOURDIEU apud THOMSON, 2018, p. 95). Dentro desse campo maior, podem ter outros campos, ou subcampos. Nosso foco aqui é justamente um subcampo, o campo religioso, que também oferece outro subcampo, o religioso católico, talvez o mais plural em criatividade na busca de fidelização. O campo religioso é, como Bourdieu descreveu, um campo de forças e de lutas entre agentes e instituições, entre

⁷ *Evangelii Gaudium* (em latim) ou Alegria do Evangelho (em português), é a primeira Exortação Apostólica pós-Sinodal (uma reunião convocada pela autoridade eclesiástica) escrita pelo Papa Francisco. Foi publicada no encerramento do Ano da Fé, no dia 24 de novembro do ano de 2013. O tema principal é o anúncio missionário do Evangelho e sua relação com a alegria cristã, mas fala também sobre a paz, a homilética, a justiça social, a família, o respeito pela criação (ecologia), o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, e o papel das mulheres na Igreja.

⁸ O *habitus* é, segundo Bourdieu uma subjetividade socializada, visto como um conjunto de esquemas de percepção, apropriação e ação que é experimentado e posto em prática, tendo em vista que as conjunturas de um campo o estimulam. Configura um universo de classificações e de possibilidades que o agente que o internalizou assume como apriorismos mentais e práticos que se fazem perceber, mas não são necessariamente percebidos, muito menos explicitados num cálculo racional.

⁹ Capital simbólico: Conjunto de rituais (como a etiqueta e o protocolo) ligados à honra e ao reconhecimento. É o crédito e a autoridade que conferem a um agente o reconhecimento e a posse das três outras formas de capital (econômico, cultural e social). Ele é o produto da “transfiguração de uma relação de força em relação de sentido”, designando o efeito de violência imaterial das outras formas de capital sobre a consciência.

agentes e agentes e entre agentes e fiéis. Nesse sentido, uma religião presente no seio da sociedade só terá eficácia se estiver em sintonia com a lógica de ação dessa sociedade, desempenhando funções internas com estruturas hierárquicas de poder, incutindo nos fiéis esquemas de pensamento e hábitos como se fossem algo natural do indivíduo.

De acordo com Oliveira (2003, p.78), Bourdieu desenvolve uma nova forma de observar e entender a religião, construída sobre três noções: a de trabalho religioso, a de campo religioso e a de produtores e consumidores de bens religiosos. O trabalho religioso seria uma necessidade de expressão de um grupo ou classe social e que se torna enraizada nesse mesmo grupo. A noção de campo religioso está baseada sobre a ideia da divisão social do trabalho. Será movido pela busca do completo domínio do trabalho religioso por um conjunto de agentes especializados que buscarão a legitimidade e a autoridade sobre a produção dos bens religiosos através do combate às produções de autoconsumo. Esses produtores (os agentes) são sustentados pelos consumidores (os leigos) que, por sua vez, têm sua “necessidade espiritual” suprida pelos produtos e práticas (os bens religiosos) produzidos pelos primeiros.

Há um nexo entre o campo religioso e o campo do poder. Como aponta Bourdieu, a religião é entendida de forma geral como um sistema simbólico e de pensamento que organiza a sociedade, concedendo-lhe uma ordem lógica na qual pode se estruturar e reconhecer tanto o mundo natural quanto o mundo social como pertencentes a uma mesma ordem, e em sua função ideológica, a religião se apresenta como “a prática e política de fazer absoluto o relativo e da legitimação do arbitrário” contribuindo assim à “imposição dissimulada de princípios de estruturação de percepção e de pensamento do mundo e, em particular, do mundo social” (BOURDIEU, 2004, p.86). Ao transformar o ‘assim é’ em o ‘assim deve ser’, a religião expressa sua força estruturante, sua eficácia simbólica e revela sua função política, o que o autor chama de alquimia ideológica por “conferir à ordem social um caráter transcendente e inquestionável”. (Bourdieu, 2004, p.86).

Dessa forma, percebe-se uma concentração do autor em vincular o aparato religioso com a formação social, demonstrando que a “estrutura dos sistemas de representações e práticas religiosas” tende a assumir a função de instrumento de imposição e legitimação da dominação, contribuindo para assegurar a dominação de uma classe sobre outra, para a “domesticação dos dominados”. É por isso que Bourdieu enfatiza que “o campo das posições ideológicas reproduz de forma transfigurada o campo das posições sociais” (BOURDIEU, 2004, p.88). Acontece, no entanto, que grupos pertencentes a classes sociais menos privilegiadas buscam, muitas vezes,

um sentido alternativo para justificar sua condição atual recorrendo à autoprodução religiosa ou a agentes marginalizados pelas instituições dominantes.

Com a intensa e constante redefinição de práticas de fé e adesões devido a um quadro de pluralidade surgindo a cada dia, principalmente com o surgimento de novas comunidades e expressões religiosas, nós presenciamos uma certa ameaça à hegemonia católica duradoura até então. As ramificações evangélicas – segundo os dados já evidenciados do Censo de 2010, da pesquisa da CERIS e de dados do Datafolha – crescem vertiginosamente no país. E a partir desse quadro do catolicismo que se apresenta atualmente com novos elementos e tendências que usaremos o conceito de campo elaborado por Bourdieu. O catolicismo, com suas raízes nacionais datando desde o período colonial, iniciou um processo de reinvenção, na verdade de atualização e aproximação maior com o cotidiano atual, sem modificar sua base doutrinária, mas buscando firmar a permanência dos seus fiéis, recuperar os que se afastaram e participar mais ativamente da contemporaneidade tecnológica.

Inúmeros e atuais debates discutem sobre os novos pertencimentos em uma prática religiosa, colocando o Brasil dentre as nações com mais processos de recriações de práticas religiosas individuais, mas sempre com o cristianismo brasileiro ladeando essas novas adesões. O fiel torna-se, segundo Bourdieu (1998, p. 67) um agente, que faz um percurso de visitas em vários templos e denominações, sem fidelização a um ramo religioso específico, como uma ideia de mercado, na qual pode escolher aquilo que mais lhe convém praticar, se adequando ao que cada ideologia lhe proporcionar. A própria instituição religiosa, segundo o autor, percebe a produção religiosa de autoconsumo, apropria-se de alguns de seus elementos (os que estão mais sendo usados no meio social) rerepresentando-os com uma nova roupagem e como se fossem seus, a fim de conquistar mais adeptos no disputadíssimo mercado religioso. Nas palavras de Oliveira (2003, p.79), “os especialistas estão constantemente operando a expropriação do trabalho religioso ‘popular’, para devolvê-lo irreconhecível como um bem simbólico apto a atender sua demanda de sentido”.

Então aqui surge um questionamento, levantado por Steil (2013) e por Brandão (2013) sobre como o indivíduo vive sua religiosidade, apropria-se de uma ideologia¹⁰ e não apenas a que denominação participa ou pertence. Ao mesmo tempo, percebe-se uma certa movimentação cristã mais conservadora, até mesmo tradicionalista e, por que não dizer, fundamentalista

¹⁰ A ideologia de uma religião, isto é, o conjunto de ideias, doutrinas e dogmas que fazem parte dos seus ensinamentos estão diretamente correlacionados ao seu contexto histórico e social, esses contextos são os responsáveis pela estruturação ideológica da religião que sempre serão voltadas para a busca da plenitude espiritual.

carregada de uma demanda ideológica pautada em pressupostos bíblicos exibidos em seus posicionamentos nos meios políticos e sociais conquistados como meio de autoafirmação e validação dessa prática.

O campo religioso não cumpre somente funções de atendimento de demandas estritamente religiosas, correspondendo aos interesses por ações e práticas, mas está vinculado a demandas propriamente ideológicas, ou seja, ligadas aos ensinamentos e conceitos da denominação religiosa adotada, donde a “necessidade de legitimação das propriedades associadas a um tipo determinado de condições de existência e de posição na estrutura social” (BOURDIEU, 2004, p.85). A demanda ideológica corresponde, por conseguinte:

[...] a espera de que uma mensagem sistemática seja capaz de dar sentido unitário à vida, propondo a seus destinatários privilegiados uma visão coerente do mundo e da existência humana, e dando-lhes os meios de realizar a integração sistemática de sua conduta cotidiana. Portanto, capaz de lhes fornecer justificativas de existir como existem, isto é, em uma posição social determinada (BOURDIEU, 2004, p. 85-86).

De forma geral, a instituição religiosa é, portanto, uma organização humana composta por agentes produtores e consumidores de capital simbólico, participantes de um campo religioso que abarca conflitos de poder. Há uma elite pensante na instituição que, por sua vez, detém o poder sobre o capital simbólico religioso e é capaz de legitimar e de qualificar, bem como de deslegitimar e/ou desqualificar determinados agentes produtores de capital simbólico, assim como o próprio capital simbólico por eles produzido, a fim de manter o controle do campo.

Nota-se, assim, uma certa tensão no meio católico, em modernizar-se ou perder cada vez mais espaço para novas denominações e práticas, adentrando também na cultura digital, usando a tecnologia a seu favor. Sobre esse panorama, a obra organizada por Teixeira e Menezes, *Religiões em Movimento: O censo de 2010*, foi destaque nas discussões sobre o que está acontecendo com as religiões e principalmente sobre como as religiões mudam em função das “demandas dos seus quadros de fiéis, ou mesmo das mudanças realizadas pelos fiéis, que terminam sugerindo transformações ou atitudes renovadoras por parte das religiões e seus pertencimentos” (TEIXEIRA & MENEZES, 2013, p.21). Pertencimentos ou não-pertencimentos que, segundo Hervieu-Léger (2015, p.54), são marcados pela escolha pessoal e de distância ou não da noção de obrigação, movimento de dispersão das crenças, mobilidade das pertencimentos, da fluidez das identificações e da instabilidade dos reagrupamentos.

Os dados oferecidos pelas análises dos dados estatísticos do Censo de 2010, do relatório da CERIS e das pesquisas do Datafolha nos dão uma visão sobre tendências e perspectivas no campo religioso católico brasileiro e nos auxiliam no embasamento do caminho teórico aqui escolhido. De fato, em relação ao que Teixeira (2005, p. 8) diz sobre as “muitas faces do catolicismo brasileiro contemporâneo”, concordamos com a visão de Sanchis (1994, p.280) para quem a identidade católica no Brasil se traduz em uma roupagem singularmente plural afirmando, inclusive, que “há religiões demais nessa religião”.

Seguindo a mesma linha de pensamento, na visão de Brandão (2013, p.102), vemos a abertura de diversificação do catolicismo, “de modo a oferecer em seu interior, quase todos os estilos de crença e de prática de fé existentes também fora do catolicismo”. Para ele, ao contrário do fiel protestante que “precisa ser para participar”, o fiel católico pode “participar sem ser”, estabelecendo um quadro amplo e plural de maneiras de exercer sua vinculação religiosa.

O fato é que o Brasil tem uma evidente pluralidade religiosa e que o catolicismo apresenta dados contraditórios: está diminuindo o número de adeptos ao mesmo tempo que aumentam os números de vocações sacerdotais e religiosas e que vem tentando “segurar seus fiéis” com estratégias midiáticas e de grande impacto como os grupos e comunidades da RCC (Renovação Carismática Católica), como afirma Camurça (2013, p.73):

Entretanto, é bom que se registre que ao longo da década foram realizados iniciativas e estímulos por parte da Igreja Católica no sentido de reverter a saída de fiéis, tanto na direção de fórmulas de sucesso praticadas pelos evangélicos quanto na busca de sintonia com os estilos da tecnologia e cultura (pós-) modernos (CAMURÇA, 2013, p. 73).

São as dinâmicas contemporâneas que chegaram ao catolicismo (SANCHIS, 1994), juntamente com a realidade do trânsito, esvaziamento e desinstitucionalização religiosa, dos sem-religião e das novas práticas emergentes, bem como a forte presença e criação no espaço virtual e midiático comunicacional. As contribuições desses estudos referem-se às mudanças no campo religioso brasileiro, abrindo espaços para reflexões sobre o secularismo, a modernidade e a pós-modernidade e como as religiões estão movimentando-se nesses processos cíclicos diante de uma crise cultural e religiosa.

Pierucci (2013, p.49) diz que nunca as religiões exibiram-se tanto, mostrando-se publicamente, “fazendo-se notar, ser divulgada”. Os responsáveis de cada manifestação religiosa adotam diversos mecanismos e estratégias dentro do campo religioso, desde

investimentos em vestuários até grande presença nas mídias digitais e televisivas. As disputas dentro do campo religioso estão cada vez mais atuais e acirradas, exigindo assim novos capitais culturais e uma performance dinâmica dos bens simbólicos ofertados em cada prática religiosa. Principalmente o catolicismo, como uma das mais tradicionais denominações religiosas, que segundo as pesquisas aqui mencionadas, apresentou declínio em seu número de adeptos (desfiliação) e que, ainda segundo Pierucci, é um fenômeno comum em sociedades consideradas pós-tradicionais, que pode afetar a credibilidade da instituição e gera uma mobilização para rever seus métodos de atuação e reagir estrategicamente, um constante movimento de tensão entre a atualização e o zelo doutrinário. A destradicionalização religiosa surte um forte impacto dentro do campo religioso brasileiro.

O catolicismo em declínio indisfarçável é o traço mais forte e terminante a marcar o panorama atual do campo religioso brasileiro, imprimindo nele as linhas nervosas de uma destradicionalização cultural inédita em suas dimensões, marchas, ritmos e teores de reflexividade (PIERUCCI, 2013, p. 50).

Por isso, dentro do campo religioso brasileiro, o catolicismo intensifica a busca de soluções para reconquistar e fidelizar seu público, bem como de conquistar novos adeptos. Grandes encontros promovidos por comunidades envolvendo variadas expressões artísticas, sites e redes sociais com agenda de atividades das paróquias, comercialização de produtos de marcas católicas, transmissões pela internet de celebrações com padres considerados famosos pela mídia e que atraem grande público, homilias dentro destas celebrações com músicas, orações e louvores, entre outros. É um campo que, mesmo com suas especificidades e finalidades tradicionais estabelecidas, que apresenta concorrência e tensões nem sempre explícitas, mas, existentes.

De acordo com Renée de La Torre (2002, p.12), “tratar-se-á de uma prática que, sem abandonar formalmente a religião institucional, se situa nos interstícios entre o dogma e a exploração de novas vias de experimentação do sagrado”. E ainda, como nos diz Steil,

[...] é necessário aventar ainda a possibilidade de “tradições religiosas assumirem configurações que as permitem conviver, na periferia de seus dogmas, com crenças e rituais que não se adequam ao seu regime religioso, criando zonas de fuga da ortodoxia em relação aos significados no interior da própria tradição”. (STEIL, 2004, p.12)

Tanto o termo destradicionalização (impedimento da transmissão do catolicismo por via da tradição familiar) quanto o termo desinstitucionalização (desligamento com a instituição

religiosa em si) passam a ser utilizados para tentar definir que as estruturas sólidas tradicionais fundantes das religiões começam a dar sinais de enfraquecimento (HERVIEU-LÉGER, 2005). Novas experiências no interior das religiões tradicionais surgem e dão mostras de novas práticas diante do sagrado numa busca pela compreensão de mudanças que a prática católica vem sofrendo em iniciativas principalmente que partem muitas vezes dos próprios fiéis. Se mudam sua prática e essa mudança cria um movimento que agrega novos interessados, a Igreja, por meio de seus representantes oficiais e da dose de poder que lhes é conferida, vai tentar dialogar com esse novo movimento principalmente quando suas bases doutrinárias são/estão presentes e não são afetadas.

Dessa maneira, o poder da religião, classificado como poder simbólico, interage com outras formas de poder. De acordo com Bourdieu esse tipo de poder existe “porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe” (BOURDIEU, 1998, p.67) e é isso que lhe confere autoridade, mesmo que opere com elementos simbólicos, como sucede com a Igreja Católica que confere prestígio e autoridade aos seus dirigentes. A religião, segundo o autor, utiliza símbolos desta estrutura estruturada que detém os capitais simbólicos, impondo mando àqueles que estão contidos às suas condições. É, portanto, “um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce” (BOURDIEU, 1998, p.67), e, dessa maneira, é um poder legitimado.

A crença de que os ministros ordenados são dotados de poderes especiais que permitem controla a Igreja e a sua entrada nos céus, faz deles líderes sagrados cujas ordens devem ser obedecidas, e essa condução faz da Igreja uma instituição com autoridade religiosa, política e social, digna de ser respeitada por todos da sociedade. Uma instituição que influencia no social e, consecutivamente, nas relações que oportunizam a exclusão ou a inclusão. Enfim, a religião exerce importante influência, de modo a fazer com que os fiéis confiem no êxito dos sacramentos, como também nas suas orações e práticas rituais, melhorando, assim, suas relações sociais.

O catolicismo então seria atualmente, “o exemplo mais fiel de uma tradição religiosa – dentro e fora do cristianismo – de um sistema de sentido pluriaberto, multicêntrico e em constante transformação” (BRANDÃO, 2013, p. 92).

Conforme assinala Geertz:

[...] ainda que muitas vezes tenha sido, historicamente a estrutura cultural mais enraizada na localidade de origem e a mais marcada, em sua expressão, pelas condições locais, a religião tornou-se, – e torna-se cada vez mais – um objeto flutuante, desprovido de toda ancoragem social em uma tradição pregnante ou em instituições estabelecidas. A religião não se enfraqueceu enquanto força social, pelo

contrário. Parece ter-se reforçado no período recente, só que mudou – e muda cada vez mais – de forma. (GEERTZ apud PIERUCCI, 2013, p. 126).

O catolicismo continua sendo uma das grandes referências religiosas da sociedade. Faz parte desse processo de adequação as práticas exercidas pelos fiéis dentro e fora da igreja. Na verdade, ele começa a assumir uma nova perspectiva cultural pautada no que vem observando no comportamento das pessoas, com um caráter de autonomia, de modernidade. Ele enfrenta, como nos diz Fernandes (2013, p. 124) “o desafio de se lançar nos espaços e inovar nas possibilidades de interlocução com os indivíduos modernos”, dentro de um diversificado campo religioso. E essa modernidade religiosa tem o grande desafio de inovar sem perder a essência, de adentrar em lugares novos sem deixar de levar o que se tem de tradição e pilar, que é o Evangelho e sua transmissão de forma atual e intensa. É ser um evangelizador assemelhado ao peregrino e o ao convertido, como trata Hervieu-Léger (2015, p 54) em sua parábola, que faz parte das novas formações de identidades religiosas e que acolhe públicos diversos, que mesmo pertencendo a uma denominação específica, sai dos altares e exercita sua fé em outros ambientes.

Sendo um ponto de pesquisa que desperta os olhares de estudiosos das Ciências da Religião por configurar-se como um fenômeno social, a tradição e a sua modernização em variadas práticas agindo lado a lado só ajudam a constatar que o campo católico brasileiro vive um ciclo de configurações diferentes das de anos anteriores principalmente quando a questão é determinar o pertencimento, a adesão e as novas práticas.

Pelo olhar da perspectiva bourdieusiana, sobre esse ponto de assumir o novo papel dentro de um catolicismo que precisa reconhecer as mudanças no seu meio social, o indivíduo é um agente levado a desenvolver um senso prático, e essa prática humana é um encontro do *habitus* com o campo. As ações são desenvolvidas na ordem, num jogo de interesses. As práticas são necessárias, possíveis produtos da relação dialética entre uma situação (campo) e as disposições (*habitus*). A dialética da interioridade e da exterioridade, isto é, da interiorização da exterioridade e da exteriorização da interioridade ficam evidentes nesse processo.

Como nos afirma Mariz (2006, p. 57),

[...] enquanto espaço estruturado de posições que podem ser analisadas, independente das características dos seus ocupantes, o campo se constitui numa estrutura dada pelas relações de força entre os agentes e as instituições que lutam pela hegemonia no seu interior e é marcado pela existência e delimitação estabelecida por interesses específicos e investimentos que solicita aos agentes que sejam dotados de um *habitus*

e as instituições nele inseridas, o que resultam em processos de diferenciação social, de forma de ser e conhecer o mundo. Os agentes, no caso, aceitam em certa medida os pressupostos cognitivos e valorativos dos campos ao qual pertencem, vivendo uma dominação não-evidente, não-explicita, sutil e simbólica (MARIZ, 2006, p.57).

O conceito de *habitus* é entendido, no esquema explicativo de Bourdieu, como sistema de disposições socialmente elaboradas que “constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (Bourdieu, 1974, p.191). Seria a forma pela qual o indivíduo aprecia e age no grupo de que participa, fazendo-se presente nas ações e estratégias que este realiza para se manter ou transformar.

Cada vez mais é preciso criar novas estratégias e utilizar-se de bens simbólicos de salvação que garantam forças na luta pela gestão destes bens, pela manutenção ou ampliação do seu capital social. Nessa luta está em jogo a visibilidade, a manutenção, a ampliação ou retorno dos fiéis. Neste jogo, há um agente de destaque, o sacerdote, que têm disposições específicas (*habitus*) e tem delimitado o seu papel de atuação pelos valores ou formas de capitais estabelecido no campo – no caso, as paróquias - e que atuam naquilo que Hervieu-Léger (2015, p. 54) denomina de civilização paroquial.

Os Evangelhos se constituem como o principal capital cultural a nortear os discursos do sacerdote, no caso, as homilias proferidas dentro das celebrações eucarísticas. Nesse aspecto, demonstra-se aquilo que todos os agentes cristãos estão de acordo, ou seja, a *doxa* católica, evidenciada no reconhecimento do conteúdo doutrinário católico. O *habitus* contribui para a participação do sujeito em realidades práticas das instituições às quais pertence, permitindo conservá-las em funcionamento, bem como impô-las certas revisões e transformações, de modo que continuem ativas. Embora o *habitus* possa ser visto como código concebido no passado e orientado para uma ação no presente, está em constante reformulação, o que, de certa forma, exige que segundo as circunstâncias da realidade, haja adaptações nas diferentes estruturas sociais.

Elencar esses conceitos aqui tem uma explicação: eles contribuem para a compreensão e se encaixam na organização do atual quadro do catolicismo. Podemos enxergar a estrutura do campo religioso dentro do catolicismo brasileiro, com todos os *habitus* de adequação e reorganização que o quadro quantitativo de fiéis vem desenhando de acordo com as pesquisas realizadas até então.

É preciso considerar que, por um lado, no território brasileiro, a Igreja Católica possui uma destacada capacidade de “controlar suas dissidências” e de ajustar oposições de ponto de

vista dentro de si mesma. Por outro lado, faz-se necessário, como afirma Benedetti (2009, p.18), reconhecer que se encontra numa posição cada vez mais desafiadora para fidelizar seus membros, diante da liberdade vivenciada pelos indivíduos em relação às instituições religiosas num todo.

Hervieu-Léger (2015, p.68) nos mostra que “é preciso pensar a continuidade por dentro da descontinuidade, pensar a permanência por meio da assimilação mutante do outro”, e seguindo esse fluxo de constantes negociações e apropriações, as inúmeras propostas religiosas rígidas e anticatólicas que emergem na sociedade, como o pentecostalismo, podem muito bem atualizar as formas de funcionamento do catolicismo.

Sofiati (2018, p.286) nos apresenta resultados de estudos nos quais uma abordagem inovadora a ser considerada é a concepção concêntrica proposta por Reesink:

Tal modelo concêntrico do catolicismo mira o objeto a partir de uma perspectiva do alto ou de fora, ajuda a considerar o campo católico como um todo e articular uma visão dialético-compreensiva, abrangente, de um fenômeno multifacetado como o catolicismo brasileiro. (REESINK apud SOFIATI, 2018, p.286)

Porém este modelo não consegue caracterizar satisfatoriamente em que consiste o “centro teológico estável” do catolicismo e o que, ou quem, poderia assegurar sua estabilidade, tendo em vista que qualquer movimentação dos agentes dependa da função exercida, da posição assumida dentro do campo, tomando como referência o centro, que sempre evoca um controle legitimado, reforçando a concepção bourdieusiana de um clero legitimado ou hegemônico. Os conflitos e relações de poder parecem “ficar ensombreados pelas possibilidades múltiplas de combinação, permeabilidade e de deslocamento dos fiéis entre os centros” (SOFIATI, 2018, p.286). Sem contar que a fonte dos conflitos entre os variados centros/ campos muitas vezes não é de cunho teológico apenas, mas também de cunho político, como por exemplo os embates entre os grupos de pastoral mais voltados para o social (Pastoral Carcerária¹¹, Pastoral dos Povos de Rua¹², Pastoral da Juventude¹³, etc.), grupos mais tradicionalistas (como a Opus Dei¹⁴,

¹¹ O trabalho pastoral da Igreja Católica no cárcere, junto aos familiares e presos, começa nos anos 1960 através das Irmãs do Bom Pastor. A Pastoral Carcerária (PCr) se institucionaliza como obra social ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) nos anos 1980, coincidindo com o período da redemocratização.

¹² Ligada à igreja católica, a pastoral atua na defesa dos direitos do povo de rua, não apenas em sua organização, mas também em ações diretas junto aos órgãos públicos. É ela quem organiza anualmente em São Paulo os atos públicos que relembram o assassinato de sete moradores de rua da cidade, em agosto de 2004.

¹³ A Pastoral da Juventude é ação evangelizadora da Igreja Católica entre os jovens, onde os próprios jovens são protagonistas de sua evangelização, assumindo-se evangelizadores de outros jovens. Atuando na comunidade e na sociedade.

¹⁴ A Prelazia da Santa Cruz e *Opus Dei* (em latim: *Praelatura Sanctae Crucis et Operis Dei*), mais conhecida como *Opus Dei* (em português, 'Obra de Deus') é uma prelazia pessoal da Igreja Católica, a única existente atualmente no ordenamento

seguidores de Padre Paulo Ricardo¹⁵, os Arautos do Evangelho¹⁶) e grupos voltados às práticas da Renovação Carismática, cada grupo com sua organização simbólica, litúrgica e política.

Diversos autores e estudiosos tentaram explicar essa pluralidade católica interna, dividindo os fiéis. Sofiati (2018, p.288) nos apresenta um panorama: Camurça classifica-os entre carismáticos, paroquianos, membros das CEBs¹⁷ e das novas comunidades¹⁸; Libânio divide a Igreja em quatro grupos: da instituição, da pregação, da práxis libertadora e carismática e, ainda um quinto cenário: a Igreja plural, fragmentada, pós-moderna; Boff com seus modelos para se pensar a Igreja como uma totalidade, uma moderna, uma a partir dos pobres e uma mãe-mestra; Löwy identificando quatro tendências orgânicas gramscianas na igreja: uma tradicional, uma reformista, uma radical e uma modernizadora conservadora; Teixeira classifica as diversas “faces” do catolicismo brasileiro em: santorial, oficial, dos reafiliados e midiático. Por fim, Sanchis (2009, p.181) nos instiga a pensar a diversidade interna do catolicismo em uma “perspectiva sócio-histórica, capaz de compreender o cenário atual e o papel exercido pelas diversas catolicidades no Brasil contemporâneo”. Toda essa diversidade, essa pluralidade não é novidade no país, mas o que de fato se configura como elemento novo é a dimensão da diversidade,

[...] a bagagem cultural própria de cada grupo de leigos que desempenha um papel diversificador da experiência católica [...] configura-se, assim, um novo cenário no

canônico. Trata-se de uma instituição hierárquica composta por leigos, casados ou solteiros, e sacerdotes. Tem como finalidade participar da missão evangelizadora da Igreja. Concretamente, o *Opus Dei* procura difundir a vida cristã no mundo, no trabalho e na família, a chamada universal à santidade e o valor santificador do trabalho cotidiano.

¹⁵ Paulo Ricardo de Azevedo Júnior, mais conhecido como Padre Paulo Ricardo, é um sacerdote católico, escritor e professor universitário brasileiro. Foi ordenado sacerdote no dia 14 de junho de 1992, pelo Papa João Paulo II. Atualmente, é vigário paroquial na paróquia Cristo Rei, em Várzea Grande (Mato Grosso), e se dedica à evangelização através dos meios de comunicação. Leciona Teologia no Instituto Bento XVI, da Diocese de Lorena (São Paulo), desde 2011. Foi apresentador do programa semanal Oitavo Dia, pela TV Canção Nova, em 2007. Com mais de 1,4 milhão de seguidores no Facebook, é uma liderança da direita conservadora no Brasil.

¹⁶ Arautos do Evangelho (em latim *Evangelii Præcones*, cuja sigla é E.P.) é uma Associação Internacional de Fiéis de Direito Pontifício, a primeira a ser erigida pela Santa Sé no terceiro milênio, por ocasião da festa litúrgica da Catedral de São Pedro, em 22 de fevereiro em 2001. Os Arautos possuem diversas similaridades com as ordens de cavalaria medievais, como os Templários, os Teutônicos, entre outras, que vão desde as regras internas, como votos de castidade, pobreza, devoção altruística e vida monástica rígida e disciplinada, até o direito de responder diretamente ao Papa, concedido por decreto do próprio Vaticano, além de poder ordenar seus próprios padres e construir suas próprias igrejas.

¹⁷ As Comunidades Eclesiais de Base (CEB) são comunidades inclusivistas ligadas principalmente à Igreja Católica que, incentivadas pela Teologia da Libertação, se espalharam principalmente nos anos 1970 e 80 no Brasil e na América Latina. Consistem em comunidades reunidas geralmente em função da proximidade territorial e de carências e misérias em comum, compostas principalmente por membros insatisfeitos das classes populares e despossuídos, vinculadas a uma igreja ou a uma comunidade com fortes vínculos, cujo objetivo é a leitura bíblica em articulação com a vida, com a realidade política e social em que vivem e com as misérias cotidianas com que se deparam na matriz ordinária de suas vidas comunitárias. Através da hermenêutica do método ver-julgar-agir buscam olhar a realidade em que vivem (ver), julgá-la com os olhos da fé (julgar), buscando nunca perder de vista o dom da tolerância e o dom da caridade. Sem, no entanto, deixar que a razão fique obnubilada e encontrar caminhos de ação e contemplação, mesmo que impulsionados por este mesmo juízo prático ou teórico à luz da fé (agir).

¹⁸ Chamadas de Novas Comunidades, elas normalmente nascem de grupos de oração da Renovação Carismática Católica, o movimento que reúne elementos culturais modernos à tradição religiosa para atrair fiéis, principalmente os jovens.

catolicismo brasileiro, marcado pela autonomia ampliada dos leigos, que se manifesta intensamente na atualidade.” (Mariz 2006, p.58)

Observando, pois toda essa diversidade e suas dimensões, resta-nos compreender qual o “tipo” de catolicismo que resiste e persiste dentro da igreja. Retomando o que foi dito anteriormente sobre os grupos que apresentam conflitos entre si por suas constituições internas e partindo da organização geral (grupos de cunho social, grupos tradicionalistas e grupos carismáticos). Segundo Camurça (2013, p.72), a tendência católica que mais tem se consolidado, mesmo frente ao decréscimo do número de fiéis apresentado nas pesquisas oficiais, é a de vertente carismática, com grande suporte midiático.

Mariz e Lopes (apud Sofiati, 2018, p.289) afirmam que, dentro do campo religioso católico, o campo carismático traz um modelo de catolicismo pulsante no cenário nacional, no qual “os católicos engajados adotam com maior frequência o discurso oficial da Igreja, participam mais assiduamente da missa e são assíduos aos ‘grupos de oração’”. Embora as pesquisas oficiais não ofereçam essas informações, os estudiosos das ciências sociais da religião apresentam seus olhares e confirmam essas tendências de crescimento dos fiéis católicos carismáticos, bem como a permanência daqueles que são firmemente engajados em pastorais sociais e comunidades de base dentro das paróquias e as inúmeras manifestações expressas pela grande devoção aos santos e aos títulos de Nossa Senhora espalhados pelo país, ocasionando movimentos de romarias e peregrinações, movimentos esses muito tradicionais dentro do catolicismo de matriz mais popular. Essas considerações podem trazer, então, uma hipótese, uma possível constatação sobre o decréscimo no número de pessoas que se consideram católicas pelas pesquisas oficiais: o decréscimo acontece entre os não-praticantes. Sofiati (2018, p.292) junto a outros estudiosos alega que

[...] a queda se tem dado entre os não praticantes, que possuem vínculos cada vez mais frouxos com a instituição, principalmente no caso daqueles que cresceram em famílias cujos pais já eram católicos não praticantes. Quando se pensa a Igreja Católica como doadora universal no mercado de bens de salvação, consideramos que o grupo dos não praticantes é o responsável pela adesão às outras religiões, mas também pela readesão ao próprio catolicismo, seja qual for sua vertente. (Sofiati, 2018, p. 292)

O que poderia então estabelecer a unidade entre todos esses tipos de catolicismos dentro da mesma igreja se organiza em três pontos, elucidados por Brandão (2013): primeiro, que continua sendo a religião de todos, por estar muito imbricado na cultura brasileira; que não

exige profissão pública de fé, mas a recepção de sacramentos já o filia como católico; e que são mais abertos e acessíveis a compreender as outras religiões. O catolicismo parte do núcleo familiar, na maioria dos casos de filiação, mas não necessariamente passa de pai para filho como tradição. Nos dias de hoje, com o suporte midiático, alcança uma amplitude de grande impacto, chegando a lugares antes desfavorecidos de cobertura presencial de sacerdotes.

Dentro desse cenário, a influência da religião católica, com todos os catolicismos aqui apresentados, continuará com grande relevância e impacto no processo social e cultural do país. E, dentre vários elementos constitutivos dessa influência e construção cultural e social do indivíduo, destacaremos a realização da homilia e toda a reverberação de sua execução dentro da celebração litúrgica.

3. Capítulo 2

3.1. Definição e caracterização da homilia

A palavra homilia, etimologicamente falando, vem do grego e designa “prática familiar”, “conversa”. É considerada uma das inúmeras formas de elocução, sendo “parte integrante do interior da ação litúrgica, como nos diz a constituição *Sacrosanctum Concilium*¹⁹ em seu número 52, devendo trazer em sua gênese os mistérios da fé e as normas da vida cristã. Fazendo um breve histórico, o primeiro registro documental oficial de uma homilia cristã – segundo o documento do CELAM de 1983 - está localizado na Bíblia, no Evangelho segundo São Lucas, quando Jesus está na sinagoga, lendo e comentando sobre uma passagem do livro do profeta Isaías. Essa prática discursiva torna-se tradição entre os apóstolos na consolidação do cristianismo e perdura ao longo dos séculos na Igreja.

Enquanto gênero textual, efetivado mais comumente na oralidade, caracteriza-se como mensagem de um emissor a um receptor, mas com características específicas: há um momento, um mensageiro e um lugar específicos para sua realização: a Missa, o sacerdote ou diácono e a Igreja, respectivamente. E a mensagem aqui é a Sagrada Escritura, proclamada nas leituras da celebração. De acordo com a *Dei Verbum*²⁰,

A Igreja sempre venerou as divinas Escrituras, como também o próprio Corpo do Senhor; sobretudo na sagrada liturgia, nunca deixou de tomar e distribuir aos fiéis, da mesa tanto da Palavra de Deus como do corpo de Cristo, o pão da vida. [...] é preciso, pois, que [...] a pregação eclesial seja alimentada e dirigida pela Sagrada Escritura. (Dei Verbum, 21)

Reconhecida como manifestação da Palavra de Deus, a homilia constitui um todo com a proclamação do Evangelho, pois é veículo de compreensão ao nível da comunidade celebrante por meio de um ministro, uma atualização da mensagem bíblica. Não deve ser confundida com um sermão, rígido em oratória e retórica com caráter moralista, visto que apresenta uma linguagem mais dialogada e familiar. Pretende-se, pois, ajudar na captação da mensagem central da Palavra proclamada no momento presente de forma a torná-la praticável no cotidiano,

¹⁹ A constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a liturgia católica é uma das quatro constituições apostólicas emanadas do Concílio Vaticano II. Indica modificações no culto católico, visando aumentar a participação do laicato na liturgia da Igreja. Foi o primeiro documento emitido pelo Concílio e o único, dentre aqueles preparados pela Cúria Romana, a ter sido aprovado. Foi promulgada pelo papa Paulo VI no dia 4 de dezembro de 1963, no final da segunda sessão conciliar.

²⁰ Dei Verbum é uma constituição dogmática em forma de bula pontifícia e é um dos principais documentos do Concílio Vaticano II. É designada "constituição dogmática" por conter e tratar "matéria de fé". De fato, o seu conteúdo aborda o delicado e complexo problema da relação entre as Sagradas Escrituras e a Tradição.

em meio às necessidades atuais e concretas das pessoas reunidas em comunidade. É uma reflexão ligada à edificação e instrução dos fiéis.

Dessa maneira, a homilia ressalta seu caráter bíblico, na medida em que deve ter como ponto de partida a Palavra de Deus que foi escutada, sendo posta a serviço de todo o povo ouvinte reunido em comunidade para ter sua realidade iluminada, edificada e fortalecida na fé que professam, ressaltando a ligação perfeita e mistagógica entre a mesa da Palavra e a mesa da Eucaristia. É “uma exortação ao que se crê já globalmente – enquanto evangelizados – e se vai entendendo em profundidade – enquanto catequizados.” (ALDAZÁBAL, 2018, p.23)

A homilia difere-se de uma pregação. Enquanto nesta a principal função é expor um tema e desenvolvê-lo, e no caso do contexto religioso, versa sobre um tema tendo em vista a motivação, exortação e pode acontecer em variados ambientes religiosos e situações variadas de anúncio da palavra divina, naquela vemos que o seu centro é a palavra proclamada dentro de uma celebração litúrgica, da qual tudo deriva. Espera-se anunciar nela o passado e o agora (no momento da celebração) e “tentar penetrar em nossa vida de forma concreta para que tomemos consciência de uma conversão contínua face a Ele, a partir de nossas aspirações e necessidades.” (MALDONADO, 1998, p.169).

Em sua tessitura, Carvalho (1993, p. 34) nos apresenta uma reflexão de Joseph Gelineau, sacerdote jesuíta francês, a respeito da homilia necessitar apresentar alguns elementos que devem ser explorados para que a real comunicação entre emissor e receptor, entre ministro ordenado (homileta ou homiliasta) e fiel: a *exegese*, para situar o acontecimento descrito originalmente e fornecer informações para a compreensão de seu justo significado; a *hermenêutica*, para dar um significado histórico-atual; o *anúncio*, como o centro da liturgia da Palavra e ligação com a salvação; a *catequese*, para compreender a ação divina na Igreja e no mundo e promover atitudes internas nas relações sociais; a *mistagogia*, introdução à experiência com os sinais sacramentais; a *profecia*, que favorece o exercício dos carismas difundidos pelo Espírito Santo naquela mensagem; o *testemunho*, a encarnação da afirmação da fé nas experiências pessoais e eclesiais; e finalmente, a *exortação*, o chamamento para conversão e ao engajamento na igreja e no mundo como cristão.

Beckhäuser (2003, p.57) destaca também seis características que são próprias da liturgia em sua “compreensão teológica de mistério do Culto de Cristo e da Igreja”, ela que traz os mistérios de Cristo à memória por meio da Palavra de Deus proclamada que narra, revela e atualiza a “economia divina da salvação”. São estas: *caráter memorial*, no qual a homilia

procura ajudar a assembleia celebrante a descobrir, trazer à memória, expressar e viver mais profundamente o sacrifício de Cristo na liturgia eucarística, a ligação mais sensível entre o pão da Palavra e o pão da comunhão; *caráter pascal*, fazendo memória da Páscoa de Cristo e dos cristãos, visto que Ele continua agindo pelo Espírito Santo nos serviços de salvação, intrinsecamente relacionado com a ação litúrgica; *caráter narrativo*, presente na função da homilia em expor os mistérios da fé e as normas da vida cristã a partir do texto sagrado, tanto do Antigo Testamento como do Novo Testamento da Bíblia, “anunciando sempre de novo o amor de Deus, que pede uma resposta de amor da parte do ser humano (Beckhäuser, 2003, p.57); *caráter orante*, na importância de ajudar a assembleia litúrgica a realizar uma escuta orante da palavra, visto que a homilia deve possuir uma característica de louvor e glorificação; *dimensão trinitária*, com o dinamismo divino sempre presente: a Deus Pai, por Jesus Cristo, no Espírito Santo; *os sinais litúrgicos*, com a evocação do passado, indicando o presente e prefigurando o futuro, fazendo nascer o compromisso de se viver conforme se celebrou, ou seja,

A homilia narra o plano de Deus e suas maravilhas realizadas no passado até o momento atual. A palavra de Deus proclamada é atualizada no presente. Tudo será colocado numa perspectiva escatológica. A ação litúrgica, da qual a homilia faz parte, ajudará os ouvintes da Palavra a viverem de acordo com o que celebraram. (Beckhäuser, 2003, p.56)

De maneira mais evidente, o próprio Jesus Cristo é o núcleo da mensagem da homilia. Não deve dirigir-se ao intelecto como uma conferência faz, mas ao núcleo central da pessoa, a uma individualidade, uma particularidade. Torna-se evidente relacionar a pessoa de Jesus e sua mensagem como o tempo, o mundo e o homem que nele vive atualmente. Para Ele, o anúncio, ou *querigma*²¹, era a proclamação da chegada do reino de Deus. Para os seus discípulos, era a proclamação da salvação por Cristo. Para os fiéis, consiste na aceitação na pessoa de Jesus como centro e fim, e não propriamente no cumprimento seco de regras e preceitos.

A concretude da homilia deve ser objetiva e clara, pois contém uma finalidade precisa e necessita confluir numa resposta por parte daqueles que a escutaram, deixando-os inquietos acerca de si mesmos, de sua vida pessoal e sua participação no meio da comunidade, mais precisamente analisando sua relação consigo mesmo, com Deus e com o próximo.

Como um serviço da Igreja, dentro de um marco global da Palavra de Deus proclamada e celebrada na liturgia, Aldazábal (2018, p.45) nos mostra que a homilia tem um triplo

²¹ Transmissão de uma mensagem a quem não é cristão, visando convertê-lo.

dimensionamento em sua realização como serviço: o primeiro, o *bíblico*, como um ato de obediência à palavra de Deus proclamada naquela celebração, fazendo com que os fiéis compreendam o teor de sua mensagem; o segundo, o *histórico e vital*, como um serviço à comunidade celebrante, para ajudá-la na aplicação em sua vida e sua história; e o terceiro, o *mistagógico*, como um laço de ligação entre a Palavra e o rito sacramental no qual está inserida.

Ainda o mesmo autor nos fala que a homilia deve ajudar a todos a entender como Deus quer que vivamos nossa realidade histórica total, também a construção da *polis* no sentido mais estrito da política:

A homilia deve convidar a todos, quando a Palavra o pede, a ser responsáveis na sociedade, a ter uma personalidade cristã e a trabalhar seriamente por uma sociedade melhor. [...] Neste mundo em que vivemos, um cristão deve aprender a construir um mundo melhor, estruturas mais justas, uma ética profissional mais conforme ao Evangelho de Jesus, por exemplo, no respeito à vida, em todas as suas facetas. (ALDAZÁBAL, 2018, p.119)

Toda leitura da Palavra tem como propósito atingir os fiéis pedindo sua conversão - mudança de rumo. Em grego, a palavra é mais profunda: metanóia - que a mente vá mais além, se deixe ir. A leitura atualizada da Escritura na homilia põe diante do ouvinte um caminho a ser trilhado, abandonando o lugar parado em que estava. A homilia é incentivo à mudança de vida, e como afirma Libânio (2019) a “avançarmos para águas mais profundas, deixando para trás a comodidade e a segurança da margem”.

3.2. Homilia como gênero discursivo e polifônico

A homilia, por fazer parte de um culto religioso, não é um discurso qualquer, mas está legitimada pela força coerciva da religião e da fé. Ela faz parte de um campo, o campo religioso, e como afirma Bourdieu (1998, p.43) possui uma lógica própria, com valores e interesses específicos. A homilia é seu próprio objeto nesse campo e seu princípio básico de compreensão. Neste campo, por meio da homilia, com sua estrutura histórica e mutável, os agentes estão de acordo consensualmente.

Ao levarmos em consideração o princípio dialógico que permeia as manifestações discursivas, bem como a intensa dominação ideológica exercida pelo discurso religioso em nossa sociedade, calcaremos nosso estudo na intencionalidade de demonstrar que até mesmo um discurso cristalizado como o religioso sofre atravessamentos de dizeres de outros discursos.

Eis, pois, dois conceitos a serem apresentados: o caráter discursivo e o caráter polifônico existentes dentro da homilia.

Sendo um ser comunicacional desde sua origem, reconhecendo seu corpo e a relação com o ambiente, com o corpo alheio, com o surgimento da fala, da escrita e da imprensa até os meios digitais e eletrônicos atuais, o homem foi desenvolvendo seu pensar e interagir com o exterior e elaborou meios de expressar a linguagem sempre interligados com o Criador e o que Ele oferecia e o novo que surgia a cada dia. Isso, à princípio, construía vínculos de harmonia entre Deus e os seres e os seres entre si, e o que se esperava era um mundo solidário e pacificado, mas não aconteceu exatamente assim. A sociedade ia se constituindo com bases marcadas em atitudes individualistas e, algumas vezes, depressivas. A fé, também criada na evolução visando ligar a criatura ao Criador, precisava ser renovada. Qual o papel então da Igreja aqui, nesse processo comunicativo de reacender a chama da fé e transmiti-la?

O discurso pode ser compreendido como um conjunto de enunciados que derivam de uma mesma formação discursiva. Segundo Orlandi (1987, p. 44), com base nos estudos de Pêcheux, o funcionamento discursivo é marcado pelo modo como se representam os interlocutores entre si e a relação que mantêm com a formação ideológica e está atravessado pela tipologia. As marcas são determinadas pela estruturação, que por sua vez determina o tipo de relação de interlocução, entre locutor e ouvinte, e especificamente dentro do discurso religioso podem ser autoritárias, polêmica ou lúdica.

As condições de produção determinam o tipo que pode ser reconhecido através do critério de reversibilidade entre locutor e ouvinte, que pode chegar a zero na interlocução autoritária, viver a plenitude na interlocução lúdica e acontecer sob determinadas condições na interlocução polêmica. Um enunciado, por ser um evento único e irrepetível, deve levar em consideração as condições de produção, ou seja - tempo, lugar, papéis representados pelos interlocutores, imagens recíprocas, relações sociais, e objetivos visados no momento da interlocução - responsáveis pela constituição do sentido do enunciado.

Essa situação toda denomina-se enunciação e determina por que o que se diz é dito. Algumas destas condições são os operadores argumentativos, os marcadores de pressuposição, os tempos verbais, os índices de polifonia, os índices de modalidade ou indicadores modais, etc. De acordo com a escolha das modalidades a serem usadas, o locutor obriga o interlocutor a aceitar o seu discurso como verdadeiro, procurando impor seus argumentos, como no caso das modalidades do tipo: “é certo”, “é preciso”, “é necessário”, “não pode haver dúvidas”, etc.

(ORLANDI, 1987, p.44). Na análise proposta pela autora, o discurso religioso é caracterizado como autoritário, uma vez que quem fala é a voz de Deus, através do padre, do pregador, ou seja, o representante de Deus.

Entretanto, um texto pode ser configurado por tipos distintos de discurso, o que caracteriza a intertextualidade ou heterogeneidade, um dos mais poderosos fatores da textualidade, que sustenta em seu interior a argumentatividade, fator básico da textualidade (KOCH, 1986, p 123), relacionada com a polifonia, que pode ser definida como a incorporação, ao próprio discurso, das vozes de outros enunciadores ou personagens discursivos —o(s) interlocutor(es)-, terceiros, a opinião pública em geral ou o senso comum, ou seja, o coro de vozes que se manifesta normalmente em cada discurso, visto ser o pensamento do outro constitutivo do nosso, não sendo possível separá-lo radicalmente- o que permite afirmar que a produção do sentido é inteiramente condicionada pela alteridade. Assim, a heterogeneidade, ou polifonia em sentido amplo, é o lugar da constituição do sentido do texto.

Maingueneau (1993, p.65), afirma que o interdiscurso consiste em um processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é levada a incorporar elementos pré-construídos. Desse modo, ocorre uma reconfiguração da formação discursiva, onde se incorpora novos elementos de outras formações discursivas e/ou os elementos próprios da formação discursiva se movimentam numa relação de se organizarem para uma repetição ou para um apagamento.

Ao levarmos em conta que esse “diálogo entre discursos” se dá por meio de sujeitos sociais, o discurso nem sempre demonstrará uma harmonia ideológica, podendo implicar em conflitos, relações de dominação e resistência, já que “a palavra é a arena onde se confrontam aos valores sociais contraditórios, os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema” (Bakhtin, 2000, p.34), bem como que o que vemos é governado pelo modo como vemos e este é determinado pelo lugar de onde vemos. Assim, o discurso variará se os interlocutores fizerem ou não parte do mesmo grupo social, ocuparem posições inferiores ou superiores na hierarquia social, bem como se estiverem unidos por laços sociais, como de pai, mãe, marido. São as peças do jogo, na verdade, são os jogadores, que tem a noção de como o jogo funciona (mais uma vez levando em consideração o que Bourdieu nos traz sobre campo e habitus).

Bakhtin descreve o discurso religioso (para nós, especificamente a homilia) como um gênero composto por uma certa estabilidade discursiva permeada por dialogismos. Para ele, a

utilização da língua se dá por meio de premissas orais e escritas originárias de um grupo social pré-estabelecido que, por sua vez, elabora seus “tipos” relativamente estáveis de enunciados, e, no caso da homilia, a estabilidade baseia-se no contexto litúrgico, regulamentado em ciclos trienais, com a finalidade de fazer-se compreender a mensagem, que é relacionada com outros enunciados – textos da bíblia - proferida pelo celebrante. O dialogismo é um processo de relação entre discursos que abarca o funcionamento real da língua e a composição particular do discurso. Em outras palavras, as unidades da língua (palavras, frases, orações) se repetem naturalmente em qualquer situação, mas as formas de serem enunciadas dentro de um discurso são sempre acontecimentos únicos por levarem em conta sentidos, contextos, finalidades, propósitos. E um discurso cita outro dentro de sua constituição numa relação dialógica e, enquanto relação de sentidos, chamamos de interdiscursividade, fazendo referência a Fiorin (COSTA E PINTO, 2014, p 108).

Para Bakhtin, a polifonia é “parte essencial de toda enunciação, já que em um mesmo texto ocorrem diferentes vozes que se expressam, e que todo discurso é formado por diversos discursos”. (BAKHTIN apud TAMANINI-ADAMES; PIRES, 2010, p. 6), visto que o discurso resulta de uma teia na qual há a presença de diversas vozes em seu entremeio. É uma das características do conceito de dialogismo de Bakhtin é idealizar a integração do mundo como polifônica, na qual a coletividade se faz por meio da linguagem. A linguagem, na concepção bakhtiniana, é subjetiva e essencialmente dialógica, em que o indivíduo é sempre atravessado pela coletividade, em uma ação histórica socialmente compartilhada que, embora exista em um tempo e local específicos, é sempre mutável devido às variações do contexto, “em toda parte um determinado conjunto de ideias, pensamentos e palavras passa por várias vozes imiscíveis, soando em cada uma de modo diferente” (Bakhtin apud PIRES & TAMANINI-ADAMES, 2010, p.06), o que também embasa a concepção de discurso religioso, e diz muito sobre o gênero homilia especificamente. Na polifonia dentro da homilia, teologicamente falando, a voz de Deus se mistura – sem perder a essência- com as vozes de quem realiza o gênero e com as vozes locais de contexto e circunstâncias nos quais aquela homilia está se realizando.

O sujeito tece seu discurso polifonicamente, num jogo de várias vozes cruzadas que se complementam, se relativizam, ou se contradizem. Aquele que prega, realizando a sua função missionária e evangelizadora, procura conhecer sua comunidade para identificar aqueles que já estão em comunhão com Deus, mas principalmente aqueles que ainda não estão. Teologicamente falando, quando se sentem acolhidos, os ouvintes (fieis) permanecem e voltam. Quando há verdadeiramente a partilha do Pão da Palavra, de forma comunicativa e dialógica,

rompem-se as fronteiras da Palavra e se vivencia a Eucaristia propriamente dita, como dizia São João Paulo II, “leva-se Jesus aos homens, e os homens a Jesus”.

De acordo com Sbardelotto (2020, p.23), as raízes da comunicação (*o cum-munus, oikos e polis*) demandam gerar relações na construção de um ambiente comum favorável a todos e organizado por todos, no qual se percebe a ação de Deus de gerar e dar sentido, de possibilitar ao homem participar de sua criação e relacionar-se com ela de forma a construir sua identidade pela alteridade. A cultura do encontro possibilita enxergar o processo comunicativo como construtor de sentido, dinâmica alterizante e diálogo discursivo sempre atualizado para transformar a realidade. Tem assim como modelo mister Jesus, com seu lugar de fala sempre demarcado pela linguagem do povo e do corpo. Ele, portanto, é o exemplo a ser seguido pelo comunicador cristão e todo o seu processo místico de comunicar, experimentando na sua espiritualidade a dialogicidade da palavra divina, com muito cuidado para não perder a essência por causa de padrões estéticos ou de profissionalidade, não deixando que a fatores externos à religião atrapalhem a comunicação da Verdade (que aqui é grafada maiúscula por ser referência ao Evangelho), comunicação esta que deve fugir de todo superficialismo, proselitismo e exibicionismo.

Assim, a função da homilia não é apenas explicar os textos bíblicos, sendo essa sua essência original, mas é preciso ligá-los com a realidade da comunidade para fazer a comunidade refletir, abrindo os fiéis à conversão e à transformação pessoal e da sociedade, sem deixar de lado sua relação com Deus. E aqui retomamos a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco, encíclica com características de convite a esclarecer e didatizar a evangelização e o anúncio da fé com um estilo alegre, a mesma alegria do encontro com Cristo, por meio de um diálogo inovador e a proposição de uma via da beleza para enxergar novos sinais, novas formas de transmitir a mensagem por meio da tríade encontro / diálogo / anúncio e com os princípios de que o tempo, a unidade, a realidade e o todo são superiores ao espaço, ao conflito, à ideia e à parte. Por ser então, um processo dialógico, a homilia enquanto gênero discursivo, deve ser sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa, conforme nos diz Bakhtin (2000), que pode se realizar imediatamente como um ato ou pode ser muda com um efeito retardado, visto que o que foi ouvido é passível de reflexão e de tomada de atitude comportamental posterior por parte do ouvinte. Quem profere, espera uma resposta de quem ouve.

A homilia apresenta-se aqui, retomando a *Evangelii Gaudium*, como um caminho de rupturas e permanências, no qual o maior risco de um pregador é habituar-se à sua própria

linguagem e pensar que todos os outros a usam e compreendem espontaneamente. A linguagem positiva, como continua o documento, deve ser o destaque da homilia: deve ser compreendida e oferecer esperança, orientar para o futuro e, sobretudo, não nos deixar prisioneiros da negatividade.

Um outro aspecto muito importante a ser levado em conta por quem prega é que cada celebração da missa é única, cada assembleia é única, cada homilia é e deve ser única! A realidade dos sacerdotes atualmente é de celebrar três, quatro ou mais missas durante o dia, mas ter a sensibilidade de perceber que cada público é um, tem suas particularidades. As pessoas esperam mais do que um comentário bíblico, elas querem mais ouvir do que escutar, querem conforto, ânimo, motivações para a semana que se inicia, respostas às suas perguntas. São as muitas vozes num mesmo discurso.

Fazer homilia é um ato de fé, e trata-se de acolher a palavra de Deus (que fala além dos textos proferidos naquela celebração em específico) e atualizá-la. O tecido eclesial da homilia deve ser levado em conta, com seus tecelões, os sujeitos ali envolvidos. Em Bakhtin,

[...] o próprio locutor como tal é, em certo grau, um respondente, pois (...) pressupõe não só a existência de enunciados anteriores – emanantes do mesmo ou de outro – aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. (BAKHTIN, 2000, p.89)

Portanto, há uma ligação responsiva ativa tanto do locutor (aqui o pregador / homiliasta) quanto do ouvinte nesse processo de alternância comunicativa cuja unidade é a homilia. Essa alternância entre os sujeitos envolvidos estabelece a limitação entre o que é proferido e sua finalidade, seu acabamento. Uma vez constituída a temática formativa proposta para qualquer homilia, o locutor evidencia o seu acabamento e dá ao fiel ouvinte a possibilidade de resposta. Bakhtin (2000, p.89) destaca três fatores para essa possibilidade de resposta: o primeiro é o tratamento dado ao objeto de sentido que recebe um acabamento relativo em condições determinadas dentro do limite definido pelo autor; o segundo é o intuito, um elemento de sentido que aliado ao objeto forma uma unidade marcada pelo objetivo do autor; e o terceiro é a estrutura com a qual o autor caracterizará seu discurso.

Um documento importante do Concílio Vaticano II²² sobre a comunicação na Igreja que faz menção ao modo de pronunciamento da igreja é a instrução pastoral *Inter Mirifica*²³. Ele aponta que o direito à informação é algo fundamental para o crescimento e desenvolvimento da sociedade, desde que tais informações estejam revestidas de verdades morais e éticas, apresentando um conteúdo para a prática dos cristãos católicos. A igreja deseja atingir, desta forma, a capacidade de discernimento, no que se refere à vivência da fé católica, através da palavra pronunciada e da homilia que a influencia. A homilia estabelece a ponte entre a palavra anunciada e a prática que ela visa alcançar junto aos fiéis. Portanto, é interessante que o ministro ordenado busque se comunicar da melhor maneira possível durante a homilia e que se preocupe com o conteúdo transmitido, pois é o momento propício para fazer uma enculturação na vida de seus paroquianos. No parágrafo 822 do Código de Direito Canônico²⁴ encontramos a solicitação dos padres usarem os meios de comunicação para evangelizar, apontando para a importância da preparação dos sacerdotes na área de comunicação desde seu processo formativo nos seminários.

A comunicação da alegria do Evangelho deve ser para todos, sem exclusão, sem distinção, mediadora da construção de uma cidadania responsável e alterizante, sempre de encontro ao outro, de forma misericordiosa, pobre com os pobres, encarnada, sentida. Devemos lutar por uma comunicação que salvasse os direitos de família, dos indivíduos e, em suma, dos valores essenciais à vida e ao bem-estar da sociedade. Pode ser de forma direta o anúncio da lógica da boa notícia, ou como sugere o Papa, por novas metáforas, como os óculos para enxergar, a semente em terra boa, o pão partilhado, este último como símbolo da reciprocidade, da multiplicação, da generosidade criativa. Cada metáfora exige uma interpretação, e cada interpretação elenca seus significados coletivos e particulares. Distintas, diversas, mas verdadeiras e autênticas, comprometidas na comunicação da essência da palavra divina.

²² O Concílio Vaticano II (CVII), XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica, foi convocado no dia 25 de dezembro de 1961, através da bula papal "*Humanae salutis*", pelo Papa João XXIII. Este mesmo Papa inaugurou-o, a ritmo extraordinário, no dia 11 de outubro de 1962. O Concílio, realizado em 4 sessões, só terminou no dia 8 de dezembro de 1965, já sob o papado de Paulo VI. Nestas quatro sessões, mais de 2000 Prelados convocados de todo o planeta discutiram e regulamentaram vários temas da Igreja Católica. As suas decisões estão expressas nas 4 constituições, 9 decretos e 3 declarações elaboradas e aprovadas pelo Concílio.

²³ *Inter mirifica*, com o subtítulo "Decreto sobre os Meios de Comunicação Social", é um dos 16 documentos magisteriais do Concílio Vaticano II. O texto final foi aprovado em 24 de novembro de 1963. Apresenta a primeira orientação geral da Igreja para o clero e para os leigos sobre o emprego dos meios de comunicação social.

²⁴ O Código de Direito Canônico (em latim *Codex Iuris Canonici*; CIC) é o conjunto ordenado das normas jurídicas do direito canônico que regulam a organização da Igreja Católica Romana (de rito latino), a hierarquia do seu governo, os direitos e obrigações dos fiéis e o conjunto de sacramentos e sanções que se estabelecem pela contravenção das mesmas normas. Na prática é a constituição da Igreja Católica.

A relevância de usar os meios de comunicação tem uma grande importância para o fato de tornar a mensagem do Evangelho conhecida. Tais meios contribuem com os fiéis impossibilitados de se deslocarem de suas casas, de seus leitos e de seus lugares de trabalho em direção dos lugares onde acontecem as celebrações presenciais (sem adentrar muito no fato de estarmos em meio a uma pandemia e estas realidades terem sido vivenciadas com muita intensidade nos últimos meses), sem contar também as distâncias em que muitas pessoas se encontram e suas dificuldades de locomoção até os centros urbanos para participar presencialmente das celebrações. Essas transmissões pelos meios de comunicação possibilitam que os fiéis comuniquem do Pão da Palavra.

3.3. Panorama histórico da homilia

Ao longo da história da Igreja, a homilia veio sofrendo várias alterações. Momentos de alta e baixa importância. Em alguns períodos, teve uma valorização forte dentro da liturgia e embasada por importantes documentos da Igreja. Em outros momentos foi desvalorizada, por vezes não realizada e substituída por pregações fora do contexto litúrgico vivenciado nas celebrações.

Fazendo um breve panorama, tomando como ponto de partida a bíblia enquanto testemunho histórico da fé do povo de Deus, encontramos ali vários relatos orais de fé, interpretações das tradições, para que o povo pudesse compreender mais e melhor a mensagem dada por Deus e aplicassem em seu cotidiano.

No Antigo Testamento, há diversas narrativas de interpretação e realização da vontade divina nas assembleias reunidas, para compreensão acerca das obras ali feitas, para que o povo perceba atentamente o que o Senhor faz e diz em seu contexto, se converta e viva segundo a lei, admirando-o, louvando-o e bendizendo-o. Observemos que, conceitualmente, não nos referimos à homilia, mas textos orais orientadores.

No tocante ao Novo Testamento, percebemos que a homilia é uma das partes mais antigas e remonta aos elementos pré-cristãos vindos da tradição sinagoga. Nos Evangelhos segundo São Marcos (Mc 6,1-6) e São Lucas (Lc 4,16-30), encontramos com a cena de Jesus lendo e comentando uma passagem do livro do Profeta Isaías no templo. Era um costume no mundo judaico e ele fez uso enquanto membro do povo frequentador da sinagoga. Ainda no Evangelho de São Lucas encontramos Jesus Ressuscitado explicando as escrituras aos discípulos que estavam a caminho de Emaús (Lc, 24,27). Esse momento teve dois momentos

muito expressivos: a explicação da Palavra no caminho e a fração do pão, uma imagem que remete à Palavra e ao sacramento, às duas formas que o próprio Cristo se dá a todos. Como nos traz Aldazábal,

Herdeiras da sinagoga, onde a celebração da Palavra, além das leituras e dos salmos, incluía a pregação por parte da pessoa a quem se confiava este serviço, não é de se estranhar que já desde o princípio as comunidades cristãs tenham seguido essa dinâmica entre as leituras das Escrituras e a pregação. As primeiras comunidades nasceram por esta pregação dos apóstolos como Pedro e Tiago, e de Estêvão, Filipe e Paulo. (ALDAZÁBAL, 2018, p.64)

Eram os antecedentes bíblicos do que chamamos de homilia. Tornou-se natural no mundo cristão que se segue à leitura da Escritura, como elemento indispensável da liturgia da palavra, o comentário. Os ecos das primeiras comunidades cristãs e apostólicas revelam, portanto, a importância da explicação da Sagrada Escritura como um importante meio de construção da identidade da igreja e da sociedade. Tanto nos Evangelhos como nas Cartas Apostólicas, a reta interpretação da Boa Nova de Jesus constitui um imperativo para discernir os sinais dos tempos, as verdadeiras e falsas práticas cristãs, mas, sobretudo os possíveis desvios a que mensagem cristã podia estar sujeita, bem como o posicionamento do indivíduo.

Ao observarmos os primeiros séculos da vida cristã, tempos primordiais da igreja, os testemunhos do lugar de destaque da homilia dentro da celebração comunitária são inúmeros. Por volta do ano 150, temos os relatos de Justino no primeiro volume de sua obra Apologia (OLIVAR apud ALDAZÁBAL, 2018, p.66) sobre as reuniões dominicais acontecidas em Roma, com o destaque para a exortação e incitação por parte do presidente da celebração a imitar “essas coisas excelsas” provindas das Sagradas Escrituras. Alguns anos mais tarde, encontramos Tertuliano explicando em seus escritos sobre a estrutura seguida nas celebrações da época (leituras, seguidas de salmos e com a exortação oral culminando com a oração universal).

Alexandre Olivar, estudioso sobre a pregação cristã dos primeiros séculos, nos explica que a homilia (ainda chamada aqui de pregação) nasceu junto com a própria igreja, a partir da natureza da manifestação da Palavra de Deus ao mundo, palavra esta que deveria ser “difundida e transmitida, proclamada e explicada, convertida em espírito e vida para os homens e mantida neles pela exortação” (OLIVAR apud ALDAZÁBAL, 2018, p.66), sofrendo às adaptações necessárias de cultura, circunstâncias e línguas. Orígenes, filósofo e padre grego, é citado como pioneiro na arte da homilia como explicação da Palavra de Deus. Seu vasto repertório

homilético foi traduzido para o latim e muito usado como referência pelos sacerdotes da época. Santo Inácio de Antioquia e São Policarpo de Esmirna no oriente também dedicaram tempo ao combate às heresias por meio de suas homilias. Mas uma figura de grande destaque nessa época no ocidente é Santo Agostinho.

Agostinho era professor de retórica e, quando foi ordenado padre e nomeado bispo alguns anos em seguida, pela sua retórica exemplar e artística, sobressaiu-se pelo amor a Cristo e à Igreja e pela sua proximidade com a comunidade. Poças (2012, p.20) nos traz que:

Agostinho tem a grande preocupação de elaborar o primeiro tratado exegético-homilético em quatro livros (*De doctrina Christiana*). A sua intenção assenta, essencialmente, em três objetivos: agradar, instruir e persuadir seus ouvintes. Nota-se uma especial preocupação em edificar o povo. Estuda oradores profanos e examina exemplos eloquentes como os de Paulo, Cipriano e Ambrósio. Revela uma distinta preparação minuciosa daquilo que irá transmitir com grande preocupação em santificar os ouvintes, para que estes possam ter uma vida exemplar e de oração, certamente como a dele próprio. Apaixonado pela Escritura, Santo Agostinho é um homilista que explica “a Bíblia com a Bíblia”. (POÇAS, 2012, p.20)

Esse período da patrística (fins do século III e início do século IV) era caracterizado pela prioridade à realização das homilias pelos bispos. Em celebrações, cada um dos celebrantes podia fazer seu comentário sobre as leituras bíblicas, cabendo ao bispo ser o último a falar (OLIVAR apud ALDAZÀBAL, 2018, p.67). Outro nome que merece destaque nesse período é Gregório Magno, com um repertório de mais de seiscentas homilias registradas e referenciadas e grande importância principalmente a partir do século V com a queda do império Romano. Outros, ainda, com seus modelos de pregação de grande conhecimento a esse momento foram Basílio, Hipólito, Jerônimo, Leão Magno, entre outros.

Na época medieval, segundo Libânio (2019, p.13), a homilia na liturgia entrou em decadência. Uma das causas que a colocou em risco foi a retórica em excesso. Durante algum tempo, ficou restrita aos bispos, tanto para garantir-lhes o poder doutrinal quanto pela falta de preparo dos sacerdotes recém ordenados. Em outros momentos, o descuido pela pregação cresceu, afetando até os bispos, que já não pregavam. Como reação, nascia a pregação popular, feita também por pessoas da comunidade, que possuíam uma preocupação evidente com a vida religiosa e moral do povo, e assim, utilizavam lendas, narrações e exemplos que passavam de gerações em gerações pelos populares. Houve um ressurgimento da pregação no contexto

religioso por obra dos frades mendicantes, sobretudo dos dominicanos, cuja ordem se denominou “*Ordo Praedicatorum*”²⁵, a Ordem dos Pregadores.

A era moderna caracteriza-se, entre outros, sobretudo, pelo rompimento com a Cristandade medieval. A tomada de Constantinopla pelos turcos Otomanos (1453) não deixa de ser um marco, pois indica o fim do Império Romano do Oriente. Marca também o período de início da Reforma Protestante. Por durar mais da metade do século XVI, este acontecimento evidenciou uma ampla deterioração no cenário interno da Igreja enquanto instituição e o desfecho final significou o marco histórico do cisma na unidade católica, sendo ele a junção de diversos fatores sociais que, dados os movimentos que se faziam presentes na vida cultural, pressionavam a Igreja na urgência de realizar mudanças e reformas.

O acesso aos livros da Sagrada Escritura foi bastante difundido dentro do catolicismo e a liturgia em língua vernácula ganhou muita força em sua realização, visando defender com mais intensidade a fidelidade à palavra de Deus e a permanência na religião natural e vigente. Porém, uma série de desvios e relatos apontam para as heresias e más condutas dos pregadores populares, principalmente as interpretações pessoais, arbitrárias, inconvenientes, frequentemente contrárias ao dogma e à disciplina, por conseguinte, ao sentido adotado pela Igreja (LECLERC apud FONSECA, 2019, p.12). Os pregadores populares

[...] são os primeiros, e de há muito tempo, a fazer deste abuso uma utilização quase que escandalosa. Os intérpretes da palavra divina permitiam-se, por seu lado, uma liberdade sem limite [...] A estes abusos acrescentavam-se uma linguagem litúrgica desajustada da realidade da assembleia, a desvalorização da santificação dos leigos e a discriminação de sexos. (LECLERC apud FONSECA, 2019, p.12)

A Igreja realiza o Concílio de Trento em 1545, como uma resposta às proposições do protestantismo, mas, muito mais do que isto, como uma expressão da vitalidade da Igreja, que no século XVI se manifestou em Trento e num movimento de eflorescência prolongado até o século XVII. No espírito de Contra Reforma ou Reforma Católica, o Concílio apresentava-se como uma tentativa da igreja de se proteger de um grande desastre enquanto detentora da

²⁵ A **Ordem dos Pregadores** (latim: *Ordo Praedicatorum*, **O. P.**), também conhecida por **Ordem de São Domingos** ou **Ordem Dominicana**, é uma ordem religiosa católica que tem como objetivo a pregação da palavra e mensagem de Jesus Cristo e a conversão ao cristianismo. Fundada em Toulouse, França, em 22 de dezembro de 1216 por São Domingos de Gusmão, um sacerdote castelhano (atual Espanha), o qual era originário de Caleruega, e confirmada pelo Papa Honório III. Os dominicanos não são monges, mas sim frades: professam voto de obediência (a Deus, à Bem-Aventurada Virgem Maria, a São Domingos, ao Mestre Geral e às leis dos irmãos pregadores). Neste voto, estão incluídas a pobreza e a castidade. Vivem em comunidade, em conventos, que são implantados tradicionalmente nas cidades.

história do cristianismo. Como ação primordial, o que parecia de início a busca de proteção, logo se transformou em defesa e intento explícito de “frear” a rebeldia que se havia constituído, em visível pretensão de reforma-restauração (ALDAZÁBAL, 2018, p.87)

Esta tentativa de “freio” brotava do íntimo da Igreja ou dos seus setores dados à oração e à mística. Entre outras coisas, a Igreja Católica reafirmou a exclusividade do direito de interpretar as Escrituras, propôs uma valorização da Bíblia, da homilia dos ministros ordenados e da catequese e a proibição de leigos proferirem a homilia dentro da celebração litúrgica. Foram criados os seminários para formação dos sacerdotes.

Entre os séculos XVI a XVIII, a temática retórica constitutiva das homilias visava sobretudo temáticas: políticas (defesa do movimento restauracionista, resistência e mobilização face às invasões francesas); sociais (corrupção, injustiças, roubos); soteriológicas (novíssimos, o temor e terror do inferno); catequético-morais (vícios, virtudes pecado, demonstrar o erro, ensinar a verdadeira fé e a doutrina católica). A partir da metade do século XVI ocorre a sacralização da oratória:

A imagem ciceroniana do orador, isto é, a personalidade pública que explora com sagacidade a alma dos seus concidadãos, é absorvida pela imagem do sacerdote cristão. Permanecendo cívica, a oratória deixa de ser maioritariamente laica para se sacralizar. O loquente, como sacerdote, apresenta-se na pessoa do mediador e intérprete da palavra divina, e transforma-se, assim, num ser talentoso e iluminado pela sabedoria de Deus, portanto digno de todo o crédito. (MENDES apud FONSECA, 2019, p.21)

O Padre António Vieira constituía o modelo de excelência neste período. Contudo, não existia uma uniformidade da pastoral homilética.

Passados mais alguns séculos, muitos acontecimentos mundiais trazem a modernidade como palavra-chave de transformações sociais. Sem de fato ter sua unidade reestabelecida e não conseguindo conter a perda de prestígio que avançava no seio da sociedade, a presença pública da Igreja no mundo foi novamente abalada no contexto do século XVIII. O Iluminismo, que culminou na Revolução Francesa (1789), evidenciou a mudança de centralidade da vida social deslocando-se do “fiel” para a dignidade do “homem, com a identidade de “cidadão” sobrepondo-se a do “cristão” em seus direitos e deveres.

A Revolução Francesa pode ser considerada como um dos marcos que incrustaram o pensamento moderno na sociedade. Na gênese desse pensamento, está a ideia de liberdade e a destituição da soberania absolutista do Antigo Regime. Como afirma o jesuíta John O’Milley,

em uma entrevista sobre o 150º aniversário do Concílio Vaticano I, sobre o mundo naquele período:

Toda autoridade é questionada, o súdito quer ser cidadão e a república é imposta como alternativa à monarquia. A Igreja, como grande catalisador social desde a Idade Média, não poderia passar ilesa por esse processo. Não só a autoridade do Papa, mas da própria Igreja são postos em xeque e essa instituição, já milenar, é forçada a compreender e responder a um mundo que se transforma. (O'MILLEY apud SANTOS, 2019, p.3)

A destruição física de igrejas e mosteiros que ocorreu no rastro da Revolução chocou, entristeceu e desanimou as pessoas em todas as classes sociais e muitas vezes tornou os cristãos, a maioria da população, ainda mais comprometidos com a sua fé. Diante desse cenário de desânimo social, mas com sinais de crescimento espiritual, somente 80 anos depois da Revolução Francesa, a Igreja decidiu institucionalmente enfrentar essa situação com a convocação de um novo concílio, o Vaticano I. Sua brevidade foi suficiente para que o posicionamento oficial da Igreja, ao retomar o Concílio de Trento, tivesse como meta o fortalecimento eclesial. Esse é o cenário da realização do Concílio Vaticano I. Com seus dois documentos, um sobre a infalibilidade papal e o outro como uma declaração contra o racionalismo, forneceu à Igreja uma declaração de fundamentos que foi extremamente útil na navegação dos levantes culturais do mundo moderno e afetaram o teor das homilias nas celebrações. “Deus existe. Ele pode ser conhecido. A crença religiosa está além da razão, mas não é irracional. A crença religiosa realça a vida.” (O'MILLEY in SANTOS, 2019, p 3).

Mendes (2010, p. 149) nos diz que:

De modo geral, a teologia desse período se fundamentava nas sólidas formulações doutrinárias e pastorais que, elaboradas por ocasião do Concílio de Trento, e retomadas pelo Vaticano I, não sofreram, substancialmente, nenhuma alteração. (Mendes, 2010, p.149)

Os acontecimentos seguintes na história marcaram profundamente o mundo e o catolicismo de forma geral. Duas grandes guerras, as cisões entre as igrejas cristãs, o Nazismo, foram alguns dos eventos que levaram o Papa João XXIII a convocar o Concílio Vaticano II, em meados de 1960, com o objetivo de compreender o mundo e reconciliar os povos. A participação ativa, plena e consciente constituiu um dos elementos principais da reforma litúrgica deste concílio, como forma de evitar que os cristãos entrem no mistério de fé como estranhos espectadores mudos.

Neste sentido, segundo Mendes (2010, p.149)

O esforço de renovação eclesial indicado pelo Concílio Vaticano II rompeu, definitivamente, com uma mentalidade “conservadora” da tradição cristã, para instaurar uma nova hermenêutica teológica-pastoral, não sem considerar o auxílio de novos instrumentos de análise da realidade e que, por sua vez, implicaram na auto compreensão de sua ação no mundo.

3.4. A homilia no pós Vaticano II

Por meio da Constituição Apostólica *Missale Romanum*, datada de 3 de abril de 1969, o papa Paulo VI aprovou a publicação do novo Missal Romano e da “Instrução Geral ao Missal Romano” (IGMR). Não se trata de um "documento doutrinal ou dogmático", mas de uma "instrução pastoral e ritual, onde se descreve a celebração da Missa e as suas partes", e se apresentam "os princípios do ensino catequético a transmitir aos fiéis e as normas principais da celebração eucarística para uso daqueles que, segundo a diversidade das ordens e graus, nela estão presentes" (IGMR, próêmio nº15, nota). Entre muitas novidades, a que mais chamou a atenção foi de permitir que a Santa Missa pudesse ser celebrada na língua vernácula de cada povo. O entusiasmo com que por toda a parte foi recebida esta decisão conciliar teve como resultado uma participação mais ativa do povo, permitindo uma compreensão mais plena do mistério celebrado. A homilia, dentre outras partes e orações advindas do concílio de Trento e em muitos lugares esquecidas ao passar dos anos, foi resgatada:

13. Dado que o uso da língua vernácula na Liturgia é um instrumento de grande importância para exprimir mais claramente a catequese do mistério contida na celebração, o Concílio Vaticano II entendeu dever relembrar a necessidade de pôr em prática algumas prescrições do Tridentino que não tinham sido respeitadas em toda a parte, como a obrigação da homilia aos domingos e dias festivos e a possibilidade de inserir admoções dentro dos próprios ritos sagrados (próêmio IGMR nº13)

Entre outros aspectos importantes para a liturgia das celebrações eucarísticas, o ministério da homilia é efetivamente revalorizado no Concílio Vaticano II.

O texto da edição oficial (*editio typica*) do Missal e da Instrução datam de 25 de março de 1970. Passados apenas cinco anos, foi publicada a segunda edição do Missal Romano. No ano 2000, trinta anos após a primeira edição do Missal, é lançada a sua terceira edição. Nessa ocasião surgiram algumas orientações que complementavam a edição anterior do Missal (CNBB, 2008, p.209)

Outro ponto de grande destaque foi o Elenco das Leituras da Missa, com promulgação em maio de 1969 a mando do Papa Paulo VI, para que fossem dados aos bispos em suas conferências episcopais as indicações pertinentes de cada texto bíblico do elenco, visando facilitar as traduções nas línguas vernáculas. Em 1981, o papa João Paulo II aprovou a sua segunda edição, com os devidos acréscimos de textos e indicações de solenidades e festas em sintonia com a nova edição do Missal Romano (lançada um ano depois), e agora, fazendo parte do Lecionário, como introdução. Em 1994, o lecionário oficial é confirmado pela Santa Sé e lançado em três volumes, a saber: o Dominical, abrangendo os anos A, B e C, o Semanal e o Santoral, incluindo as leituras das missas rituais e para diversas circunstâncias. O número 65 do Elenco assim explica sua organização:

65. A sucessão de leituras do “próprio do tempo” é disposta da seguinte maneira: nos domingos e festas propõem-se os textos mais importantes, para que, num conveniente espaço de tempo, possam ser lidas diante da assembleia dos fiéis as partes mais relevantes da Palavra de Deus. A outra série de textos da Sagrada Escritura, que de certa forma completa o anúncio da salvação desenvolvido nos dias festivos, assinala-se para os dias da semana. No entanto, nenhuma das duas séries dessas partes principais do Elenco das Leituras da Missa, isto é, a dominical-festiva e a série dos dias de semana, depende uma da outra. Mais ainda, a ordem das leituras dominical-festiva desenvolve-se num triênio, ao passo que a dos dias de semana o faz num biênio. Por isso, a ordem das leituras dominical-festiva procede de maneira independente da dos dias de semana, e vice-versa. A sucessão de leituras propostas para as demais partes do Elenco das Leituras da Missa, tais como a série de leituras para as celebrações dos santos, para as missas rituais ou por diversas necessidades, ou as votivas, ou as missas de defuntos, rege-se por normas próprias. (CNBB, 2008, p.216)

A opção por uma liturgia e eclesiologia concretizadas na preocupação com a participação dos fiéis revelam a centralidade de uma antropologia histórica, pois “o mistério do Homem só no mistério do Verbo incarnado se esclarece verdadeiramente” (*Gaudium et Spes*²⁶, 22). O concílio recomendou ainda que nela fossem expostos os mistérios da fé e as normas da vida cristã de acordo com os textos sagrados elencados e ao longo do ano litúrgico. Em quatro de seus documentos, chamados de constituições, fala-se insistentemente da pregação, da Palavra e concretamente da homilia.

É justamente na Constituição *Sacrosanctum Concilium* que aparece pela primeira vez a definição de homilia. Para os padres conciliares a homilia é “a exposição dos mistérios da fé e das normas da vida cristã no decurso do ano litúrgico e a partir do texto sagrado [...] não deve

²⁶ *Gaudium et Spes* - Alegria e Esperança - sobre a Igreja no mundo contemporâneo é a única constituição pastoral e a 4ª das constituições do Concílio Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a Igreja Católica e o mundo onde ela está e atua.

omitir-se” (SC 52). A *Lumen Gentium*²⁷ versa sobre o ministério do diácono, a *Dei Verbum* sobre a Revelação e suas formas de transmissão e a *Presbyterorum Ordinis*²⁸ sobre as funções do presbítero (sacerdote) e seu ministério da Palavra.

Ao analisarmos o que foi o Concílio Ecumênico Vaticano II, podemos com toda certeza afirmar que uma de suas principais características foi o diálogo, sendo ele presente inclusive nos três anos de sua preparação. Contou com a participação de bispos do mundo inteiro e de diferentes observadores. Concluído, tivemos a aprovação de 16 documentos, divididos entre quatro Constituições, nove Decretos e três Declarações, tendo por finalidade a busca concreta de um novo dinamismo na vida da Igreja. Assim, o Vaticano II foi e ainda continua sendo para a Igreja um novo Pentecostes que a encheu de força e dinamicidade. Muito embora a aspiração e a necessidade urgente de mudanças substanciais e essenciais no seio do cristianismo católico tenham-se tornado um clamor de insatisfações, somente a realização do Concílio Vaticano II possibilitou radicalmente transformações que pudessem reconfigurar, significativamente, o desenho eclesial e suas relações com a sensibilidade (pós) moderna da sociedade.

No Brasil, como fruto de mais um trabalho para a implementação das decisões tomadas no Concílio após um levantamento de como se encontrava a realidade litúrgica no país, na 27ª Assembleia Geral da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), em comemoração aos 25 anos da *Sacrosanctum Concilium*, foi aprovado o Documento nº 43, intitulado ‘Animação da vida litúrgica no Brasil’, como um importante subsídio para a formação dos agentes pastorais, visando dinamizar as celebrações e impulsionar a realização litúrgica. Buyst nos apresenta o documento dizendo:

Como todo documento eclesial, o documento sobre animação litúrgica foi escrito por muitas mãos e muitas cabeças diferentes. Ele revela a necessária pluralidade dentro de uma procurada unidade. [...] percebemos o sopro do Espírito: com alegre e entusiasta esperança, característica da igreja dos pobres, consegue colocar na sombra os resquícios de uma concepção a-histórica, eclesiocêntrica, formalista [...]da liturgia.” (BUYST, 1989, p.150)

Na sua primeira parte, o Documento 43 traz os elementos relacionados à celebração da Palavra, e na segunda parte os elementos sobre a celebração da Eucaristia, as duas partes que

²⁷ A *Lumen Gentium* - Luz dos Povos - é um dos mais importantes textos do Concílio Vaticano II. O texto desta constituição dogmática foi demoradamente discutido durante a segunda sessão do Concílio. O seu tema é a natureza e a constituição da Igreja, não só enquanto instituição, mas também como corpo místico de Cristo.

²⁸ *Presbyterorum ordinis*, com o subtítulo "Decreto sobre o ministério e a vida dos presbíteros", é um dos documentos produzidos pelo Concílio Vaticano II. Em 7 de dezembro de 1965, o documento foi promulgado pelo Papa Paulo VI,

formam o todo litúrgico da Santa Missa. O documento afirma ainda que “é função da homilia atualizar a Palavra de Deus, fazendo ligação da palavra escutada nas leituras com a vida e a celebração” (Documento 43 da CNBB, nº 276). A vida e a história iluminam a homilia e a homilia ilumina, por sua vez, a realidade. De acordo com o Documento, o que profere a homilia pode fazer perguntas relacionando o texto bíblico com a realidade da comunidade participante naquele momento e local, fazendo ligação com que a Instrução Geral do Missal Romano propõe: “dar importância ao mistério celebrado e às necessidades particulares dos ouvintes” (CNBB, 2008, nº 65)

Além de sua importância pastoral, que modificou a história da Igreja, continua sendo uma poderosa fonte de espiritualidade para os tempos atuais. Ao contrário de tantas outras, tem por inspiração o Mistério pelo qual o Verbo se fez carne e habitou entre nós numa realidade concreta que se faz presente por meio dos sacramentos.

O Papa João Paulo II, em sua carta-testamento intitulada *Novo Millennio Ineunte*²⁹ (2001), evidencia “quantas riquezas” aparecem destacadas nas diretrizes do Concílio Vaticano II:

À medida que os anos passam, aqueles textos não perdem seu valor nem sua beleza. É preciso que sejam lidos adequadamente, que possam ser conhecidos e assimilados, como textos qualificados e normativos do Magistério da Igreja. [...] sinto ainda mais intensamente o dever de indicar o Concílio como a grande graça de que se beneficiou a Igreja no século XX: nele se encontra uma bússola segura para nos orientar no caminho que se inicia. (NMI, n 57)

Outros documentos também fazem alusão e aprofundamento a respeito da homilia. A instrução *Inter Oecumenici*, a Instrução Geral do Missal Romano, a Introdução ao Lecionário, o Código de Direito Canônico em seus cânones 766 e 767, o Diretório para missa com crianças, o documento 52 da CNBB, e o texto “Comunidade de comunidades – uma nova paróquia” dentro do Documento de Aparecida, da CNBB. Há também documentos sinodais de grande relevância para a liturgia atual e a realização da homilia.

Nos sínodos são abordadas questões de suma importância para o cotidiano da Igreja. Proposições são elencadas pelos padres sinodais e são apresentadas ao Papa, que escreve uma exortação baseada nas proposições que achar pertinentes para o âmbito pastoral da Igreja como

²⁹ Novo Millennio Ineunte é uma carta apostólica do Papa João Paulo II, dirigida ao Clero e fiéis leigos, "No final do Grande Jubileu de 2000". A carta apostólica descreve as prioridades da Igreja Católica para o terceiro milênio e além.

um todo. Três dessas exortações abordam a homilia: a *Sacramentum Caritatis* e a *Verbum Domini*, do Papa Bento XVI e a *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco.

A primeira, *Sacramentum Caritatis*, se apoia no elo inseparável de três aspectos: mistério eucarístico, ação litúrgica e novo culto espiritual e está estruturada em três partes, cada uma das quais aprofunda uma das três dimensões da Eucaristia, quer dizer: Eucaristia, mistério acreditado; Eucaristia, mistério celebrado e Eucaristia, mistério vivido.

A exortação ressalta a importância de explicar a unidade entre a liturgia da Palavra - o “verbo que existia no princípio” - e a liturgia Eucarística – o “verbo que se fez carne”. Também ressalta que a liturgia da Palavra seja bem preparada e vivida, com as leituras bem proclamadas pelos fiéis e pelo sacerdote, pois “quando na igreja se lê a Sagrada Escritura, é o próprio Deus que fala ao seu povo, é Cristo presente na sua palavra que anuncia o Evangelho.” (SC 44).

O parágrafo 46 é todo relacionado à homilia, apontando para a necessidade de melhorar a qualidade da homilia, e visando favorecer uma compreensão e eficácia mais ampla da palavra de Deus na vida dos fiéis desde sua cuidadosa preparação num adequado conhecimento da Escritura proclamada em estreita relação com a celebração sacramental e com a vida da comunidade, de tal modo que a palavra de Deus seja realmente apoio e vida da Igreja.

A segunda exortação, *Verbum Domini*, também é dividida em três partes: *Verbum Dei*, no qual aborda o dinamismo da Palavra com suas variadas dimensões e o diálogo que Deus quer ter com seu povo; *Verbum Ecclesia*, quando o tema é a celebração litúrgica e onde a Palavra de Deus é apresentada como o alimento que nutre a Igreja desde os seus primórdios e dela a Igreja se alimentou no passado e se nutre no presente da liturgia; e *Verbum Mundo*, que fala da necessidade do anúncio da Palavra de Deus ao mundo, em todos os lugares, a todos os povos, línguas, nações e religiões, com a Igreja anunciando a Palavra da Esperança.

O Papa Bento XVI leva o fiel a fazer um percurso desde a explicação do significado do Verbo, ou seja, a ‘Palavra de Deus’, à maneira como cada batizado é chamado a encarnar o ensinamento evangélico na sua vida e a anunciá-lo. Também deseja que a Exortação estimule a redescoberta da Palavra divina como fonte de constante renovação da vida da Igreja e espera que, cada vez mais, se torne o coração de toda a atividade eclesial. Além disso, o papa quis estimular os fiéis católicos a serem anunciadores da Palavra para que o dom da vida divina fosse conhecido em todo o mundo, renovando o sentimento de alegria que deriva do encontro com a Pessoa de Cristo, Palavra de Deus presente no meio de nós.

Concluindo o documento, o Papa Bento XVI adverte os fiéis a não esquecerem que, na base de toda a espiritualidade cristã autêntica e viva, está a Palavra de Deus anunciada, acolhida, celebrada e meditada na Igreja. A Igreja animada pelo Espírito vive a tensão missionária do anúncio da Palavra de Deus que cura e liberta todo o homem.

Os pontos em comum das duas exortações citadas são a abordagem da qualidade da homilia em respeito à Palavra de Deus, centro de tudo, desde a sua preparação pelo ministro ordenado até a estreita relação com a celebração sacramental e a vida da comunidade, com a finalidade do fiel descobrir a presença e a eficácia da palavra divina no momento atual de sua vida.

De acordo com Giorgio Zevini,

A escritura deve ser lida e compreendida “in Ecclesia” (na Igreja). Deus nos fala em muitas realidades, como na Sagrada Escritura, nos sacramentos, na comunidade, na história. Naturalmente a referência à liturgia como lugar privilegiado da escuta na fé tende a ligar a Palavra de Deus ao sacramento fonte e cume de toda a vida da Igreja. Na liturgia, a palavra de Deus é celebrada como palavra atual e vivente. (Zevini, 2011, p.4)

A terceira exortação, *Evangelii Gaudium*, escrita pelo Papa Francisco, apresenta características de convite a esclarecer e didatizar a evangelização e o anúncio da fé com um estilo alegre, a mesma alegria do encontro com Cristo, por meio de um diálogo inovador e a proposição de uma via da beleza para enxergar novos sinais, novas formas de transmitir a mensagem por meio da tríade <encontro / diálogo / anúncio> e com os princípios de que o tempo, a unidade, a realidade e o todo são superiores ao espaço, ao conflito, à ideia e à parte.

Em seguida o Papa detém-se com uma certa meticulosidade, na homilia, porque são muitas as reclamações em relação a este importante ministério e “não podemos fechar os ouvidos” (EG 135). Nos números 135 até o 159, temos reflexões profundas sobre a realização da homilia, que procuram, de acordo com Trudel (2016), aprofundar as duas principais dimensões de todo e qualquer texto homilético: o seu conteúdo e a sua forma, o que dizer e como dizer. Ela “deve ser breve e evitar de parecer uma conferência ou uma aula ” (EG 138), deve ser capaz de dizer “palavras que façam arder os corações” (EG 142), evitando uma “pregação puramente moralista ou de endoutrinar” (EG 142). Sublinha a importância da preparação “, um pregador que não se prepara não é ‘espiritual’, é desonesto e irresponsável” (EG 145). “Uma boa homilia deve conter ... ‘uma ideia, um sentimento, uma imagem” (EG 157). A pregação deve ser positiva, para que possa oferecer “sempre esperança” e não deixe

“prisioneiros da negatividade” (EG 159). O próprio anúncio do Evangelho deve ter características positivas: “proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento cordial que não condena”.

A homilia faz parte da liturgia, propiciando comunhão, comunicação com Deus. Num processo recíproco entre homileta e assembleia, nesta perspectiva comunicativa, o Concílio Vaticano II apontou para a renovação litúrgica, de modo que possibilite a adaptação da nossa época a instituições suscetíveis de mudança, favorecendo a união dos cristãos, conduzindo-os para o seio da igreja. Desta forma, o ministério da pregação seja cumprido com fidelidade e exatidão, fazendo com que os fiéis tenham uma experiência com Deus que lhes fala.

3.5. O homiliasta: aquele que profere a homilia

Até agora, vimos muitas formas de nomear a pessoa que profere a homilia. Já nos referimos a pregador e homileta, ministro ordenado, sacerdote, diácono, celebrante. De acordo com o Dicionário de Homilética (2010), o termo mais correto é homiliasta, mas os outros não estão errados se forem usados para designar quem proferirá o gênero e seguindo as Instruções Gerais do Missal Romano, o presidente da celebração, o ministro ordenado é o homiliasta por excelência.

Aquele que prega se acha envolvido no acontecimento salvador que ocorre na profundidade e que o transcende completamente. Sua homilia não é uma mera atividade humana, mais ou menos pedagógica. É um sinal sacramental da salvação que Deus quer comunicar a esta assembleia concreta através da mediação dos leitores. Os atores principais são o Deus Trino e a comunidade crente. O pregador é um colaborador, uma ponte entre eles. (ALDAZÁBAL, 2018, p.61)

Consultando a história da igreja, observando como se dava a realização das homilias, encontramos alguns testemunhos de extremos opostos: improvisação no ato ou longas e elaboradas preparações. Alguns tinham uma facilidade retórica exemplar como Crisóstomo e Basílio no Oriente, Agostinho no Ocidente, e uma facilidade em se adaptar às circunstâncias. Nota-se, contudo, que sempre tinham um mínimo esquema estruturado a ser usado na hora dos sermões, sempre com base nos textos bíblicos lidos pela assembleia. Havia uma duração média de 15 a 30 minutos, dependendo dos textos da liturgia do dia, mas há relatos de homilias terem durado muito mais que uma hora.

Diz Olivar (apud Aldazábal, 2018) que com a queda do Império Romano a qualidade das pregações diminuiu muito e havia um esvaziamento de fieis nas celebrações. Na Idade Média e nos séculos seguintes surgiu uma preocupação em formar bem os candidatos ao sacerdócio, e alguns homiliários foram escritos. Paralelo a isso, também se fez costume ler homilias feitas por grandes santos. Após o Vaticano II, a valorização da homilia ganha destaque, sendo citada nas exortações apostólicas e a normativa de seu desenvolvimento é destacada no Missal Romano e no Lecionário.

Podemos destacar segundo Aldazábal (2018) três aspectos importantes na figura do homiliasta: a identidade, a espiritualidade e a competência em estar a serviço da Palavra. Sobre a *identidade*, o autor apresenta que antes de tudo, o pregador deve ser testemunha de uma relação pessoal com o Jesus da história e, ao mesmo tempo, com o Cristo da fé. Ele é chamado a se identificar com a sua tarefa, a se tornar idêntico àquele que dá testemunho. Partindo de seu testemunho, pode-se observar a essência de uma *espiritualidade*, na qual é chamado a servir, colaborando com Deus para o renascimento espiritual do homem por meio da parresia com que testemunha a salvação, ajudando a comunidade dos fiéis a crescer pelos cuidados pastorais ali desempenhados, não deixando de ser orante, espiritual, pensando e agindo conforme o Espírito Santo. Reforçando com o que o Dicionário de Homilética nos traz,

Para que a Palavra proclamada possa se encarnar na vida de quem escuta, é necessária a presença e colaboração de quem prega, mas é ainda mais necessária a presença e a ação do Espírito de Deus. Só assim nos tornamos espirituais e, portanto, colaboradores de Deus para que a Palavra possa seguir seu caminho, fazer o homem nascer de novo e levar a todos o dom da salvação. (Sodi e Triacca, 2008, p.1395)

O terceiro aspecto, a *competência*, deve se realizar e se exprimir sobretudo na experiência individual do mistério, que antes de ser pregado, deve ser sentido. Ou seja, deve estar atento ao que a Palavra lhe diz, obedecendo-a e tendo uma íntima relação com ela, dentro de um cenário histórico, mediando culturalmente Palavra e História para que a primeira configure a segunda.

Como herança do Concílio Vaticano II, podemos descrever o celebrante homiliasta como intimamente ligado à Palavra, bem como a Palavra intimamente ligada ao celebrante. Mediante a escuta atenta da Boa Nova, o pregador deve se fazer discípulo dando assentimento à vontade divina, pondo-se em sintonia com o Magistério da Igreja compartilhando com todos a consciência coletiva de ser um povo, o de Deus, esforçando-se em transmitir aquilo que lhe foi confiado. “Assim, a Igreja, em sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo o que ela é e tudo o que crê”. (Dei Verbum, 8)

Muitos autores em seus estudos trazem características basilares da postura de um homiliasta. Seja o sacerdote, o bispo ou o diácono, a Palavra sempre deve ser o centro, principalmente das leituras proferidas naquela celebração. Nos documentos oficiais já citados aqui é ressaltada a importância de conhecer a estrutura e realizar uma leitura prévia dos textos da liturgia a ser celebrada com os intuitos de conduzir os ouvintes a uma compreensão acessível da Palavra de Deus, abrindo suas almas à ação de graças, alimentando sua fé e os preparando para uma comunhão fecunda. Como nos afirma Buyst (2004), “não basta explicar os textos bíblicos, é preciso mostrar como estes tem a ver com nossa realidade, [...] porque o Reino de Deus se estende por toda a realidade de vida pessoal, comunitária e também social.

É essa integração entre a homilia e a eucaristia que embasa a função magisterial e pastoral do homiliasta, como nos remete o parágrafo 21 da *Dei Verbum*, envolvidos num “mistério de santificação”. E daí a importância de, diante de Cristo, o homiliasta sentir-se unido a Ele, agindo como seu porta-voz; diante da Palavra, ser leitor, ouvinte e orante, pois transmite a palavra de outro; e diante da comunidade, sentir-se servo e participante. Por isso, “é importante que cuide de suas atitudes espirituais, ouvindo a Palavra, a comunidade e o Espírito Santo.

Este ministério da homilia muitas vezes se apresenta difícil, requerendo preparação constante. Muitas vezes, não se vê o fruto imediato do que foi plantado, às vezes percebendo-se atitudes de indiferença e até de hostilidade por parte de quem ouve. Mas o pregador não pode desanimar e deve superar a tentação do medo ou do cansaço, pregando com simpatia e alegria interior por saber que foi enviado para anunciar a Boa Nova, salvadora. Se o texto julgar ou condenar, esteja inserido junto com os que ouvem. Que sigam às instruções dadas por São Paulo a seu discípulo Timóteo: “proclama a palavra, insiste, no tempo oportuno e inoportuno, com paciência e doutrina, suporta o sofrimento e realiza plenamente teu ministério” (cf. 2Tm 4,1-9).

Na exortação apostólica *Pastores Dabo Vobis*, de 1992, o Papa João Paulo II oferecia algumas reflexões sobre o ministério da Palavra:

O sacerdote deve ser o primeiro “crente” na Palavra, com plena consciência de que as palavras do seu ministério não são suas, mas d’Aquele que o enviou. [...] precisamente porque evangeliza e para que possa evangelizar, o sacerdote, como a Igreja, deve crescer na consciência da sua permanente necessidade de ser evangelizado, participante da autoridade de ser profeta da Igreja, [...] chamado a cultivar uma sensibilidade, um amor e uma disponibilidade particular à Tradição vida da Igreja e de seu Magistério, que não são estranhos à Palavra, servem antes a sua reta interpretação e conservam-lhe o autêntico sentido. (*Pastores Dabo Vobis*, 26)

O homiliasta precisar ser um homem de seu tempo, que além de realizar a leitura orante da Bíblia diariamente, deve ler jornais, revistas e procurar conhecer as tendências do mundo contemporâneo em todas as áreas da sociedade. Deve preparar com antecedência um esquema de sua homilia, utilizando, além da hermenêutica e da exegese, nuances de outras áreas, muitas vezes com um caráter de interdisciplinaridade, para definir o que pregar, quando pregar e como pregar. O melhor modelo de homiliasta a se seguir é o do próprio Jesus, o buscando como espelho, com seus exemplos de ilustrações e símbolos dentro de seu discurso.

Percebendo que a pregação homilética apresenta alguns sinais de crise, é necessário que o homiliasta atente para alguns pontos que podem atrapalhar a compreensão da homilia, como uma fala sem lógica entre o que se fala, como começa ou termina a linha de pensamento da evolução textual; o excesso de sentimentalismo, abandonando o texto evangélico e se ancorando em elementos psicoafetivos; a preocupação didática em grande quantidade, reduzindo a homilia a um mero momento de interpretação dos símbolos e de catequese inicial, sem a experiência com a mensagem divina para aquele momento; o moralismo exacerbado e exagerado, repleto de repressão, repreensão e reprovação, esquecendo o fato de que o perdão e a graça sempre antecedem o castigo e a reprovação (Beckhäuser, 2003, p 56); os meios de expressão comunicativa, com termos teológicos, exegéticos, às vezes incompreensíveis para o grande público, fugindo da característica básica da homilia, que é ser uma conversa familiar, mais coloquial, sendo assim mais cativante.

Portanto, uma “saudável” homilia é, em geral, mais simples, clara, sóbria, objetiva e pertinente, tudo isso em um breve tempo. Na sua visita a Eslováquia, o Papa Francisco na reunião com o clero afirmou:

Por favor, padres e bispos, pensem bem como preparar a homilia, como fazê-la para que entre em contato com as pessoas e inspire-se no texto bíblico. Uma homilia normalmente não tem de durar mais de dez minutos, porque as pessoas, depois de uns oito minutos, se dispersam, perdendo a atenção, a não ser que o tema seja muito interessante. Sem mais, o tempo não deve exceder quinze minutos. [...] uma homilia deveria ter coerência interna: uma ideia, uma imagem e um sentimento. Que as pessoas saiam com uma ideia, com uma imagem e com algo que lhes moveu o coração. O anúncio do Evangelho é simples assim, e Jesus pregava assim” (fonte: <https://www.acidigital.com/noticias/religiosas-aplaudem-pedido-do-papa-francisco-por-homilias-curtas-82716>)

4. Capítulo 3

4.1. Análises

Desde o início, o intuito desta dissertação é de investigar a homilia como um bem simbólico, um gênero oral que circula em um dos maiores campos de atuação humana – o catolicismo, dentro do campo religioso, e dentro do catolicismo, o gênero homilia, como parte integrante da liturgia característica da Igreja Católica, visando reunir conceitos e características a partir de aspectos constitutivos próprios do gênero de modalidade oral propostos por Bakhtin (2000), e constitutivos da fala, como modalidade de funcionamento da língua, especialmente de acordo com Marcuschi e Dionísio (2007) e Travaglia (2007), bem como os aspectos de polifonia presentes e realizados nesse gênero. Para os autores, para caracterizar a fala é preciso levar em conta que o que a define enquanto tal são as atividades tipicamente desenvolvidas nos processos de textualização, as quais os autores chamam de “procedimentos de formulação textual da fala” (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007).

Além disso, é preciso lembrar que a fala constitui um modo de produção textual interativa, que envolve cooperação e envolvimento direto dos interlocutores e, por isso, os processos e atividades que a constituem devem ser abordados levando isso em consideração. Segundo Marcuschi e Dionísio (2007), “não se pode confundir oralização com oralidade”. Assim, como textos que têm uma realização oral, no caso aqui especificamente a homilia, os gêneros orais possuem características da língua falada.

Retomando o que disse Bakhtin (2000), a língua é utilizada de formas variadas, realizando-se por meio de enunciados que, para ele, demonstram condições e finalidades bem específicas de cada campo, não apenas pelo tema abordado e pelo estilo de linguagem empregado (com os variados recursos gramaticais e léxicos de nossa língua, mas de forma mais intensa e principal, por sua construção composicional. Assim,

[...] todos esses três elementos - conteúdo temático, estilo e construção composicional - estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. (BAKHTIN, 2000, p. 262)

Para realizar então a caracterização do gênero homilia, adotamos obras lançadas e conhecidas e estudos produzidos por membros do meio religioso católico, que apresentam a homilia enquanto elemento participante da rotina litúrgica do campo religioso, regulamentando-a, explicando-a, dentre outros.

Como constituição do corpus de análise, reunimos 13 homilias realizadas nos dois primeiros domingos do advento de 2019 (01 e 08 de dezembro), gravadas tanto de forma presencial como por meios televisivos e de internet. Abaixo, segue um quadro com informações dessas homilias transcritas:

Nº	Data	Pregador / Homileta*	Formato	Duração
01	30/11	Celebrante A	Presencial	18m05s
02	01/12	Celebrante B	Televisonada	06m24s
03	01/12	Celebrante C	Televisonada	14m10s
04	01/12	Celebrante D	Televisonada	13m54s
05	01/12	Celebrante E	Televisonada	18m05s
06	01/12	Celebrante F	Presencial	11m54s
07	01/12	Celebrante G	Televisonada	12m10s
08	01/12	Celebrante H	Televisonada	34m57s
09	01/12	Celebrante I	Presencial	17m07s
10	08/12	Celebrante B	Televisonada	04m10s
11	08/12	Celebrante H	Televisonada	10m
12	08/12	Celebrante D	Televisonada	10m03s
13	08/12	Celebrante C	Televisonada	09m04s

*Os nomes dos celebrantes foram omitidos e substituídos pelas letras do alfabeto.

Ao realizar as gravações, tanto as dos meios televisivos quanto as presenciais, pude também observar e anotar alguns elementos extratextuais que complementam as análises. Passemos então a explicação de quais orientações serão tomadas como elementos constitutivos dessas análises.

Começando pelos aspectos da constituição e da realização enquanto gênero litúrgico, retomamos aqui os pontos elencados por Gelineau (1975) já citados no capítulo 2 e que necessitam estar presentes na homilia para que aconteça de fato a comunicação entre emissor e receptor, entre homileta e fiel: a *exegese*, a *hermenêutica*, o *anúncio*, a *catequese*, a *mistagogia*, a *profecia*, o *testemunho*, e a *exortação*. Estes elementos se encaixam num campo maior dentro da liturgia enquanto “compreensão teológica de mistério do Culto de Cristo e da Igreja” como nos afirma Beckhäuser (2003), com seis caracteres: *caráter memorial*, *caráter pascal*, *caráter narrativo*, *caráter orante*, *dimensão trinitária* e *os sinais litúrgicos* (conforme descrevemos no capítulo 2).

Em se tratando de um gênero textual tipicamente oral mas que também se realiza de forma escrita, precisamos observar alguns parâmetros que Travaglia (2007) nos apresenta para melhor categorizar a homilia como um texto propriamente dito: a) o conteúdo temático; b) a estrutura composicional (superestrutura, características, composição, dimensão, linguagem,

dentre outros); c) os objetivos ou função sociocomunicativa que o gênero desempenha social e culturalmente; d) as características da superfície linguística – fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática e) as condições de produção: quem produz, para quem, quando, onde, o suporte, o serviço, dentre outros.

Unindo, a grosso modo, essas três possibilidades de observações, optamos por seguir os parâmetros propostos por Travaglia e, neles, destacar os elementos evidenciados por Gelineau e Beckhäuser, fazendo ligações teóricas sempre que necessário, retomando a homilia como um discurso, reconhecendo que será vista aqui como uma prática social e, portanto, um modo de agir com o outro e sobre o outro.

4.2. Conteúdo temático:

A Igreja Católica organiza a liturgia da Palavra em um caminho formativo amadurecido no correr dos séculos, o Ano Litúrgico, visando gerar testemunho de vida cristã e realização profunda nas pessoas que se tornam seus fiéis. A cada semana, a comunidade cristã, reunida em torno da Palavra de Deus e da Mesa Eucarística, se edifica como Corpo de Cristo: “Fazei isto em memória de mim” (1 Cor 11, 24-25).

Conforme a Instrução Geral do Missal Romano e o Catecismo da Igreja Católica, o Ano Litúrgico contempla todos os grandes eventos da Igreja, enriquecendo com textos bíblicos as grandes celebrações e recolhendo nos diversos ritos a grandeza da vida de Cristo e seus ensinamentos. Tem dois grandes ciclos, o do Natal e o da Páscoa, com os quais os seus participantes fiéis são pedagogicamente conduzidos a aperfeiçoar a vida cristã.

E, no Tempo do Advento, a Igreja Católica propõe a seus seguidores quatro semanas de intensa vida de oração e de exercícios de virtudes, pautados em dois direcionamentos de olhar. O primeiro, de acordo com o cardeal Raniero Cantalamessa em sua catequese sobre o advento em 2019, é para a vinda definitiva do Senhor, que “um dia virá ao seu encontro, cercado de glória e esplendor”. Durante duas semanas, a Igreja faz o cristão olhar para o tempo presente de sua fé, com leituras bíblicas voltadas para a escatologia. “É hora de refletir sobre a relatividade das coisas e preparar-se para o encontro pessoal com o Senhor, quando nos chamar à sua presença”, como diz o cardeal. Observem os exemplos:

Exemplo 01: Começamos hoje um novo ano litúrgico, estamos no primeiro domingo do advento. Um novo ano começa hoje. O ano civil já terminou? Não. O ano civil

ainda tem mais um mês, mas o ano litúrgico se antecipa, no fim e no começo. [...] A vela deste domingo é a vela da vigília, este é o primeiro domingo do advento, o domingo da vigília, o domingo de estrar atento. O Senhor disse no finalzinho do evangelho de hoje: ficais atentos, vigilantes, porque não sabeis nem o dia, nem a hora, em que o filho do homem haverá de vir.

Exemplo 02: Estamos iniciando com essa celebração o primeiro domingo do advento, estamos começando um ano litúrgico novo, um novo tempo, uma nova história, onde nosso olhar se volta para essas quatro semanas de preparação para o nascimento de Jesus Cristo, os profetas que vão anunciar a segunda vinda e a chegada do messias, príncipe da paz, o Emmanuel, Deus conosco.

A partir desses primeiros exemplos, podemos ver um ponto de destaque: a preparação do ambiente, ou como nos diz Trudel (2015, p.74) o “grau zero da homilia”, com a organização do espaço, a composição do lugar, as vestes litúrgicas. Há referências à coroa do Advento com suas velas acendidas a cada domingo, ao presépio montado em algum lugar da igreja, à cor roxa muitas vezes utilizada na decoração do espaço e usada pelos celebrantes em seus paramentos. Também destacamos que a simples presença do sacerdote, sendo o representante oficial da igreja e portador da mensagem transmitida por Cristo no meio dos fieis já dá um peso qualificado à esta mensagem, antes mesmo dela ser proclamada.

Das homilias que aqui analisamos, nove são do primeiro domingo do advento e quatro são do segundo domingo do ano de 2019, no qual comemorou-se a Solenidade da Imaculada Conceição. Os celebrantes observados em nossa análise inseriram a temática geral do advento na homilia, enfatizando a importância de Maria, mãe de Jesus, dentro do momento litúrgico.

Exemplo 03: Que bom que a festa da Imaculada Conceição seja celebrada no advento, porque no advento esperamos Jesus Salvador que vem nos tornar imaculados, e a primeira leitura falava da grande luta, da grande batalha entre o pecado e a graça, entre o pecado, o tentador e a santidade. Esta festa é a festa da santidade, por isso que em cada Ave-Maria nós rezamos “santa Mãe de Deus”, é a festa da Imaculada, ou quando rezamos “cheia de graça” é a festa da imaculada, e a luta continua, mas a serpente não vai vencer, vai vencer a graça, então, coragem, irmãos e irmãs nessa luta para sermos também nós santos e imaculados.

Exemplo 04: Hoje celebramos a solenidade de Maria Imaculada, que se enquadra no contexto do Advento, um tempo de espera: Deus cumprirá o que prometeu. Mas na festa de hoje é-nos dito que algo já foi feito, na pessoa e na vida da Virgem Maria. Hoje consideramos o início deste cumprimento, que existe ainda antes do nascimento da Mãe do Senhor. De facto, a sua imaculada conceição leva-nos àquele preciso momento em que a vida de Maria começou a palpitar no seio materno: já existia o amor santificador de Deus, preservando-a do contágio do mal que é a herança comum da família humana.

Nas duas últimas semanas antes do Natal, o olhar do católico se volta para Belém, para o episódio do nascimento de Cristo. É a oportunidade para preparar a celebração do Natal e, como continua o cardeal, percebermos que “maior do que o dia de festa no Natal é a realidade do Senhor Jesus que virá, vem a nós e um dia veio” (Cantalamessa, 2019), três vindas de Cristo citadas em uma das homilias analisadas:

Exemplo 05: E nesse sentido, falar da vinda de nosso Senhor é voltar a liturgia de alguns domingos atrás e recordar que nosso Senhor se apresenta em nosso meio com duas vindas: a primeira vinda aconteceu quando ele se fez homem no seio da virgem maria e nasceu. A segunda vinda será certamente aquela pela qual ele voltará para nos julgar. E há a terceira vinda, que é justamente a qual ele se apresenta a nós por meio de sua palavra, por meio da eucaristia. É justificando, é certificando a própria palavra dele que diz: onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles.

4.3. Elementos composicionais:

O gênero homilia apresenta um padrão em sua estrutura. Após a leitura do Evangelho no lugar determinado na Igreja chamado de ambão (ou mesa da palavra), o celebrante tem a liberdade de ficar ali mesmo, ou deslocar-se até a frente do altar, colocando-se mais próximo dos fiéis e ainda, algumas vezes, descendo do presbitério e transitando entre os fiéis pelos corredores de bancos da Igreja, visando conferir um caráter de mais proximidade entre quem fala e quem escuta e dá um tom de menos formalidade à homilia. Nas homilias aqui analisadas, destacamos as duas posturas: dos nove celebrantes, cinco ficaram no ambão e de lá proferiram a homilia, enquanto os outros quatro se deslocaram para frente do altar, movimentando-se em toda a área em frente ao presbitério. Nenhum deles foi até os corredores da Igreja, mas todos interagem com a assembleia de onde estavam. Estes pequenos detalhes contribuem para validar o caráter de persuasão que a homilia traz por ser uma forma de discurso e para aumentar a credibilidade do celebrante, como o principal emissário e, portanto, a possibilidade de cativar e convencer melhor aos receptores da mensagem.

Para iniciar a homilia, cada um seguiu um tipo de saudação:

Exemplo 06: Que as palavras do Santo Evangelho perdoem os nossos pecados e nos conduzam à vida eterna, amém!

Exemplo 07: Ave Maria, cheia de graça (reza a oração inteira) ...Nossa Senhora, Mãe de Deus, rogai por nós. Santo amaro, rogai por nós.

Exemplo 08: Convido todos a cantarmos “à nos descei, divina luz, ” juntos ... (refrão da música). Saúdo os padres concelebrantes com suas romarias, os diáconos, religiosas, todos vocês irmãos e irmãs da nossa arquidiocese de Aparecida, romeiros e romeiras, Nossa Senhora se alegra muito com sua presença, ela olha nos seus olhos, chora suas lágrimas, sorri com a sua alegria, você não é uma massa, uma multidão aqui, você é filho bem conhecido, filha muito amada de nossa Senhora.

Exemplo 09: Querido povo de Deus, ...

Exemplo 10: Queridos irmãos e irmãs aqui presentes, queridos irmãos e irmãs que nos acompanham através das rádios Olinda e Clube FM, neste domingo...

Exemplo 11: ‘Ficai atentos porque não sabeis em que dia virá o Senhor’. Queridos irmãos e irmãs presentes neste santuário, basílica, sejam todos bem-vindos. Queridos telespectadores da TV Pai Eterno, a tv das bênçãos do pai, sejam acolhidos pelo amor misericordioso do pai. Quero saudar também os ouvintes da nossa querida Rádio Difusora Pai Eterno, que estão nos ouvindo neste momento. Receba também daqui do santuário as bênçãos do pai.

Exemplo 12: Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, para sempre seja louvado. Amados irmãos que se encontram no santuário do Pai das Misericórdias, peregrinos que vem à Canção Nova, você que nos acompanha em casa. São sete horas e vinte cinco minutos, dá para falar um pouquinho...

Destacamos aqui que essas acolhidas sempre apresentaram um tom menos solene comparando com a proclamação do Evangelho em todas as homilias analisadas, retomando aqui a definição principal do que é o gênero homilia: uma conversa com tom familiar, mais próxima, mais coloquial e, muitas vezes, simbólica e afetiva, como as pregações de Jesus. Em seguida à acolhida, o celebrante faz uma introdução do tema principal da homilia, com ênfase especial a este tempo, o Advento, tempo de preparação para a vinda de Jesus e que a igreja organiza em dois momentos temáticos: os dois primeiros domingos trazem leituras na liturgia referentes à segunda vinda de Cristo, e os dois últimos domingos tem como tema principal toda a narrativa do nascimento de Jesus. Os exemplos a seguir mostram isto, principalmente o exemplo 15, que apresenta ainda elementos de continuidade e de ligação entre os textos bíblicos de domingos anteriores:

Exemplo 13: ...nós estamos vivendo o tempo do advento, preparando nosso coração para que o Menino Jesus possa nascer...

Exemplo 14: O advento nos prepara para celebrar a encarnação do verbo divino, e como já vinha acontecendo no final do ano litúrgico, essa primeira fase do tempo do advento, a liturgia continua nos falando numa linguagem escatológica, o fim dos tempos, a primeira parte do advento nos prepara para a vinda gloriosa de Jesus para nos julgar.

Exemplo 15: Queridos irmãos e irmãs, nós damos início ao tempo do advento, tempo no qual a igreja, ela se prepara ansiosamente na espera de seu Senhor, seu salvador. A própria palavra advento, “adventus” do latim, ela significa isso, preparação, mas

não qualquer preparação, é uma preparação marcada pela espera confiante, uma espera motivadora, uma espera que alegra nosso coração porque o nosso salvador está prestes a vir a nosso encontro. E nesse sentido, falar da vinda de nosso Senhor é voltar a liturgia de alguns domingos atrás e recordar que nosso Senhor se apresenta em nosso meio com duas vindas: a primeira vinda aconteceu quando ele se fez homem no seio da Virgem Maria e nasceu. A segunda vinda será certamente aquela pela qual ele voltará para nos julgar...

O tema central ainda é desenvolvido durante outros momentos da homilia, nos quais o celebrante busca despertar atitudes, alertar para a mensagem central da preparação interior, cuja fonte da mesa da Palavra, de acordo com o número 52 da *Sacrosanctum Concilium*, se manifesta na mesa da Eucaristia que é prolongada no momento atual da vida da comunidade reunida em torno do altar. Vejamos os exemplos:

Exemplo 16: Impressionante o final da leitura de Isaias que naquele dia largarão a foice, largaram a espada pelos instrumentos de paz. As pessoas vão mudar, mas entenda que isso não é no juízo final, é agora: larguem as espadas, larguem as pedras, larguem as armas e construamos a paz. É essa a mensagem de Isaias. Violência gera violência. O cristo que vem não por acaso, os anjos disseram: Paz na terra aos homens de boa vontade! Filhos, como termina o livro do Profeta Isaias na primeira leitura? Vamos, venham! E deixemos nos guiar pela luz do Senhor. Essa é a mensagem: Venham, vamos, acordem, deixamo-nos guiar pela luz do Senhor no caminho, deixamo-nos guiar como aqueles a princípio loucos dos magos que saíram de sua terra guiados por uma estrela.

Exemplo 17: Também para nós é assim: Deus vem e a sua luz iluminará até as trevas mais densas. Mas cabe a nós, hoje, estar vigilantes, velar: vencer a tentação de que o sentido da vida é acumular — esta é uma tentação, o sentido da vida não é acumular — cabe a nós desmascarar o engano de que seremos felizes se tivermos muitas coisas, resistir às luzes deslumbrantes do consumo, que brilharão em toda parte durante este mês, e acreditar que a oração e a caridade não são tempo perdido, mas sim os maiores tesouros.

Os celebrantes buscam conduzir seu raciocínio sempre para formular uma conclusão, na qual reforçam a ligação entre a mensagem dos textos bíblicos e o cotidiano de cada pessoa, exortando os fiéis para buscar o crescimento e a perseverança no seguimento de Jesus Cristo. Observe os exemplos a seguir:

Exemplo 18: Começemos, tudo de novo. Quer dizer, cada momento da vida nós vamos começar com o mesmo entusiasmo, com o mesmo ardor, como se fosse o primeiro dia da nossa missão. Começar assim, cada momento, você se levanta, está começando a sua missão com o mesmo fervor, o mesmo entusiasmo, vivendo profundamente o momento presente, segundo Deus, é isso que nós pedimos, e aí estaremos em cada momento preparados para acolher Jesus que vem a nós e nos abraça e nos aperta junto a seu coração amoroso, por isso a ele uma salva de palmas.

Exemplo 19: Jesus vai nascer, mas não na sua vida, vai nascer, mas não no seu coração, ele vai nascer como ele nasceu há mais de dois mil anos, numa manjedoura, porque você fechou seu coração, e ele não vai arrebentar a porta do teu coração, é você que tem de abrir. Que o Senhor nos ajude e verdadeiramente possamos viver

uma vida diferente, porque ser católico não é simplesmente andar com a cabeça baixinha, sem atitude, é ter atitude, viver plenamente a palavra de Deus, e isso significa ser diferente. Que assim seja, amém.

Exemplo 20: Portanto que esse advento, que estamos tendo a graça de começar hoje, nos ajude realmente a entrar com esse processo de conversão e que chegando o natal nós estejamos realmente preparados para acolher Jesus e viver intensamente o compromisso com ele. Essa última palavra da carta de São Paulo é importantíssima “pelo contrário, revesti-vos do Senhor Jesus”, “revesti-vos do Senhor Jesus”. Que nossa vida possa realmente transmitir essa paz, essa realidade que Jesus viveu entre nós e que nos convida como discípulos a fazermos a mesma coisa, amém.

Nos exemplos das homilias aqui transcritos, podemos perceber que o tempo verbal com mais ênfase é o injuntivo, com as características de alertar, persuadir, conduzir, bem como de animar, estimular, corrigir, exibindo aqui a incumbência profética dita por Aldazábal (2018) sobre a homilia: ajudar a descobrir o que a Palavra de Deus diz a cada fiel hoje e como se aplica hoje em sua vida, na comunidade reunida. Uma das finalidades da homilia é de que a Palavra seja ressoada na assembleia e se transforme em interpelação viva quando é proclamada dentro da história palpitante daquele povo unido e reunido.

A argumentação é outro ponto presente em todas as homilias. Visto que há um apelo à conversão pautado pelo tempo litúrgico em especial, os argumentos de mudança de vida, exterior e interior, são sempre pautados nas argumentações explicitadas nos textos bíblicos. Observe:

Exemplo 21: Vamos visitar a primeira leitura, que diz que precisamos nos apressar, precisamos correr para a montanha onde reside o Senhor e lá ele mostrará o caminho e nos ensinará os ensinamentos e mandamentos. Lá nós seremos encontrados pelo Senhor. Meus irmãos e minhas irmãs, a montanha aqui é o encontro pessoal com o Senhor, é lá que nós encontramos a Cristo. É lá que nós nos revestimos da armadura do Senhor, para sermos homens e mulheres fortes, para combater neste mundo as misérias que batem à porta do nosso coração, para termos coragem de lutar contra o pecado que nos escraviza, que nos tira da nossa dignidade humana.

Exemplo 22: Por isso, meus irmãos e minhas irmãs, vamos escutar o apelo de nosso Senhor, vamos ficar vigilantes, atentos, não sabemos que dia e em que hora o Senhor irá bater à porta da nossa vida, e o Senhor pedirá contas da nossa vida, e o que iremos oferecer para o Senhor: as nossas mãos cheias de bens, de graças, de um coração renovado, ou meu coração em pedaços, cheios de pecado, cheios de egoísmo, de vaidade? Não é isso que nosso Senhor quer, nosso Senhor pede de nós mudança de vida, conversão, vigilância, para que tenhamos neste mundo, um mundo de paz, um mundo de amor.

4.4. Função sociocomunicativa

A função evangelizadora e pastoral da homilia busca que o fiel encontre um "lugar" espiritual, favorecendo um encontro com Jesus palavra por meio da fé professada na igreja e testemunhada na vida e nos costumes próprios da comunidade. Portanto, a homilia constitui uma resposta às questões que podem ser respondidas seguindo um método de oração, reflexão e contemplação realizado desde os primeiros anos do cristianismo conhecido como leitura orante (ou *Lectio Divina*), muito praticado pelos monges beneditinos e também relatadas pelo Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG). As questões são as seguintes: o que o texto bíblico diz em si; o que o texto bíblico diz a cada um de forma particular; o que se diz ao Senhor em resposta à Sua Palavra; qual é a ação / conversão / transformação que o Senhor pede a cada um. Essas questões podem ser uma chave de leitura para reflexão pessoal de cada fiel mediante o texto bíblico proferido. Dessa forma, podemos afirmar que a homilia surge como um subsídio para que o ouvinte assuma uma posição, seja provocado, estimulado à um processo de conversão. O que se ouve não é apenas sobre o reino de Deus, mas é uma proposta de revisão de vida, e daí percebemos a importância de saber situar o tempo litúrgico que se celebra (no caso das homilias aqui analisadas é o advento), mas não só isso: saber harmoniosamente ligar o tempo litúrgico com o tempo no qual esta assembleia que escuta está. Observe os exemplos a seguir:

Exemplo 23: E é nesse sentido que o salmo de resposta, o salmo 121, o autor sagrado também vai falar da paz, mas aqui ele vai dizer o autor sagrado que a paz ela é fruto da justiça, e neste mundo, todos nós devemos ser consumidores da paz, promotores da paz, porque nesse mundo somos todos estrangeiros, nesse mundo em transição, somos todos peregrinos, somos todos estrangeiros e devemos promover a paz entre as pessoas. Por isso que o papel de um cristão católico é sempre ser um promotor da paz, construtor de pontes, sempre semear a semente do amor, da esperança, do perdão. É este o nosso trabalho, é este, é esta nossa missão.

Exemplo 24: Estejamos, portanto, em cada instante, atentos, preparando-nos para essa sua vinda e ele vem à nossa vida e traz paz, concórdia, jamais nos deixemos guiar por interesses estranhos ao bem do nosso semelhante, nada de querer prejudicar, de querer atingir o outro, mas que estejamos sempre prontos, sempre dispostos por uma consciência reta e justa, com coragem e perseverança, buscando o bem de todos, é isto. Por isso eu pergunto a vocês: nós que aqui estamos queremos a cada instante estar buscando o bem dos nossos semelhantes? Queremos ou não?

Exemplo 25: E ainda diz Paulo apóstolo: nas vossas brigas, tanta discórdia, tanta inimizade, não, não, não! Jesus nos quer ver unidos, fraternos bondosos, misericordiosos. Olhe que conselhos assim bem práticos das duas primeiras leituras, e agora vem Jesus no evangelho dizendo assim: ninguém sabe a hora que vai morrer, você sabe? Não, então o que fazer? Vai ficar com medo, apavorado? Não, não ficar com medo e apavorado, preparados sim, vigilantes sim, atentos sim, isto significa vivendo nosso instante de agora, como rezamos na ave-maria: agora e na hora de nossa morte, estamos preparados? Se tivermos trabalhando, cumprindo nosso dever, com as boas obras, isso já é o céu, gente.

Lembramos aqui mais um trecho da *Evangelii Gaudium*: “Aquele que prega deve conhecer o coração da sua comunidade para identificar onde está vivo e ardente o desejo de Deus, e também onde é que esse diálogo de amor foi sufocado ou não pôde dar fruto” (EG, 137). Social e culturalmente, o homilista deve estar intimamente conectado com o cotidiano da comunidade a qual está inserido, fazendo com que a voz contida naquele determinado texto litúrgico proferido na celebração seja ouvida por meio da sua voz de “pastor”, que “conhece suas ovelhas” e deve saber a melhor orientação a dar. Este povo está unido em busca de orientação, e podemos perceber relendo os exemplos acima que o celebrante sempre se insere nessa busca. Juntos, formam uma comunidade, mas cada um com a sua história, e todos são atingidos ao mesmo tempo enquanto indivíduos e como comunidade, no particular e no público, como nos diz Gelineau (1973, p. 58).

4.5. Superfície linguística

Ao tratar sobre este aspecto, podemos perceber que os celebrantes das homilias transcritas e analisadas muitas vezes fazem ajustes à sua linguagem para se adequar (ou mais precisamente se aproximar) da assembleia. Procuram falar com simplicidade, buscando se fazer compreender e, ao utilizarem algum termo mais desconhecido ou não muito usual, fazem logo uma explicação, como nos exemplos abaixo:

Exemplo 26: Viver honestamente, já é um começo, não é tudo, mas é um começo. Depois, pare com glotonerias, gluttonia, glotonerias, ou seja, comilança, aí você vai dizer: (em latim) cujo Deus está na barriga, é isso mesmo, a pessoa que não se sacia, a glotoneria mostra uma insaciedade, cuidado!

Exemplo 27: Brigas na família, brigas no casamento, briga na comunidade, brigas entre nós, rivalidades, que não necessariamente é briga, é rancor, é ódio, é sentimento de vingança, é fakenews, e não venha me falar, para mim fakenews é o nome chique de fofoca, de gente fofoqueira, apenas passaram para o inglês, para mim é tranquilo, gente fofoqueira que não presta, não presta.

Exemplo 28: nós damos início ao tempo do advento, tempo no qual a igreja, ela se prepara ansiosamente na espera de seu Senhor, seu salvador. A própria palavra advento, “adventus” do latim, ela significa isso, preparação, mas não qualquer preparação, é uma preparação marcada pela espera confiante, uma espera motivadora, uma espera que alegra nosso coração porque o nosso salvador está prestes a vir a nosso encontro.

A homilia faz a ligação entre diversas dimensões da fé dentro do ambiente religioso católico: aqui destacamos a fé como experiência de escuta e acolhida da Palavra de Deus. A

homilia apoia-se nesta Palavra e a explica, a comenta e deve levar os fiéis a contemplá-la, daí a necessidade de ser claro, da utilização de vocabulário condizente com a assembleia reunida naquela celebração. Como citado no início das análises, quatro celebrantes dos nove aqui observados saíram do ambão e ficaram na frente do altar, se aproximando fisicamente dos fiéis e proferindo, ao começar a homilia, palavras de boas-vindas e com tom mais próximo e carinhoso. Durante a homilia, algumas palavras são empregadas com ênfase, com um tom de voz mais elevado, visando chamar a atenção dos fiéis e reforçar algum elemento da mensagem que está sendo transmitida e proposta, conforme podemos observar nos exemplos a seguir, com grifo sublinhado nos termos enfatizados:

Exemplo 29: Pode perceber muitas vezes, é triste falar isso, mas é real, que se valoriza mais a figura de papai Noel que a de Jesus e isso é culpa de quem? Da gente, porque muitas vezes muitos católicos preferem ter árvore de natal em casa, é pisca-pisca, é papai Noel, mas não tem uma imagem de Jesus. É triste isso! Eu fui visitar um lugar esses dias, que tinha papai Noel até no banheiro! Imagine só! Procurei todo lugar, e não tinha uma imagem do menino Jesus, coitado...

Exemplo 30: Ou a gente faz o certo ou vamos continuar sendo um bando de hipócritas e o povo lá fora vai dizer (mudando a voz e o tom de voz): olha, se diz tão católico, mas tão católico, mas não vive aquilo que diz! (Volta à voz normal, mas fala mais alto) Claro, todos nós somos pecadores, começando por mim, mas a grande graça de Deus é o fato de estar sempre de mãos postas para nos levantar, e Deus não deseja, Deus não quer ver vosso filho no chão, na lama, na podridão, mas Deus nos convida, Deus nos chama, Deus nos exorta a melhorarmos, e todo mundo aqui sabe o que precisa melhorar em si.

Observando os nove celebrantes, percebemos dois pontos: o primeiro, que há uma adequada articulação entre as características da superfície linguística da homilia e outros recursos que enriquecem a linguagem, como as expressões corporais de se colocar diante e mais próximo da assembleia, transitando por entre os fiéis, com gestos característicos de quem acolhe, cuida e orienta - a mão levantada de tal forma a mostrar a grandeza em alguma explicação, ou a localidade; a postura de um olhar atento, buscando olhar a todos sem se fixar em ninguém, como um radar que perscruta as atitudes dos fiéis, para chamar-lhes à atenção, para fazer que compreendam aquela palavra que se dirige a cada um particularmente. Segundo, que se percebe durante a fala dos homiliastas a preocupação de se fazer compreender e que cada detalhe fala. Não é só uma mensagem a ser transmitida apenas, mas é uma operação de se fazer juntos, um discurso muitas vezes multilateral no qual cada um busca o seu lugar e a sua parte, um feixe de possibilidades entre as quais cada um – celebrante e fiel – deve e pode escolher.

Os que ficam no ambão também trazem os movimentos sóbrios, mas vivos e perceptíveis por todos: o silêncio bem dosado e na busca da participação dos ouvintes, pois a palavra se expande no silêncio; a utilização de perguntas diretas e objetivas muitas vezes respondidas por eles mesmos ou com pausa suficiente para que cheguem ao pensamento de quem ouve. Vejamos:

Exemplo 31: Sete de dezembro de 2019 já passou, hoje é oito, amanhã com a graça de deus, dia nove, pela providência, deixa acontecer no momento certo, o dia que temos é o agora, dia nove, dia dez, doze, catorze, a gente quer está vivo, amém? Quem quer abrir os olhos amanhã? Eu quero, Ave Maria! Quem quer ir por céu? Quem quer ir agora? Está vendo? Não adiante, né? A gente quer abrir os olhos, é bom quando abre os olhos, não é? A gente fala: Ave Maria, mais um dia, obrigado Jesus!

Exemplo 32: Por isso é que nós dizemos assim como Maria: também nós queremos ter uma vida sempre voltada para Deus, estarmos sempre prontos a servir a nossos semelhantes. É isso que desejamos ou não? Ih, tá fraco... por isso eu pergunto de novo: queremos ter uma vida voltada para deus no serviço a nossos irmãos, queremos ou não? (Sim) então nós dizemos lá no fundo do nosso coração, olhando para nossa querida mãe: nossa senhora Mãe de deus, imaculada conceição, rogai por nós!

4.6. Condições de produção

Em se tratando de uma mensagem, o enunciador é sempre o celebrante, que desenvolve o ministério que lhe é próprio: o exercício da Palavra de Deus, com a qual busca guiar efetiva e afetivamente os fiéis para entender o que a Sagrada Escritura diz, fazendo-os alimentarem sua fé, preparando-os para a comunhão e os chamando a assumir os compromissos da vida cristã, tudo isto falando como porta voz de Cristo. Assim, a pregação homilética da Palavra de Deus deve colocar no seu centro o coração do Evangelho, exigindo do homilista uma séria hermenêutica bíblica. Uma interpretação que não se perca no moralismo, mas que apresente a novidade de vida que o texto bíblico revela para o homem hodierno.

Observe os exemplos:

Exemplo 33: Oh, meus irmãos! Faz tempo que as nossas portas estão fechadas pra Deus e aí Jesus vem dizer: Acorda! Não tereis o dilúvio? Não tereis o nosso Senhor no seio da virgem Maria batendo nas portas? Não tereis a crucificação cruenta de nosso Senhor? Mas quais são os fatos hoje que estão apontando, que estão diante de você pedindo: muda, converta-se, toma uma atitude. E a gente fica num estou vendo, não sei, não quero saber e tenho raiva de quem sabe. ÉÉÉ Jesus está dizendo isso.

Exemplo 34: O Profeta Isaías fala aqui nesse texto de uma romaria, de uma peregrinação, para onde? Pra Sião, pra Jerusalém, para lá correrão todos os povos, é o centro da unidade, e vão a Jerusalém para que? Para participar do culto? Não. Para ouvir a palavra de Deus e entender como viver a justiça, então é isso que é o apelo principal, não é?

A Palavra é, essencialmente, mediadora e, como nos diz a *Evangelii Gaudium* (EG 143) “necessita não só dos dois dialogantes (pregador e ouvinte), mas também de um pregador que a represente como tal, convencido de que ele não prega o que quer e a si próprio, mas o que Jesus prega nos Evangelhos, principalmente. Aqui destacamos a importância da palavra humana na evangelização: a homilia “se funda na convicção de que é Deus que deseja alcançar os outros através do pregador e de que Ele mostra o seu poder através da palavra humana” (EG 136). Os destinatários são sempre os fiéis, presentes na liturgia, a quem o celebrante chama de irmãos e irmãs, conforme já mencionado, mas podemos perceber que o celebrante sempre se une aos fiéis, como participante efetivo daquela comunidade. Afirma Francisco: “deve ser encarecido e cultivado por meio da proximidade cordial do pregador, do tom caloroso da sua voz, da mansidão do estilo das suas frases, da alegria dos seus gestos” (*Evangelii Gaudium*, 2013, n. 139).

Outro recurso muito importante na homilia é a cumplicidade. A identificação com seus interlocutores leva o pregador a conseguir a empatia deles. Com a cumplicidade, o pregador entra no mundo do ouvinte e permite que o ouvinte entre no mundo do texto bíblico. Percebemos isso nos exemplos a seguir:

Exemplo 35: Meus irmãos e minhas irmãs, precisamos preparar-nos para a chegada de Jesus, e é este tempo, o tempo da experiência, o tempo da intimidade com a graça de Deus, nós queremos acolher Jesus menino na nossa vida? Sim, queremos. Mas de que modo está minha vida, está o meu coração, para receber aquele que vem transformar a nossa existência humana? Precisamos arrumar a casa, que é o nosso coração, que é o nosso interior, e por isso esse tempo forte do apelo a conversão, à mudança de vida.

Exemplo 36: Toque seu coração e diga comigo: Senhor eu quero acordar, e uma vez acordado, eu vou acordar a minha família, Senhor me desperta, me desperta do pecado, do sono da morte, me desperta do cochilo das más inclinações, das obras más, me acorda Jesus, e acordado, vigilante, eu acordarei a minha família, amém.

Exemplo 37: Então, minha gente, ou a gente abre os olhos para de fato preparar o natal ou não tem jeito. Vai ser lindo todo mundo aqui dia 24, onze horas da noite, cantando o gloria e depois falando mal do outro, daquele vizinho, que ninguém presta... ou a gente celebra com seriedade, entre nós a gente pode brincar, mas com as coisas de Deus, não. O que é de Deus é sagrado.

Nas homilias que constituem o nosso *corpus*, os celebrantes sempre pedem a participação efetiva dos fiéis com perguntas e respostas, conforme já apontamos, ao tratar das características da superfície linguística.

Ainda em relação às condições de produção, observamos que o sacerdote, ao fazer a homilia, age como o próprio Cristo, como alguém que cuida (quem produz), e o faz para exercer a sua missão pastoral e evangelizadora dos fiéis (para que produz), esclarecendo-os, orientando-os, estabelecendo normas, dentre outros.

O Papa Francisco ressalta na *Evangelii Gaudium* que a homilia fale à vida concreta das pessoas. Para isso, sugere diversas maneiras de fazer uma relação entre o texto bíblico e a realidade humana. Cabe-nos, segundo ele, “saber ler nos acontecimentos a mensagem de Deus [...], descobrir o que o Senhor tem a dizer nessas circunstâncias” (EG 154). Outra maneira ainda seria a de “recorrer a alguma experiência humana frequente, como a alegria dum reencontro”, ou mesmo “o partir de algum fato”. Tudo isso na intenção de que “a Palavra possa repercutir fortemente no seu apelo à conversão, à adoração, a atitudes concretas de fraternidade e serviço” (EG 155). Observe:

Exemplo 38: O meu sim é para sempre e se renova diariamente. Nós celebramos hoje a Imaculada Conceição de Maria, ela que foi preparada no coração de Deus para ser a mãe do redentor. O nosso olhar, o olhar do padre, o teu olhar, o olhar do mundo inteiro no dia de hoje precisa estar voltado para o filho, nascido de Maria. Quanto mais eu sou de Maria, mais eu sou de Jesus. Quanto mais eu sou do espírito, e ela foi cheia do espírito santo, quanto mais eu sou do espírito mais a luz me conduz. O dia de hoje é o dia de dizer: Senhor, não está fácil, está difícil, mas eis-me aqui, faça-se em mim segundo a vossa palavra.

Observando as relações do celebrante homiliasta com a assembleia que participaram das missas observadas, encontramos dois perfis: percebemos um tipo de celebrante que é mais voltado ao lado emocional, as vezes teatral, buscando aproximar-se a tal ponto do fiel visando olhá-lo no fundo dos olhos e persuadi-lo por meio da emoção primeiramente do passar a mensagem do que propriamente pelo conteúdo da mensagem. O outro tipo visto é de um celebrante mais conservador, levando apenas a mensagem de uma forma didática, mas um pouco mais distante do fiel, apostando na eficácia da Palavra. Ambos perfis se complementam pelo fato de saberem utilizar a homilia como um bem simbólico eficaz e produtivo, sendo manuseado de acordo com o solo e com o jeito do “semeador” agir.

Após analisarmos seguindo os cinco principais pontos sugeridos por Travaglia, nossa observação percebeu ainda alguns outros elementos que merecem destaque. O primeiro diz respeito à duração das homilias dentro das celebrações, ou seja, seu tempo cronológico. Das treze aqui utilizadas como corpus, podemos perceber uma média de dez a quinze minutos em suas realizações. Mas percebemos também dois extremos: uma com duração de 35 minutos e

outra com duração de 4 minutos. Ambas foram extraídas de gravações televisionadas, mas em contextos bem diferentes.

A primeira aconteceu numa missa de encerramento de um acampamento de final de semana transmitida por uma emissora católica (Canção Nova), em um canal de sinal fechado de transmissão. Além dos pontos necessários a serem vistos na homilia – a liturgia do dia, o homiliasta ainda trouxe a temática vivenciada no retiro, e envolveu outros elementos externos à realização do gênero, como orações de repetição e músicas. Vale ressaltar que a extensão desta homilia ainda seria maior se levássemos em conta o tempo transcorrido desde o fim da proclamação do Evangelho à oração do Credo. Porém, aos 35 minutos, outras pessoas foram convidadas a junto com o padre conduzirem um momento intenso de oração e músicas, não fazendo mais referência aos textos bíblicos da liturgia proposta para aquele dia. Vejamos alguns trechos:

Exemplo 39: Vamos rezar a oração oficial Maria passa à frente, entregando nossas vidas, nossos lares, famílias, toda a humanidade, de maneira muito especial confiando à Santíssima Virgem a cura das gerações da nossa família, a quebra de todo jugo hereditário, a libertação das maldições que tem se repetido, doenças, vícios, acidentes, pecados, em nossa linha de família. Eu vou lhes dando as palavras, reze comigo: Maria / passa à frente/ e vai abrindo/ estradas e caminhos/, abrindo portas e portões/, abrindo casas e corações/, a mãe vai a frente, e os filhos protegidos seguem seus passos/maria/, passa a frente /e resolve tudo aquilo/ que somos incapazes de resolver [...] só a Senhora/ com o poder do teu filho Jesus/ pode resolver / as coisas difíceis/ e impossíveis/ amém/ amém/ amém/.

Exemplo 40: Rezem comigo: Senhor Jesus, o Senhor veio a primeira vez, no natal, e virá uma segunda vez, no fim dos tempos, natal e parusia, é para isso que serve o advento, para celebrarmos o teu nascimento, para nos prepararmos para tua vinda derradeira. Jesus eu facilito o jogo, pode vir, rouba-me a mim e aos meus, antes que o inimigo nos roube, antes que o pecado nos roube. Ó doce roubo, amém, amém, amém.

A homilia mais curta, com 4 minutos, foi realizada numa celebração num horário muito cedo de um canal aberto de televisão. O bispo que realizou a homilia deteve-se apenas a citar trechos do evangelho proclamado (não citou as duas leituras e o salmo da liturgia do dia). Percebia-se uma certa pressa em concluir o raciocínio, para que “sobrasse” tempo para cantar uma música que fazia referência à Nossa Senhora, o que levou mais três minutos do tempo reservado para a homilia. Observe:

Exemplo 41: O evangelho relata justamente a encarnação, o anjo que diz a Maria: Ave, ave cheia de graça, e Maria é toda ela, plena de graça. Daí a resposta de Maria ao anjo: eis a serva do Senhor. Seu coração, sua vida, ela, toda voltada para Deus. E ao tomar conhecimento que sua prima Isabel esperava uma criança, o que que ela faz? Prontamente vai à sua casa para servi-la. Em Maria, em Nossa Senhora, não há espaço

para as trevas do pecado, não. Ela é a imaculada concepção. A mãe de Jesus, a mãe do filho de Deus. Vejam, ela nos foi dada por Jesus como também nossa mãe. Por isso é que nós dizemos assim como Maria: também nós queremos ter uma vida sempre voltada para Deus, estarmos sempre prontos a servir a nossos semelhantes. Cantemos!

Ainda sobre a duração das homilias, o Papa Francisco, em uma de suas recentes viagens apostólicas, falou sobre um ideal de tempo para que a homilia fosse proferida, alegando que, passando dos 15 minutos, torna-se mais difícil prender a atenção de quem está ouvindo. A homilia está no coração da Eucaristia como um importante sacramental. Segundo ele, para uma boa homilia faz-se necessário seguir um antigo conselho de um professor seu: na coerência interna da construção do texto, deve haver uma ideia, uma imagem e um sentimento, pois era assim, com simplicidade, que Jesus pregava.

Essas duas homilias com tempo cronológico tão diferente uma da outra tem outras características de aproximação: ambas foram realizadas fora do ambão e realizadas por celebrantes que fazem parte do movimento da Renovação Carismática Católica, com o intuito de, entre tantas outras características dos sacerdotes que fazem parte deste movimento, cativar e aproximar (ou reaproximar) o fiel mais ainda dos mistérios celebrados no altar na missa e sentir-se participante da Igreja Católica. Vale ressaltar que mais da metade das homilias aqui analisadas foram proferidas por sacerdotes que tiveram / tem um contato maior com o movimento carismático, que se tornou uma das expressões principais do catolicismo ao redor do mundo configurando-se como um reavivamento religioso, conforme citamos nos capítulos anteriores. A Renovação possibilitou um crescimento da divulgação da Igreja Católica nas mídias comunicativas (televisão, rádio, internet). Enquanto organização, a igreja tem empregado os diferentes meios de comunicação não apenas com a intenção de promover a instituição em si, mas porque faz parte de sua natureza e missão comunicar a boa nova. Nas homilias analisadas, podemos perceber a força desse carismatismo, desse clamor pelo Espírito Santo e do uso dos meios de comunicação sendo enfatizados:

Exemplo 42: 'Ficai atentos porque não sabeis em que dia virá o Senhor' Queridos irmãos e irmãs presentes neste santuário, basílica, sejam todos bem-vindos. Queridos telespectadores da tv Pai Eterno, a tv das bênçãos do Pai, sejam acolhidos pelo amor misericordioso do Pai. Quero saudar também os ouvintes da nossa querida rádio difusora Pai Eterno, que estão nos ouvindo neste momento. Receba também daqui do santuário as bênçãos do Pai.

Exemplo 43: Que a palavra que se faz carne, não se faça carne lá em Belém, mas se faça carne em nós, só agora somos as pessoas em que a palavra quer se fazer carne, e nossa Senhora, no advento, cheia do Espírito Santo e gerando Jesus, nos diz assim: filhinha querida, filhinho, meu diácono, meu padre, fique um pouquinho mais com o

Espírito Santo, deixe o Espírito Santo ajudar Jesus crescer dentro de você para que todos sejamos mais cristificados, amém.

Essas questões levantadas nas homilias analisadas relacionadas ao tempo cronológico e à presença de traços da Renovação Carismática Católica nos faz perceber que esse cenário homilético (digamos assim de um catolicismo carismático) vem sendo construído dentro da Igreja desde meados dos anos 90. A força comunicativa da Igreja vem ganhando cada vez mais espaço, as posturas dos celebrantes vêm sofrendo transformações visando conquistar e manter os fiéis dentro de seus espaços. Mesmo que os celebrantes ou os fiéis não sejam adeptos do movimento carismático, o contorno traz elementos e traços carismáticos cada vez mais fortes e, conseqüentemente as homilias vão ficando voltadas para este cenário, para este horizonte. O padre, antes dedicado e direcionado para aquele pequeno grupo de fiéis, hoje se lança num mundo digital, por meio de ações extra-missa, como devoções e novenas, interagindo com muito mais pessoas, pregando, cantando, influenciando a vida de outros fiéis, sem deixar de lado o seu ofício principal de celebrar a missa.

Isso nos leva a perceber que os celebrantes aqui observados seguem um modelo – visto a grosso modo – configurado com o estilo do hoje santo papa João Paulo II, que trouxe em seu longo pontificado uma dinamicidade para tornar a prática católica mais dialogal, mais acolhedora, mais participativa, ou seja, uma prática que ajude os fiéis a: “redescobrir a presença e a força do Espírito Santo na sua vida, na vida da Igreja e no mundo, despertando em si e em cada um uma fé em Cristo repleta de alegria, um grande amor pela Igreja e uma generosa dedicação à sua missão evangelizadora” (Papa João Paulo II, no discurso de abertura da Conferência Internacional para os Responsáveis do Movimento Carismático Católico, em 1998).

O Papa Bento XVI na Exortação *Verbum Domini*, que aborda a Palavra de Deus na vida e missão da Igreja, disse que:

A homilia constitui uma atualização da mensagem da Sagrada Escritura, de tal modo que os fiéis sejam levados a descobrir a presença e a eficácia da Palavra de Deus no momento atual da sua vida. Aquela deve levar à compreensão do mistério que se celebra; preparando a assembleia para a profissão de fé, a oração universal e a liturgia eucarística (*Verbum Domini*, 2010, n. 59).

Neste intuito, o papa emérito prioriza uma homilia mais voltada para a atualização da Palavra em si, se forma mais limpa (entenda-se aqui sem rodeios, sem firulas, enfaticamente a Palavra e sua mensagem principal).

Comparando a grosso modo o que o papa São João Paulo II e o emérito Bento XVI nos falam sobre a homilia, percebemos que o primeiro enfatiza o estar preparado a sair em missão em comunidade após ouvir a mensagem do Evangelho, enquanto que o segundo pede mais atenção à compreensão de como a mensagem está sendo passada individualmente. Percebemos, pois que nas nossas análises, o estilo de João Paulo II tem mais presença nos modos de falar e como falar pelas homilias ao povo sobre a mensagem de Deus.

Com o Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, vemos que a linguagem dialogal da homilia, no sentido de que não somente o celebrante deve falar ao povo, mas ele próprio deve primeiro, ouvir a mensagem e ouvir o povo, tem mais ênfase. Escutar deve ser sua primeira atitude. “O pregador deve também pôr-se à escuta do povo, para descobrir aquilo que os fiéis precisam ouvir. Um pregador é um contemplativo da Palavra e também um contemplativo do povo” (*Evangelii Gaudium*, 2013, n. 154). O esforço da homilia é de relacionar a mensagem do texto bíblico com a situação humana, relacionar o Evangelho com a vida concreta das pessoas.

Considerações finais

Certa vez ouvimos de um padre amigo que “existem padres que trazem os fiéis para a porta da igreja, e existem outros padres que fazem os fiéis entrarem e ficarem na igreja”. Nas análises aqui realizadas, pudemos perceber que há mais padres / celebrantes / homilistas com o intuito de fazer os fiéis permanecerem, não somente dentro da igreja, mas permanecerem no catolicismo, por meio de ensinamentos passados e vivenciados durante as celebrações litúrgicas e tendo como centro de observação e fonte de informação as homilias.

Percebemos que a homilia é um bem simbólico de muito poder dentro da disputa no campo religioso, e o seu fazer organizado surte muito efeito. A preocupação de como comunicar a mensagem de Deus contida na Palavra surge como uma inquietação diante de uma sociedade fragmentada, recheada de opções consumistas e momentâneas que induzem os fiéis a migrarem para outros espaços que lhe oferecem maior comodidade, o que nos leva a pensar a respeito da fé vivida e transmitida.

A homilia revestida de ensinamentos é capaz de converter e fazer o fiel permanecer dentro daquela igreja que escolheu estar. Bem estruturada, a homilia, ao atingir o coração dos fiéis propicia conversão, que impulsiona oração, que gera ação na vida pessoal, familiar, comunitária e social como um todo. A não eficácia na comunicação homilética resulta em um fluxo constante de fiéis de uma paróquia para outra, de uma igreja para outra, de uma denominação religiosa para outra.

Ao respeitar a cultura de um povo, a homilia, sendo parte da liturgia e indispensável para nutrir a vida cristã católica, concretiza-se com uma linguagem acessível, clara, como constatamos no material analisado. Contudo, para que haja o entendimento dos fiéis sobre o que os homilistas dizem, estes deverão atentar-se não somente ao que devem dizer, mas como devem dizer. É a sintonia, pois como é um gênero que se manifesta mais na oralidade, necessita de elementos extratextuais para dar mais ênfase ao que está sendo comunicado.

Ficou também evidente que os sacerdotes aqui observados no exercício de seu ministério têm consciência de que o púlpito da igreja é mais largo e espaçoso do que parece, vai além das paredes físicas do templo onde estão realizando a celebração. O púlpito, como um lugar simbólico e teológico da proclamação nunca deixará de ser lembrado. Não muda o lugar, muda de lugar, não muda a pregação, muda a forma de pregar do pregador. Além do olhar, da mente e do coração, os espaços se alargam aos meios de comunicação. Alguns dos celebrantes

observados são do meio artístico, bastante conhecidos em redes sociais e nacionalmente, servindo-se desse espaço para cada vez mais aproximar as pessoas de uma vivência com a igreja Católica, trabalhando e explicando o Evangelho não apenas nas celebrações das missas transmitidas em variadas plataformas, como em programas, vídeos, *lives*, etc. Detalhe importante é que todo o corpus foi coletado antes do período pandêmico, que provocou uma grande revolução midiática e comunicacional.

Os celebrantes são considerados profissionais da comunicação por excelência, desde os tempos remotos e, para tanto, precisam buscar ferramentas na comunicação para uma oratória eficaz e efetiva. Sabemos, pois que proferir uma homilia não é fácil, exige preparo e preparação, porém é imprescindível que os elementos constitutivos sejam conhecidos por todos, desde a fase de seminaristas, para que haja uma ligação mais eficaz entre a proclamação da palavra e sua realização na eucaristia. Faz-se necessário compreender que a sua voz é um suporte para a voz presente na Palavra proclamada seja ouvida, e unida às vozes de quem escuta, forme um discurso coerente com as práticas católicas. Os celebrantes aqui observados são provenientes de espaços formativos diferentes, uns com mais tempo de ordenação do que outros, linhas de formação diferentes, mas o empenho em realizar a homilia de forma mais palpável, próxima dos fieis ali reunidos em comunidade ficou clara nas homilias analisadas. Reforçamos aqui que, numa preparação mais consciente e em estudos desde a fase seminarística (ou já enquanto ministério eficazmente), munir-se de leituras da área de Análise do Discurso, aqui utilizadas para a compreensão da polifonia e da discursividade podem contribuir positivamente para a realização do gênero homilia.

Como estamos pensando o catolicismo dentro de um cenário de um campo religioso mais diversificado, e isso decorre de transformações que são da própria cultura, da própria sociedade e da própria dinâmica da igreja, que vem demonstrando um declínio, a homilia aparece como uma das formas de reação, como um artifício do catolicismo frente a uma cultura mais diversificada, mais complexa, mais dinâmica e por consequência também de um campo religioso mais disputado. Cabe à Igreja fazer com que a prática homilética seja embasada desde os primeiros anos de preparação dos celebrantes e que os elementos constitutivos do gênero sejam explicitados, ofertados e sejam de fácil acesso na formação dos sacerdotes.

Referências

ALDAZÁBAL, José. **Ministério da homilia**. São Paulo: Paulinas, 2018.

ALVES, JED, CAVENAGHI, S, BARROS, LFW, CARVALHO, A.A. Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, v. 29, n. 2, 2017.

AZZI, Riolando. **A Igreja Católica na formação da sociedade brasileira**. São Paulo: Santuário, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BECKHAUSER, Alberto. **A comunicação litúrgica: presidência, homilia, meios eletrônicos**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BENEDETTI, Luiz, “Novos rumos do catolicismo”. In: CARRANZA, Brenda et al. (orgs.). **Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno**. São Paulo: Ideias & Letras, 2009.

BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-Sinodal **Verbum Domini**: sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. Brasília: CNBB, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das Trocas Linguísticas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In: MICELLI, Sérgio (org.). Pierre Bourdieu. 5 ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas**. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Catolicismo. Catolicismos? In: TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (orgs.). **Religiões em movimento: o CENSO de 2010**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

CAMURÇA, Marcelo. **Crise ou recomposição do catolicismo na esfera pública: uma análise comparada entre uma literatura da França e do Brasil**. Boletim CEDES, out. /dez. 2011: p1-12.

CARVALHO, Dirce. **Homilia: a questão da linguagem na comunicação oral**. São Paulo: Paulinas, 1993.

CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto Conciliar Inter Mirifica – Sobre os Meios de Comunicação Social**. Disponível em: <http://www.vatican.va>. Acesso em 13 de julho de 2020.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao lecionário**. Brasília: CNBB, 2008.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA DEI VERBUM. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA **LUMEN GENTIUM**. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL **GAUDIUM ET SPES**. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

CONSTITUIÇÃO **SACROSANCTUM CONCILIIUM**. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

COSTA, Alexandre Ferreira; PINTO, Juliana de Sousa. **A prática discursiva homilética: dialogia, gênero e intertextualidade**. Revista Colineares, n 1, vol 1, jan. /jun. 2014.

DATAFOLHA. **Perfil e opinião dos evangélicos no Brasil**. Amostra PO813906, 08/12/2016. Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica /2016/12/1845231-44-dos-evangelicossao-ex-catolicos.shtml>. Acesso em: 18/07/2021.

DECRETO **PRESBYTERORUM ORDINIS**. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

FERNANDES, Silvia Regina Alves. O número de católicos no Brasil – Mobilidades, experimentações e propostas não redutivistas na análise do Censo. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). **Religiões em movimento: o CENSO de 2010**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FONSECA, Paulo José Garcia da. **Pensar a homilia. Discurso, testemunho e contexto**. Dissertação de mestrado. Universidade Católica Portuguesa: Braga, 2019.

FRANCISCO. Exortação Apostólica **Evangelii Gaudium**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2013.

GELINEAU, Joseph (org.). Em **vossas assembleias. Sentido e prática da celebração litúrgica**. São Paulo: Paulinas, 1975.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O Peregrino e o Convertido: a religião em movimento**. Tradução de João Batista Kreuch. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **Catolicismo: a configuração da memória**. Revista de Estudos de Religião – REVER. N.º 02, Ano:2005, pp. 87-107. ISSN 1677-1222

INSTRUÇÃO **INTER OECUMENICI**: Para a reta aplicação da constituição sobre a sagrada Liturgia do Concílio Vaticano II. **DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

LIBANIO, João Batista. **Como saborear a celebração eucarística?** 8. ed. Coleção Questões de fé. São Paulo: Paulus, 2019.

KOCH, Ingedore. **Argumentação e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

KONINGS, Johan; MORI, Geraldo Luiz de. A evolução da Igreja Católica no Brasil à luz de pesquisas recentes. **Horizonte**. v.10, n.28, p.1208-1229, out. /dez. 2012.

MAINGUENAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 2. ed. Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1993.

MALDONADO, Luis. **A homilia – pregação, liturgia, comunidade**. São Paulo: Paulus, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela (Org.). **Fala e Escrita**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MENDES, Margarida. **A oratória barroca de Vieira**. Lisboa: Caminho Editorial, 1995.

MARIZ, Cecília. Catolicismo no Brasil contemporâneo: reavivamento e diversidade. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

O'MILLEY, John. **A ebulição do mundo moderno e a reação da igreja no Vaticano I**. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/589681-a-ebulicao-do-mundo-moderno-e-a-reacao-da-igreja-no-vaticano-i-entrevista-especial-com-john-o-malley> Acesso em 19 de junho 2021.

OLIVEIRA, Pedro. A teoria do trabalho religioso em Pierre Bourdieu. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). **Sociologia da Religião: enfoques teóricos**. Petrópolis: Vozes, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2 ed. Campinas: Pontes, 1987.

PIERUCCI, Antônio. O crescimento da liberdade religiosa e o declínio da religião tradicional: a propósito do CENSO de 2010. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). **Religiões em movimento: o CENSO de 2010**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

POÇAS, Antonio Rafael Moreira. **Homilia: arte de servir a Palavra e a assembleia**. Dissertação de mestrado. Universidade Católica Portuguesa: Braga, 2012.

SANCHIS, Pierre (org.). **Catolicismo: Modernidade e Tradição**. São Paulo: Loyola, 1992.

SANCHIS, Pierre. O repto pentecostal à cultura católico-brasileira. In: ANTONIAZZI, Alberto (org.). **Nem anjos, nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

SANCHIS, Pierre. Perspectivas antropológicas sobre o catolicismo. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). **Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

SBARDELOTTO, Moisés. **Comunicar a fé. Por quê? Para quem? Com quem?** Petrópolis: Vozes, 2020.

SOFIATI, Flavio; MOREIRA, Alberto. **Catolicismo Brasileiro: um painel da literatura contemporânea.** Revista Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 38(2): 277-301, 2018.

STEIL, Carlos Alberto; TONIOL, Rodrigo. **Catolicismo e a Igreja Católica no Brasil à luz dos dados sobre religião no Censo de 2010.** Debates do NER, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 223-243, jul. /dez. 2013.

TAMANINI-ADAMIS, Fátima; PIRES, Vera Lúcia; **Desenvolvimento do conceito bakhtiniano de polifonia.** Estudos Semióticos. [on-line]. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es> i. Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Vol. 6, n. 2, São Paulo, nov 2010, p. 66–76. Acesso em 18/07/2021.

TEIXEIRA, Faustino. **Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo.** Revista USP, São Paulo, n. 67, p. 14-23, set. /nov. 2005.

THOMSON, Patrícia. Campo. In: GRENFEL, Michael. **Pierre Bourdieu. Conceitos Fundamentais.** Petrópolis, VOZES, 2018.

TORRE, Renée de la. **El campo religioso, una herramienta de duda radical para combatir la creencia radical.** Revista Universidad de Guadalajara, num. 27, 2002, p. 45-50. (tradução pelo Google Tradutor)

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A caracterização de categorias de textos: tipos, gêneros e espécies.** Alfa: Revista de Linguística, v. 51, p. 39-79, 2007.

TRUDEL, Jacques. **Homilia – Formação e arte de comunicar.** São Paulo: Paulus, 2015.

VIEIRA, Dilermando. **História do Catolicismo no Brasil.** 1.ed. vol.1 – 1500 a 1889. São Paulo: Santuário, 2016.

VIEIRA, Dilermando. **História do Catolicismo no Brasil.** 1.ed. vol.2 – 1889 a 1945. São Paulo: Santuário, 2017.